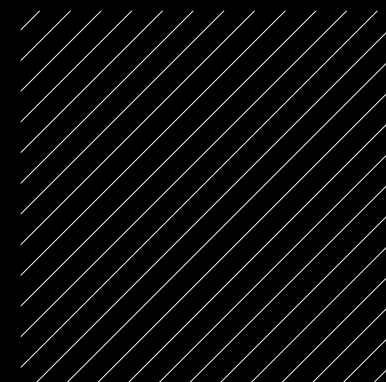


MEMORIAL

Memorial Visual e Textual das
Exposições da Galeria de Artes
Agostinho Duarte.



GALERIA AGOSTINHO DUARTE

EXPOSIÇÕES DE
2011 A 2017


ARGOS
Editora da UnoChapecó

Chapecó, 2019

**ARTES
VISUAIS** 


UNOCHAPECÓ

Reitor: Claudio Alcides Jacoski
Pró-Reitora de Graduação e Vice-Reitora: Silvana Muraro Wildner
Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão, Inovação e Pós-Graduação: Leonel Piovezana
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Márcio da Paixão Rodrigues
Pró-Reitor de Administração: José Alexandre de Toni

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Vanessa da Silva Corralo

Este livro ou parte dele não podem ser reproduzidos por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

M533m Memorial visual e textual das exposições da Galeria de Artes Agostinho Duarte : exposições de 2011 a 2017 / [recurso eletrônico] Márcia Moreno (Coord.) ; Alini Lopes (Bolsista).-- 1. ed. -- Chapecó, SC . 2019. 135 p.: il. color.;

ISBN: 978-85-7897-311-7

1. Artes Visuais - Santa Catarina. 2. Exposições - Arte. I. Moreno, Márcia. II. Lopes, Alini. III. Título.

CDD: Ed. 23 -- 709.8164

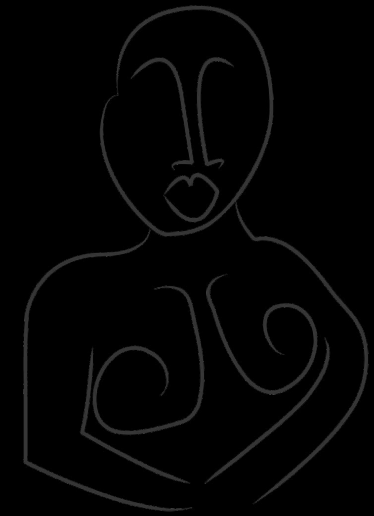
Catálogo elaborado por Viviane Formighieri Müller CRB 14/1598
Biblioteca Central da UnoChapecó

Servidão Anjo da Guarda, 295-D - Bairro Efapi - Chapecó (SC) - 89809-900 - Caixa Postal 1141
(49) 3321 8218 - argos@unochapeco.edu.br - www.unochapeco.edu.br/argos

Coordenadora: Rosane Natalina Meneghetti Silveira

Conselho Editorial

Titulares: Clodoaldo Antônio de Sá (presidente), Cristian Bau Dal Magro (vice-presidente),
Rosane Natalina Meneghetti Silveira, Cesar da Silva Camargo, Gustavo Lopes Colpani,
Vanessa da Silva Corralo, Hilario Junior dos Santos, Leonel Piovezana,
Circe Mara Marques, André Luiz Onghero, Cleunice Zanella.
Suplentes: Maria Assunta Busato, Rodrigo Oliveira de Oliveira, Rosana Maria Badalotti,
Josiane Maria Muneron de Mello, Reginaldo Pereira, Idir Canzi.



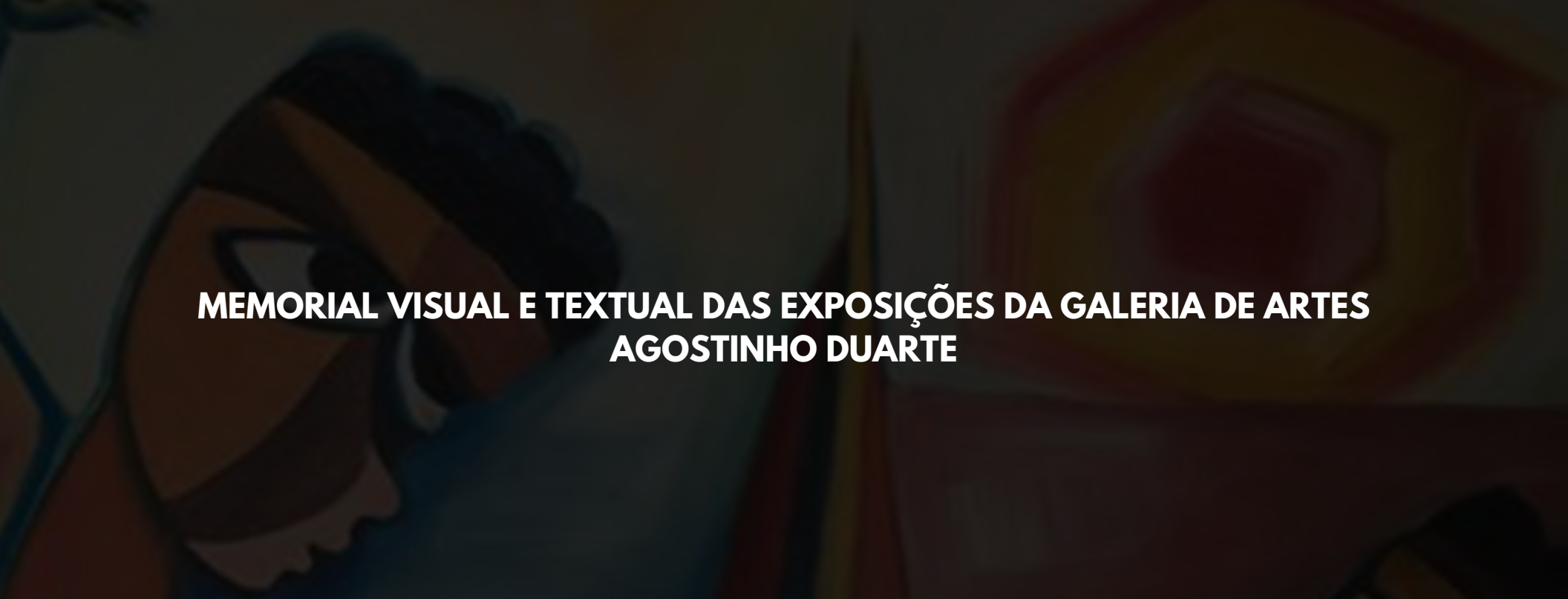
**COORDENADORA DO PROJETO:
MÁRCIA MORENO**

BOLSISTA: ALINI LOPES

**MEMORIAL VISUAL E TEXTUAL
DAS EXPOSIÇÕES DA GALERIA
DE ARTES AGOSTINHO DUARTE**

1ª EDIÇÃO/E-BOOK

CHAPECÓ/SC 2019



MEMORIAL VISUAL E TEXTUAL DAS EXPOSIÇÕES DA GALERIA DE ARTES AGOSTINHO DUARTE

SUMÁRIO

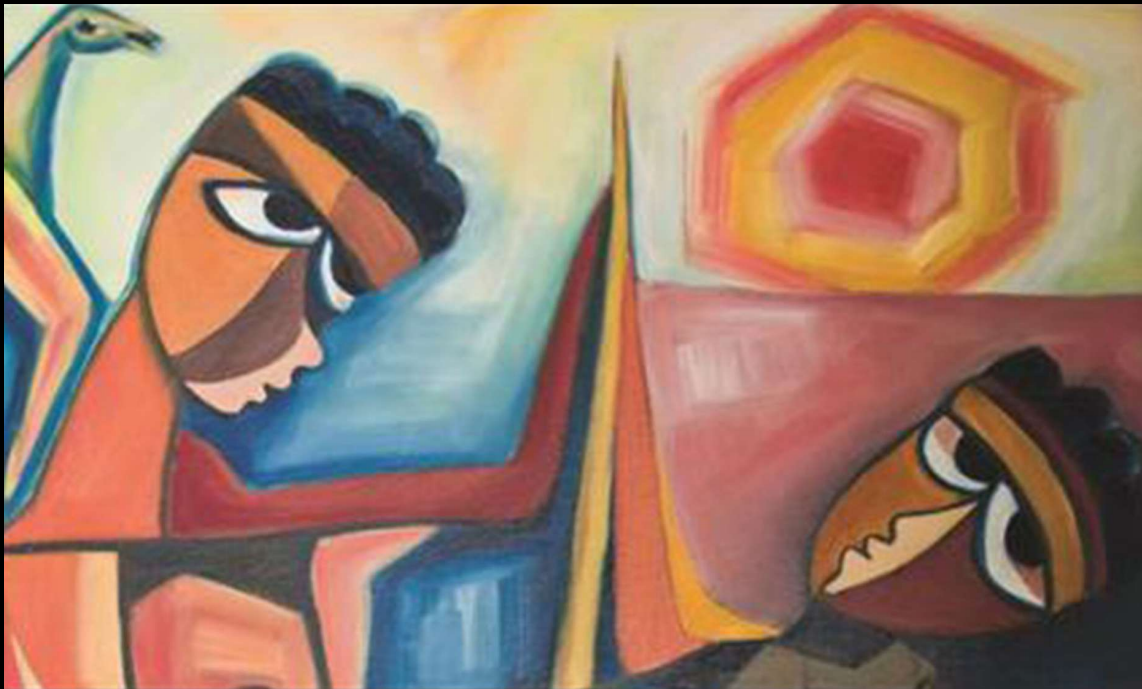
FUNDAÇÃO OBJETIVANDO	02
AMBIENTE DA GALERIA	03
VIDA E OBRA DE AGOSTINHO DUARTE	04
DIVULGAÇÃO	06
2011 EXPOSIÇÕES	07
A Poética no Espaço	08
Cidade Adentro	10
Diferença e Repetição	12
Do Clássico ao Néó - Pescocismo	14
Paisagens	16
Himba	18
Home, Home, Away From Home - Intercâmbio Cultural	20



Lar Longe de Casa	22
Fragmentos de Uma Vida Não Vivida	23
Flores do Mal	24
Monstros Fantásticos e Criaturas Lúdicas	25
2012 EXPOSIÇÕES	27
Resíduos de Minha Vida	28
Xilogravuras	29
Códigos Urbanos	30
Anima Mundo	32
(Des) Conexões	34
Detalhes	36
Do Tamanho que Você Imagina	37
Paisagens do Tempo	38
Tá Escuro Aqui	40
Eletronic Sessions	42
Experiências	44
2013 EXPOSIÇÕES	45
Paris Monochrome - Retratos da Cidade Luz	46
A Paisagem Real	48
Prêt - A - Porter	50
Amante de Múltiplas e Variadas Artes	52
Memorial do Esquecimento	54
Chegadas e Partidas	55
Arte em Movimento	57
2014 EXPOSIÇÕES	59
Retro 2013	60
Inconsciente Expressivo	61
Paisagens Inventadas	63
Velhos, Retratos de Suas Trajetórias	65
Festival do Minuto	67
Pequenos Formatos	69
Mergulho Urbano	71
Paradoxo? Analogia?	73
Entreolhares	76



2015 EXPOSIÇÕES	77
Levado Pela Arte e Aventura	78
A Memória do Outro	79
De Todas as Cores	80
Imagens Mediadas	82
Fragmentos Autunais	84
O Corte ao Contrário	86
Espaços de (Im) Permanência	88
Capitão Chumbinho In o Mundo Nunca Foi Tão Grande	90
Poesia em RX	92
New York Não só Para os Olhos	94
Múltiplos Olhares	95
2016 EXPOSIÇÕES	96
Retrospectiva 2015	97
Sobre a Mesa	98
Monumentalidade Urbana Decadente	100
Ancestralidade	102
Gravuras	104
Escrevo-te a Mim Mesma Daquilo que Está Onde Não Há	106
Carvalho	108
Arte Como Experiência	110
Coletivo Mimese	112
2017 EXPOSIÇÕES	113
Arte e Incertezas	114
Transparecer	115
Espera	117
Memórias À Mesa	119
Entre Corpos	121
Sono Le Tre	123
Coleção Paulo Dalacorte	124
Interações: Arte e Ciência	126
Arte e Gênero	128
AGRADECIMENTOS	130
SOBRE O PROJETO	131



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

FUNDAÇÃO

Fundada em 11 de maio de 2011, a Galeria de Artes Agostinho Duarte é um ambiente artístico-cultural e está vinculada ao curso de Artes Visuais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Localizada no Bloco C, tem a finalidade de promover manifestações artísticas e culturais e de proporcionar a difusão das Artes Visuais em Chapecó, assim contribuindo para o desenvolvimento da região.

PRINCIPAIS OBJETIVOS DE ATUAÇÃO DA GALERIA DE ARTES AGOSTINHO DUARTE



OBJETIVANDO

DO ARTISTA PARA A COMUNIDADE

- Estabelecer-se como espaço para a divulgação das Artes Visuais de âmbitos local, regional, nacional e internacional;
- contribuir para a formação estética e cultural da comunidade em geral;
- preservar, ampliar e divulgar o acervo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó - e das produções elaboradas por alunos e professores;
- estabelecer convênios e intercâmbios culturais e artísticos com outras galerias e museus, assim como com diversas instituições culturais de ensino;
- estimular debates e reflexões sobre arte moderna e contemporânea;
- incentivar a pesquisa em Artes Visuais e suas interfaces;
- promover ações educativas visando à formação em Arte.



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

AMBIENTE DA GALERIA

A Galeria de Artes conta com um amplo espaço localizada no Bloco C da Universidade - em anexo ao estabelecimento comercial Delicately's - e visa a uma melhor qualificação para atender e apresentar as obras de arte que nela se instalam. Também disponibiliza, na recepção, diferentes materiais sobre os trabalhos artísticos expostos, na intenção de inteirar o público à presença da obra de arte, informando-o sobre ela e tornando favorável tanto a compreensão das obras quanto a participação dos visitantes nos eventos programados.

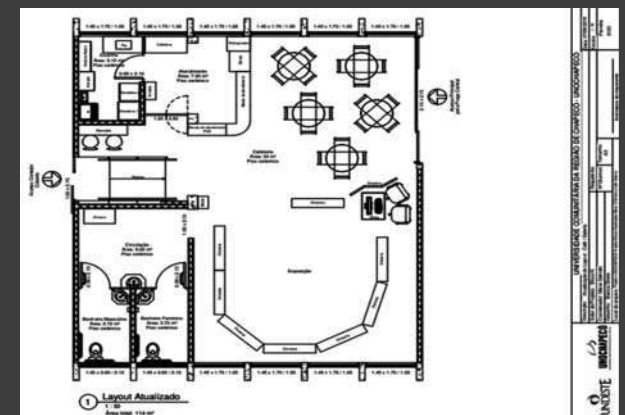
A Galeria de Artes também possui estagiários tanto para o atendimento ao público quanto para o desenvolvimento de atividades relacionadas aos temas das exposições, no intuito de melhor atender alunos e professores de escolas e de outros centros de cultura.



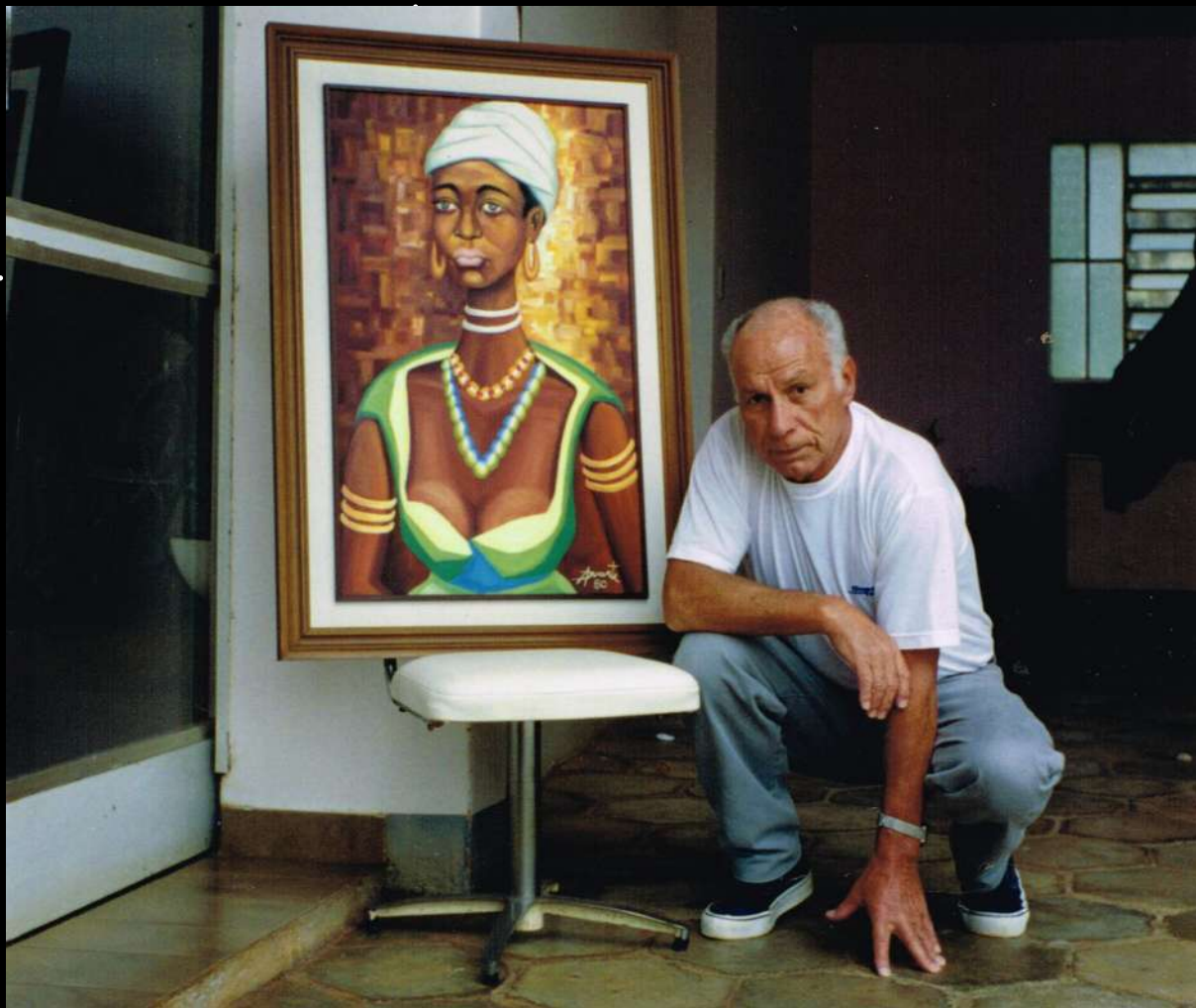
Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

“A pessoa que não pinta é menos feliz do que eu, pois ela não se torna consciente das dificuldades e das deficiências da realidade que a cerca; por isso, é tão inconformada e rebelde.”
(Agostinho Duarte, 1999).

VIDA E OBRA DE AGOSTINHO DUARTE

O ARTISTA

“Essa frase resume o pensamento de Agostinho Duarte. Nascido em Goulinho, em Portugal, residiu em Moçambique, na África, e, de lá, veio ao Brasil, se fixando, em 1976, no oeste catarinense, em Chapecó, cidade que adotou como sua pátria-mãe. Sua vida foi dedicada à arte e, em 1979, fundou, com mais quatro artistas – entre eles, pintores e escultores –, o grupo CHAP. Em 1982, criou o Salão de Artes de Chapecó, além de ter sido, no mesmo ano, um dos fundadores da Associação Chapecoense de escritores.

AGOSTINHO DUARTE PELO MUNDO

Ao longo da vida, o artista plástico português Agostinho Duarte produziu cerca de 250 exposições, entre individuais e coletivas, no Brasil, em Moçambique, em Portugal e na Espanha.



INFLUÊNCIA CUBISTA E EXPRESSIONISTA

As obras de Duarte apresentam influências cubistas e expressionistas, variam de tema de acordo com a região em que viveu e pela qual se apaixonou; no entanto, as negras de Moçambique, com seus turbantes e seios exuberantes, nunca deixaram de existir em suas telas. O colorido vibrante e as pinceladas pastosas estão presentes em todos os seus trabalhos e perpassam ainda por outros temas de suas telas, como as cidades e a música. Em muitos de seus quadros, podemos perceber, nas linhas e nas cores, o ritmo e a harmonia dos instrumentos de corda, como o violão e o piano.

Além de artista, Agostinho mantinha uma preocupação com o ensino, principalmente no que se referia aos aspectos social e cultural de onde vivia. Assim como reclamava da carência cultural da maior cidade do Oeste de Santa Catarina, lutava para mudar essa realidade, unindo grupos de artistas, de escritores, realizando exposições, entre outras propostas, pois era dessa forma que pretendia chegar mais perto das pessoas.

Deixando uma grande quantidade de obras, um exemplo de vida e uma inspiração em arte, falece, em 2004, em Chapecó, lugar em que fez a sua história. Tendo em vista a importância desse inovador e batalhador artista, nada mais justo do atribuir à Galeria de Arte o seu nome: forma de homenageá-lo, também por ter sido um grande defensor dos espaços democráticos de arte e fomento cultural, o que vem ao encontro dos reais objetivos desse lugar dentro da Universidade".

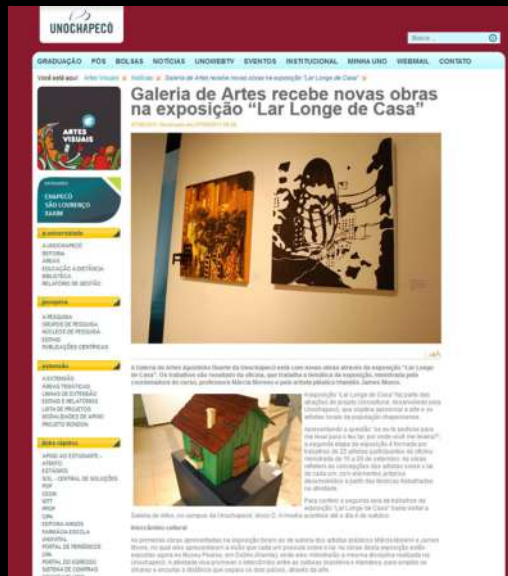
Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

-- Prof^a. Me. Sonia Monego/Unochapecó.

DIVULGAÇÃO

As exposições que são selecionadas ou efetivadas por meio de convite são inseridas no calendário expositivo do ano seguinte. Antes da data prevista para a abertura das exposições, em torno de 15 dias, inicia-se o trabalho de elaboração dos materiais de publicidade - tanto os impressos, em sua diagramação e impressão, quanto os que se dão por outros meios - pela agência de publicidade da Universidade, ACIN. Depois disso, passa-se à divulgação propriamente dita, por diferentes meios, pela própria Galeria e pela Universidade e também via convênios estabelecidos por essas instituições junto a outros veículos de informação.

ALGUNS CLIPS



Rede social - Facebook:
Curso de Artes visuais:
@artesvisuaisunochapeco
Galeria de Arte:
@galeriaagostinhoduarte

E-mail para a Instituição e comunidade artística e em geral.

Rádio Antena 1 - Bairro Efapi -
Convênio firmado no início de 2015.

Agenda cultural SC - Jornal virtual e impresso.

Programa Ver mais - TV Ric Record, na realização de algumas entrevistas no espaço da Galeria.

Jornais de circulação em Chapecó e região como o Diário do Iguaçu, Folha de Chapecó, entre outros.

Imprensa Unochapecó - Com divulgação no site da Universidade.

UnowebTV - Programa da Universidade, entre outros.



2011

EXPOSIÇÕES

O ano de 2011 contou com 11 exposições em seu espaço, por meio de seleções via edital e por convites mediados pela Coordenação da Galeria. Com temáticas e técnicas contemporâneas, a riqueza de sua diversidade permite olhares diferenciados do acadêmico da Arte da Instituição, de profissionais de segmentos outros e das pessoas da comunidade em geral.

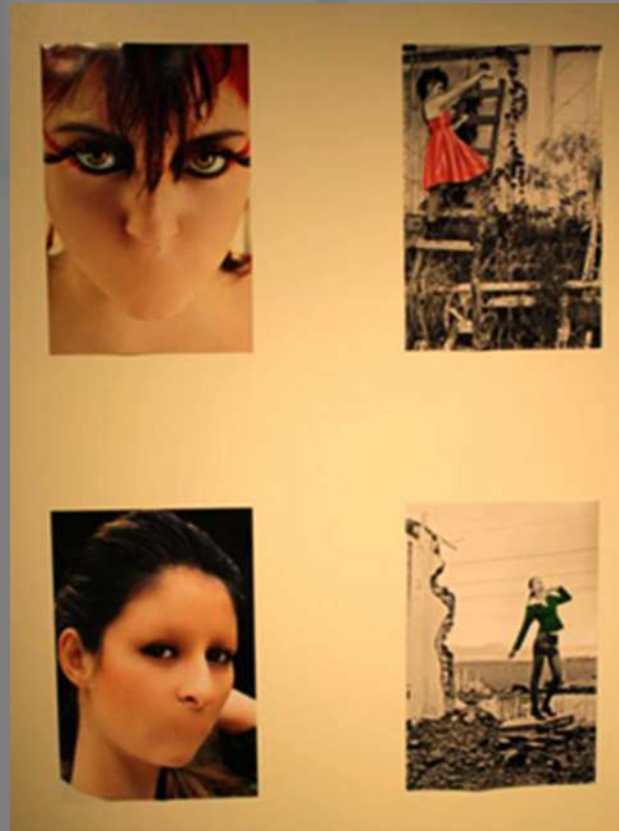
A POÉTICA NO ESPAÇO

Grupo de Artistas Fronte - GAF
Período: de 11/05/11 a 10/06/11

"Intitulada "A Poética do Espaço", a exposição de abertura da Galeria de Arte Agostinho Duarte apresenta obras de um grupo de artistas formado por acadêmicos do curso de Artes Visuais da Unochapecó, o Grupo de Artistas Fronte – GAF –, que, a partir do texto de Gaston Bachelard, constrói produções e desenvolve pesquisas poéticas a respeito da importância das moradas em nossas vidas".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

"A casa é o nosso primeiro universo. As diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam lembranças em um misto de fantasia e lembrança."
-- Gaston Bachelard.



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



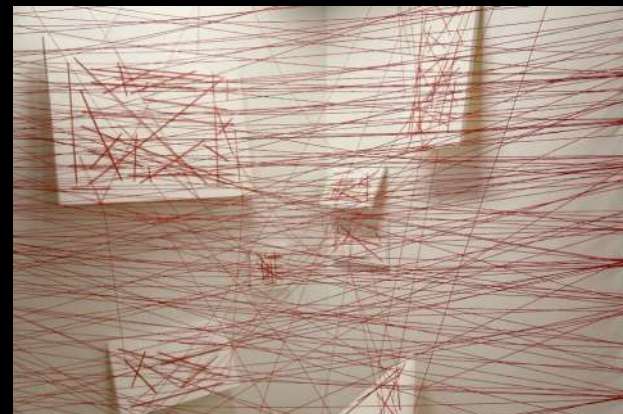
SOBRE O GAF

"O Grupo de Artistas Fronte – GAF – surgiu em 2011, momento posterior à criação do grupo de professores/pesquisadores/artistas do curso de Artes Visuais, constituído em 2008, e buscou ampliar os diálogos em/sobre arte propostos pelo curso. O Grupo Fronte teve sua gênese com base nas inquietações dos professores – os quais também atuam como artistas –, o que promoveu uma aproximação entre os grupos no que concerne a discussões quanto à produção artística na contemporaneidade.

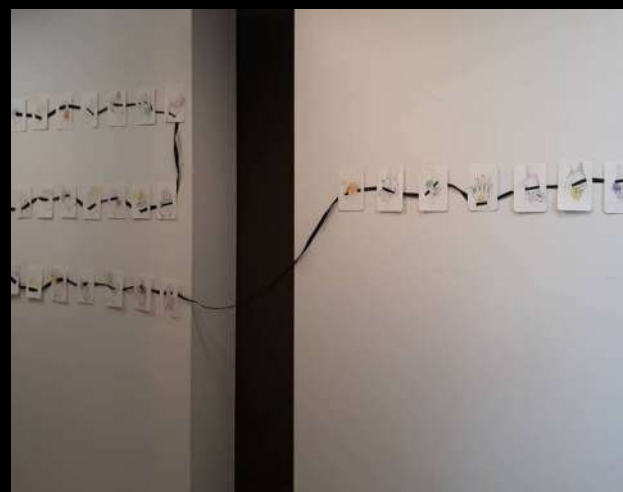
Essa experiência agrega conhecimentos das diversas linguagens da Arte Contemporânea, evidenciando a autonomia e a subjetividade individual através de projetos de criação motivados por direcionamentos temáticos e conceituais. As atividades do GAF promovem a formação de grupos de estudo e de pesquisa que resultam em exposições de arte, constituindo-se em oportunidade para a iniciação de uma trajetória como artista visual, revelando, desta forma, um campo para atuação dos futuros egressos.

O grupo continua ativo e sempre busca expor obras contemporâneas desenvolvidas por acadêmicos do curso com o auxílio dos professores".

-- Professora Me. Márcia Moreno (2011, Unochapecó)



Fonte: www.unochapeco.edu.br > Exposição GAF 2018.



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte > Exposição GAF 2018.



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte > Exposição GAF 2018.

CIDADE ADENTRO

Grupo Adentro

Período: de 15/06/11 a 24/06/11

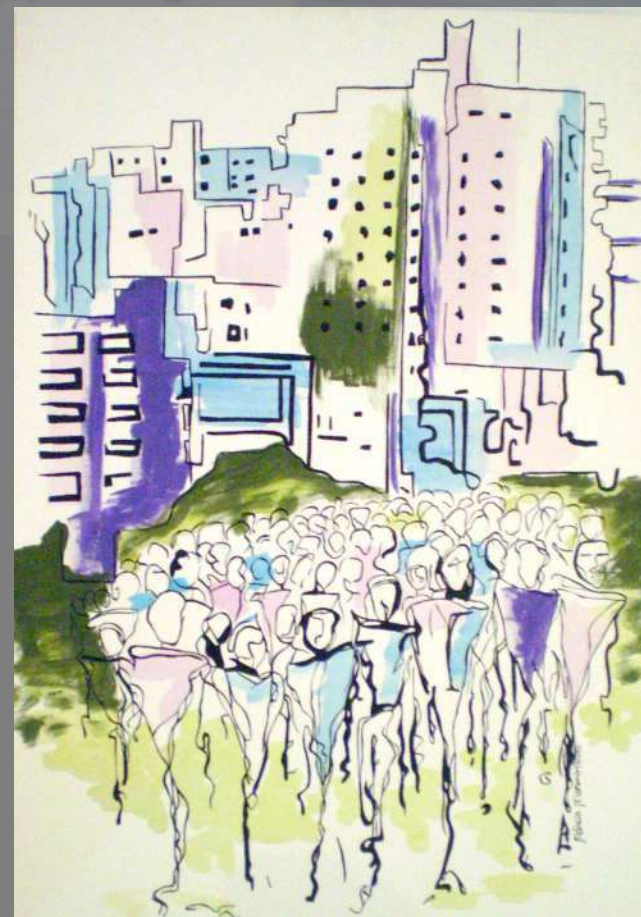
“As cidades são as paisagens contemporâneas”, instiga-nos Brissac, e as obras desses artistas propõem uma reflexão diante de um horizonte que não se deixa perpassar, em seus vazios, seus símbolos e monumentos, em seus fluxos que se deslocam, nas/pelas ruínas abandonadas ao tempo natural a dar lugar à verticalidade acentuada das edificações, o silêncio e a memória do que foram a conviver nas lembranças, nas imagens, nas coisas que não querem se perder.

O futuro presente da cidade que segue para todos os lados, deixando suas marcas escondidas, ou explícitas demais, apresenta registros aos olhos do artista que não passa imune à sua presença, tangível e inquietante.

Um mergulho interior, um olhar que busca abordar as obras dos artistas enfocados em referências outras, em áreas distintas, territórios intermediários, de transição e diferentes suportes formam uma paisagem que se faz necessária e fragmentada, um recorte possível e diferente da relação entre arte e cidade, redescobrimo-a”.

--Sonia Loren

Artistas: Aracéli Nichelle, Cesar Zanin, Cristina Luviza, Gina Zanini, Janaina Piccoli, Luciano Guralski, Márcia Moreno, Nícia Costella, Sid Geremia, Sonia Loren e Tania Stempkowski.



Fonte: Imagens Acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A ADENTRO

Atualmente, a “Adentro” é composta pelas artistas Ana Monari, AryanaRech, Cristina Luviza, Diana Chiodelli, LeoniceAraldi, Sonia Loren e Tânia Stempkouski.

Contato:

Facebook: @adentroarte

O grupo participou de várias exposições durante os seus oito anos de existência, nos âmbitos municipal e estadual, contando também com uma participação no âmbito internacional.

Os artistas da Adentro trabalham com várias temáticas e distintas linguagens, como pintura, fotografia, performance, objeto arte, vídeo arte, instalações, intervenções, land’art, mídia digital e desenho. Todos os integrantes possuem, no currículo, exposições individuais e coletivas; alguns ainda contam com participações em Salões de Arte e em exposições internacionais.

PARTICIPAÇÕES E EXPOSIÇÕES:

- MAB (Museu de Arte de Blumenau), com curadoria de Fernando Lindote;
- MAJ (Museu de Arte de Joinville);
- Galeria de Arte Plínio Arlindo de Nes, com curadoria de Lindote;
- Exposições pelo edital do Sesc/SC em Jaraguá do Sul e São Bento do Sul, com curadoria de Fernando Boppré e de Diane Sbardelotto;
- Exposição na Galeria Dalme Marie Grandorauen;
- Galeria Agostinho Duarte;
- Bienal de Land’Art da Suíça/2017;
- Edital de Linguagens de Chapecó “Tramas Curatoriais – Adentro em dobro”, com curadoria de Franzóji;
- “Entre pontes e pinguelas - Microrresidências em comunidades do interior de Chapecó”, com resultado de livro, blog e exposições itinerantes dentro das comunidades;
- “Entre pontes e pinguelas - Microrresidências em comunidades do interior de Chapecó”, no teatro do Sesc Chapecó, CEOM e Unochapecó;
- Apresentação em livro no Projeto Armazém, MASC/Florianópolis/2018.

UM BREVE DEPOIMENTO



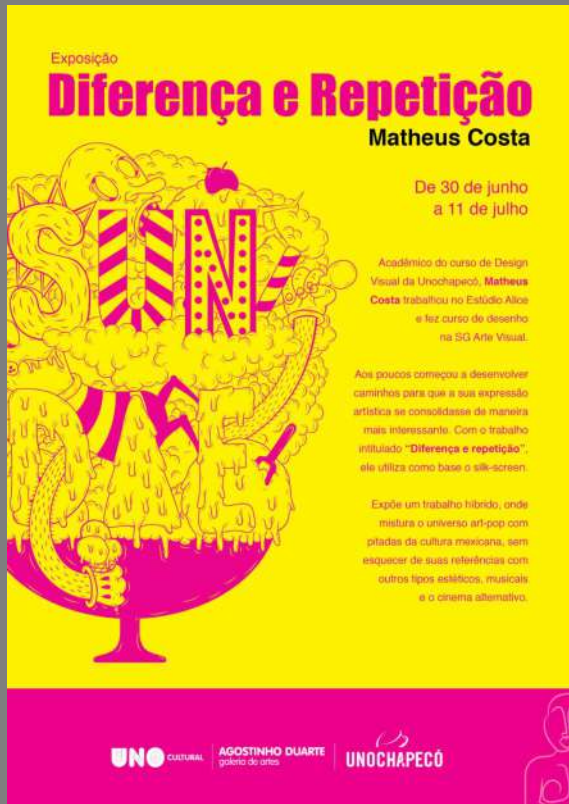
Fonte: Acervo Particular da Artista

"Quando a Adentro expôs na Galeria de Arte Agostinho Duarte, foi por meio do edital de seleção, e nós não só estávamos no início das atividades do grupo, como estávamos também em um momento de muitas experimentações. Foi bom expor em uma Galeria anexada à Universidade e perceber o envolvimento dos artistas – muitos deles são egressos do curso de Artes Visuais e de outros cursos – e da comunidade acadêmica, ver as visitas e saber das curiosidades despertadas. A Galeria Agostinho Duarte é um espaço importante para os artistas em Chapecó e para o curso de Artes Visuais, bem como para todos os interessados nas Artes em geral."
-- Sonia Loren

DIFERENÇA E REPETIÇÃO

Matheus Costa

Período: de 30/06/11 a 11/07/11



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"Através do Unocultural, expôs um trabalho híbrido, onde mistura o universo pop com pitadas da cultura mexicana, sem se esquecer de suas referências com outros tipos de arte. No trabalho intitulado "Diferença e repetição", ele utiliza como base o silk-screen".

"Matheus Costa, aos poucos, começou a desenvolver caminhos para que a sua expressão artística se consolidasse de maneira mais interessante. Suas influências são diversas, e o seu trabalho é híbrido. Num primeiro momento, reflete esse universo da art-pop, mas é fácil perceber, no entanto, influências de filmes B, música e cultura mexicana. O trabalho é de ilustração, mas as referências vêm de diversas áreas. Matheus admira e cita artistas muito díspares entre si, como Salvador Dali, Jose Guadalupe Posada, Hayao Miyazaki, Ed Roth, James Murphy, Mcbess".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: www.facebook.com/matheuscosta085



Fonte: www.facebook.com/matheuscosta085

SOBRE O ARTISTA

Matheus Costa é natural de Chapecó/SC e é formado em Design Visual pela Unochapecó.

Já trabalhou no Estúdio Alice e fez curso de desenho na SG Arte Visual. Também domina a Arte em pintura digital. Sua exposição, na Galeria de Arte Agostinho Duarte, foi por meio de um convite; depois de fazer a exposição no Unocultural, "Diferença e Repetição" ganhou vida dentro da Galeria de Arte. Atualmente, o principal foco do artista envolve trabalhos na área de design e ilustração para animação, assim como projetos que envolvem ilustração editorial.

CONTATO

Para maiores informações sobre o artista:
Perfil no Instagram: [@matheuscosta085](https://www.instagram.com/matheuscosta085)

UM BREVE DEPOIMENTO



Fonte: Acervo Particular do Artista

"A experiência foi bem positiva, estava no início do meu trabalho de ilustração e ainda com um pouco de medo de mostrar o que fazia; mas, no fim, isso ajudou na evolução e na continuidade do meu trabalho."

-- Matheus Costa.

DO CLÁSSICO AO NEO- PESCOCISMO

Fábio Daniel Vieira


Período: de 01/08/11 a 08/08/11

"Através do Unocultural, Fabio Daniel Vieira tem sua primeira exposição individual. Os trabalhos foram realizados com base na distorção da figura humana, resultado das lembranças de imagens de um documentário sobre as mulheres Padaungs da Tailândia e seus longos pescoços com argolas, mais conhecidas como mulheres-girafas.

Posteriormente, o artista buscou, através do cotidiano, referências visuais – envolvendo memórias de infância, animações e imagens de obras de arte – para serem aplicadas em suas criações".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

Exposição
Do clássico ao Neo-pescocismo
Fábio Daniel Vieira
até 08 de agosto



Fábio Daniel Vieira iniciou no desenho aos 14 anos. Formou-se em Artes Visuais e é pós graduando em Docência na Educação Superior pela Unochapecó, onde ministra aulas de desenho e ilustração nos cursos de Design Visual e Design de Moda. É também professor de desenho na Escola S3 Arte Visual.

Apresenta através do Unocultural sua primeira exposição individual. Os trabalhos foram realizados com base na distorção da figura humana, resultado das lembranças de imagens em um documentário, sobre as mulheres Padaungs da Tailândia e seus longos pescoços com argolas, mais conhecidas como mulheres girafas. Posteriormente, buscaram-se através do cotidiano, referências visuais para serem aplicadas nas criações, envolvendo memórias de infância, filmes, animações e imagens de obras de arte.

UNOCULTURAL AGOSTINHO DUARTE galeria do artes UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte

SOBRE O ARTISTA



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

Fábio Daniel Vieira nasceu em Chapecó/SC e é nessa cidade que sempre residiu. Começou a estudar desenho aos 14 anos. É formado em Artes Visuais e possui pós-graduação em Docência na Educação Superior, ambos pela Unochapecó.

Atua como professor na Área de Ciências Sociais Aplicadas, nos cursos de Produção Audiovisual, Design e Moda; também coordena o curso de Bacharelado em Moda. Atualmente, desenvolve trabalhos em Artes Visuais, sem compromissos financeiros, ou de produção para o currículo ou para exposições. Faz, em média, um ou dois trabalhos plásticos por ano. Utiliza o desenho em sketchbook para estudos, a partir dos quais, posteriormente, desenvolve telas ou painéis, pinturas aplicadas com tintas guache, óleo, aquarelas ou acrílicas. Está sempre buscando exposições.

Expôs na Galeria por convite do Unocultural.

UM BREVE DEPOIMENTO:



Fonte: Acervo Particular do Artista

"Expor na Galeria foi muito profissional... fiquei contente por isso, expor em uma galeria que teve, no curso de Artes, fomento e idealização. Lembro-me de quando era estudante do curso de Artes Visuais, a Galeria era um sonho que estava sendo construído. Usávamos para expor outros espaços, como plenários e o Aquário que era localizado no terceiro piso do bloco R, ou G... Não me recordo direito..."
-- Fábio Daniel Vieira


PAISAGENS

Antonio Dante Acosta

Período: de 15/08/11 a 22/08/11

"Acosta é graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Participou de exposições coletivas e individuais em Santa Maria/RS, Salvador/BA, Curitiba/PR; teve trabalhos de intervenção urbana selecionados e realizados em Santa Maria/RS, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ; participou do 40º Festival de Inverno da UFMG, em Diamantina/MG. Atualmente, é articulador de Artes Visuais da Fundação Cultural Chapecó e técnico do Programa de Cultura SESC-Chapecó".

Exposição
PAISAGENS
Antonio Dante Acosta
De 15 (Vernissage: 20h30) até 22 de agosto



Antonio Acosta é Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais. Participou de exposições coletivas e individuais em Santa Maria-RS, Salvador-BA, Curitiba-PR, além de trabalhos de intervenção urbana selecionados e realizados em Santa Maria-RS, Curitiba-PR, São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, e participação no 40º Festival de Inverno da UFMG, em Diamantina-MG. Atualmente é articulador de Artes Visuais da Fundação Cultural de Chapecó, e Técnico do Programa de Cultura do SESC Chapecó.

Com um material plástico utiliza-se elementos da fotografia, pintura, desenho, o vídeo e a intervenção urbana. Tem uma relação próxima com o pensamento paisagístico através das formas de ver e educar através das imagens, propostas pelos tratados paisagísticos e pelos jardins paisagísticos da Europa e China a partir do século XVIII. Além disso, possui referências na Arte da Memória, que enfoca a relação entre os lugares e as imagens.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de arte

UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"Em seu trabalho plástico, Antonio Dante Acosta utiliza-se de elementos da fotografia, da pintura, do desenho, do vídeo e da intervenção urbana. Tem uma relação próxima com o pensamento paisagístico através das formas de ver e de educar através das imagens, propostas pelos tratados paisagísticos e pelos jardins paisagísticos da Europa e da China a partir do século XVIII. Além disso, possui referências na Arte da Memória, que enfoca a relação entre os lugares e as imagens".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/ada.ubac

"Dante Acosta é natural de São Borja/RS. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade de Santa Maria (UFSM) e Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atuou em Chapecó como professor universitário, ministrando aulas de desenho, escultura e produção cultural em Artes Visuais. Tem experiência com cenografia e produção cultural, montagem e curadoria de exposições de arte desde 2003. Atualmente, vive e trabalha em Washington DC/EUA".

"O mote de trabalho de Dante transita pelo conceito de paisagem como disparador de proposições estéticas, seja a natural, seja a construída e fragmentada.

"Algumas fotografias parecem frases de cinema."

Tem como referências ilustrações didáticas, livros e geografia. Suas obras sugerem o tempo suspenso, os ponteiros do relógio insistem em permanecer no mesmo lugar; porém, por meio da delicadeza do olhar do artista, surge outra paisagem, um espaço conciso e que reverbera pulsante em formas, escritas e em transparências. Às vezes, coleta poeira; noutras, flores. Em meio a gavetas de madeira, guarda resquícios de tempos antigos. Por entre as nuvens, vê-se um sujeito sem rosto, um menino acalentado, preenchido por traços vivos em movimento.

A fotografia, no trabalho de Dante Acosta, é, em muitos casos, base para seus desenhos e pinturas. Quando ela passa a ser linguagem, o artista a desconstrói, mostra fragmentos do referente, sobrepõe imagens e textos, cria uma imagem que apresenta códigos".

HIMBA

Zelir Angonese

Período: de 24/08/11 a 05/09/11

Exposição
HIMBA
Zelir Angonese
De 24 de agosto até 05 de setembro



Zelir Angonese é uma artista autodidata, especializou-se na pintura em tela, foi professora do curso de pintura e patina de 2002 a 2004 no SESC Xanxerê-SC. Atualmente ministra cursos de tela no ateliê Galeria das Artes Zelir Angonese. Participou de exposições coletivas e individuais em Ouro Verde-SC, Xanxerê-SC, São Domingos-SC e Concórdia-SC. Em 2002 teve seu primeiro contato com as fotos das africanas da tribo Himba, depois de planejar e pesquisar sobre elas, decidiu produzir uma série. Iniciou as pinturas em 2010 e até o momento concluiu quinze obras.

Baseada nas fotografias da tribo, utiliza como técnica, óleo sobre tela, espátula e pincel. Os Himba atualmente vivem no Deserto da Namíbia, mantendo as tradições centenárias de seus ancestrais quase intactas. Uma delas é a aparência das mulheres Himba, peculiaridade muito presente nas obras de Zelir Angonese, elas untam o seu corpo utilizando um óleo aromático avermelhado feito de gordura animal, ervas e uma pedra local parecida com argila. Além de proteger a pele do vento e do sol, o óleo também possui sua função estética, pois as mulheres da tribo acreditam que isso as torna mais atraentes.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

"Em suas obras, baseadas em fotografias da tribo africana Himba, Zelir Angonese utiliza como técnica óleo sobre tela, espátula e pincel. A aparência das mulheres Himba tem uma peculiaridade que se faz muito presente nas pinturas dessa artista: elas untam o seu corpo utilizando um óleo aromático avermelhado, feito de gordura animal e uma pedra local parecida com argila. Além de proteger a pele do vento e do sol, o óleo também possui sua função estética, pois as mulheres da tribo acreditam que isso as torna mais atraentes. É dessa a cor, desse traço e dessa inspiração que se embasa seu trabalho".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A ARTISTA

"Zelir Angonese é uma artista autodidata que se especializou na pintura em tela; foi professora do curso de pintura e pátina de 2002 a 2004 no SESC Xanxerê-SC. Atualmente, ministra cursos de tela no ateliê Galeria das Artes Zelir Angonese. Participou de exposições coletivas e individuais em Ouro Verde/SC, Xanxerê/SC, São Domingos/SC, Concórdia/SC e em Chapecó/SC".

Contato:
facebook: @zelirangonese



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte das imagens: Acervo Galeria Agostinho Duarte

HOME, HOME AWAY FROM HOME

Intercâmbio Cultural

Márcia Moreno e James Moore

Período: de 08/09/11 a 20/09/11

"O que é uma casa? Definir o que significa casa deve ser fácil, certo?

Em essência, é um lugar com um telhado e quatro paredes, onde as pessoas, em seu interior são protegidas de elementos externos. O lar, por sua vez, é onde as pessoas vivem em comunidade ou sozinhas, cercadas por vários objetos – mesas, cadeiras, uma cama, uma pia, uma televisão, uma pintura, livros, fotografias, entre outros.

Existe muito mais do que isso?

Mas... e se alguém fosse perguntar o que "lar" significa para nós pessoalmente?

O que nos vem à mente? Nossa casa atual, a casa dos nossos pais? O que responderemos?

Um porto seguro, um lar desfeito? Privacidade, segurança?

Como vemos o fato de outras pessoas compartilharem uma casa com a gente? Como é que interagimos com os objetos que nos cercam? Que influência isso tem na memória do nosso passado?

A palavra lar está ligada à percepção de nós mesmos, nossa identidade. Quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo.

Seria o lar a nossa identidade nacional, ética e cultural?

E como vemos o nosso lar em relação ao resto do mundo, em relação aos nossos governos, em relação aos movimentos globais que moldam a nossa era?

A idéia de lar, de repente, começa a ficar muito mais complicada e abstrata.

Mas... e então, o que significa a criação de um lar em um novo país, Irlanda, Brasil, ou em qualquer outro lugar?

Em que circunstâncias essa nova casa é criada? Por razões econômicas, pela procura de um emprego, para aprender ou melhorar um idioma? É por razões políticas, para escapar de um ambiente vulnerável?

O que as pessoas trazem com elas? Elas trazem alguma coisa?

Será que elas têm família, amigos, um amor? O que "Lar" e "Lar longe de casa" significam para elas?

A exposição da artista brasileira Márcia Moreno e do artista irlandês James Moore é uma resposta pessoal a algumas dessas questões.

Através deste projeto, um artista viajou para o país do outro para experimentar pessoalmente a experiência de viver em um novo ambiente. Esse Projeto intitulado "Lar longe de Casa" não tenta definir o que é indefinível, mas tenta desencadear um diálogo pessoal dentro do espectador sobre o que "Lar" pode significar para ele em diferentes perspectivas.

A casa não é uma casa – a menos que contenha alimentos e fogo para a mente, assim como o corpo".

-- James Moore

SOBRE A EXPOSIÇÃO:

"Com o intuito de atrair olhares reflexivos e críticos para a arte contemporânea, tendo como parâmetros obras de arte internacionais, o curso de Artes Visuais da Unochapecó realiza um intercâmbio cultural composto de Oficina de Criação Internacional. Para isso, conta com o artista plástico irlandês James Moore e com a artista Márcia Moreno – atual coordenadora e professora do curso de Artes Visuais da Unochapecó, organizadora do evento e da exposição que contou com obras dos dois artistas.

James Moore cursou Belas Artes na Faculdade Técnica Limerick e é formado em Arte pelo Instituto Dun Looghair, na Irlanda. Márcia Moreno é graduada em Desenho e Plástica e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Essa primeira exposição deu origem à exposição a seguir: nela, estão as obras criadas por acadêmicos de Artes Visuais, inspirados nos trabalhos de Moore e de Moreno".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição

UNO CULTURAL PORQUE A CULTURA TRANSFORMA

EXPOSIÇÃO - ENTRADA FRANCA

Márcia Moreno e James Moore

Exposição na Galeria de Arte Agostinho Duarte (Bloco E - Unochapecó)
de 08.09 a 20.09 - Abertura dia 08.09 às 19h30

Buscando atrair olhares reflexivos e críticos para a arte contemporânea, tendo como parâmetros obras de arte internacionais, o curso de Artes Visuais da Unochapecó realiza um intercâmbio cultural composto de Oficina de Criação Internacional, com o artista plástico irlandês James Moore e a artista Márcia Moreno, professora da Unochapecó e coordenadora do evento, e da Exposição Home, home away from home (Lar longe de casa), que contará com obras dos dois artistas.

James Moore cursou Belas Artes na Faculdade Técnica Limerick e é formado em Arte pelo Instituto de Arte Dun Looghair, na Irlanda. Márcia Moreno é graduada em Desenho e Plástica e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSM). Atualmente é professora e coordenadora do curso de Artes Visuais da Unochapecó.

INTERCÂMBIO CULTURAL DO CURSO DE ARTES VISUAIS
Exposição Home, home away from home de 08.09.11 a 20.09.11
Galeria de Arte Agostinho Duarte (Bloco E - Unochapecó)
Oficina de Criação Internacional - 15 a 20 de setembro de 2011

UNOCULTURAL é um projeto de UNOCHAPECÓ. CAIXA BRASIL UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

LAR LONGE DE CASA

Se eu te pedisse para me levar para teu lar, para onde você me levaria?

Exposição

Lar longe de casa

De 22 de setembro a 04 de outubro de 2011

Curadoria: **James Moore e Márcia Moreno**

Artistas

ANA PAULA SENHOR
AUDRIAN VINICIUS CASSANELLI GRISS
CARLA NAIDES DA COSTA
CAROLINE ANGELA DANIEL
DAFNE CRISTHINE PELLIZZARO
DAIANE ATUATTI
DEBORA CAVABOTTO POLTRONIERI
DIENIFFER CARLA BUSATTO
ELIZANDRA APARECIDA DE ALMEIDA BET
FABIANE VIEIRA
FRANCIELLI DE PAULA
GIOVANA LUNELLI HOSS
JULIANA POVALA
LEONICE MARIA YVIAN ARALDI
LILIANE CAROLINE DE OLIVEIRA
LOURDES MARIA FREDO
MARI ANGELA GIORDANI BALDISSERA
PRISCILA KOSZINSKI
ROBERTA BOTH
SONIA DA APARECIDA DOS SANTOS
TAYSE COVATTI
VERA MARTA WEHEBRINK

Buscando atrair olhares reflexivos e críticos para a arte contemporânea, tendo como parâmetro obras de arte internacionais, o curso de Artes Visuais da Unochapecó realiza um intercâmbio cultural composto de Oficina de Criação, com o artista plástico irlandês James Moore e a artista plástica brasileira Márcia Moreno.

A exposição atual é resultado desta oficina e conta com a participação de diversos artistas da região e acadêmicos do curso. Cada obra representa uma resposta pessoal à questão central do intercâmbio: Lar longe de casa.

O homem não tem um lar, senão muitos lares. Cheiros, movimentos perdidos no passado, pessoas que se foram, rostos, sensações, imagens lúcidas ou distorcidas: tudo que aguça a memória é lar. A palavra "lar" está ligada à percepção de nós mesmos, nossa identidade. Quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo.

Se eu te pedisse para me levar para o teu lar, para onde você me levaria?



AGOSTINHO DUARTE
galeria de arte

UNOCHAPECÓ

Oficina

Período: de 22/09/11 a 04/10/11

"O intercâmbio cultural composto de Oficina de Criação, com o artista plástico James Moore e a artista plástica brasileira Márcia Moreno, deu origem a várias obras inspiradoras e que questionam a proposta que vem junto com o tema "lar".

A exposição é resultado dessa oficina e conta com a participação de diversos artistas da região e acadêmicos do curso. Cada obra representa uma resposta pessoal à questão central do intercâmbio: Lar longe de casa.

O homem não tem um lar, senão muitos lares. Cheiros, movimentos perdidos no passado, pessoas que se foram, rostos, sensações, imagens lúcidas ou distorcidas: tudo que aguça a memória é lar. A palavra lar está ligada à percepção de nós mesmos, nossa identidade. Quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

FRAGMENTOS DE UMA VIDA NÃO VIVIDA

Grupo Isto não é uma fotografia
Período: de 06/10/11 a 17/10/11



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição

Artistas: Aracéli Nichelle, Cristina Luviza, Janaina Piccoli, Juliano Zanotelli, Luciano Guralski, Mari Baldissera, Sonia Loren.

"Quanto tempo dura o presente? Se analisarmos o conceito de "tempo presente", podemos chegar à triste conclusão de que o presente, na verdade, não existe. Se o tempo é linear e corre sempre para frente, os segundos gastos para ler este pequeno texto já fizeram do que era presente, no início da leitura, um imutável passado.

Vivemos e nos alimentamos, portanto, de passado. O som que ouvimos é som do passado; o que vemos é imagem do passado; o que sentimos "agora" é sentimento do passado. Um passado que pode ser próximo, de poucos segundos atrás, mas ainda assim, passado.

Existe outra grande implicação em relação ao presente. A vida que vivemos "hoje" traz atrelada a si todas as outras vidas que escolhemos não viver. Tomamos decisões a cada instante: que horas pular da cama, qual roupa vestir, que caminho tomar para ir ao trabalho, ir àquela festa ou não, atravessar a rua ou esperar o sinal fechar, casar ou comprar uma bicicleta... Tudo que decidimos fazer é parte do que somos. E tudo que optamos não fazer se torna fragmentos de uma outra vida, da não vivida".



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

FLORES DO MAL

Grupo de Artistas Fronte - GAF
Período: de 27/10/11 a 14/11/11

"A Arte é longa e o Tempo é breve.
Longe dos túmulos famosos,
Num cemitério já sepulto,
Meu coração, tambor oculto,
Percute acordes dolorosos."
--Charles Baudelaire

"A poesia densa e o universo soturno de Charles Baudelaire em seu livro "As flores do mal" servem como base para a exposição também intitulada de "As Flores Do Mal". A exposição é fruto do trabalho dos integrantes do Grupo de Artistas Fronte (GAF). Cada integrante escolheu uma parte do livro de Baudelaire para servir de base para suas produções artísticas. A exposição conta com trabalhos em diferentes linguagens. Questões como beleza, morte, vingança e tempo vêm à tona, e cada um dos acadêmicos mescla suas vivências ao texto do autor, criando trabalhos que não visam à mera apreciação passiva, mas que querem evocar no espectador os seus sentimentos mais ocultos".

*Para maiores informações sobre o GAF, rever página 9.

Artistas: Audrian Cassanelli, Carla Naides da Costa, Elizandra Bet, Juliana Povola, Lourdes Maria Fredo, Marcos Bettú, Nairalda Oligliari e Tayse Covatti.

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição



Fonte das imagens: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

MONSTROS FANTÁSTICOS E CRIATURAS LÚDICAS

Rogério Puhl

Período: de 22/11/11 a 29/11/11

"Rogério Puhl apresenta, através do Unocultural, um projeto que, explora um universo imaginário, com um estilo próprio de desenho – mas nunca o mesmo, pois sempre reinventado e ressignificado – cuja inspiração pauta-se pelo contraste entre monstros e crianças. As formas e cores utilizadas pelo artista são carregadas de conceitos e sentidos múltiplos para cada espectador. Designer e ilustrador, Puhl mantém um seu estúdio, onde trabalha em campanhas publicitárias e projetos artísticos pessoais".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição

UNOCULTURAL PORQUE A CULTURA TRANSFORMA

» EXPOSIÇÃO - ENTRADA FRANCA

Rogério Puhl
Monstros fantásticos e criaturas lúdicas
22.11.11 às 19h30

Monstros fantásticos e criaturas lúdicas, contrastando com a inocência de uma criança. Este é o mundo de Rogério Puhl, 30 anos. Ilustrador e designer, divide seu tempo entre projetos autorais e comerciais no seu estúdio em Chapecó (SC). Apesar de ter um trabalho já conhecido, evita manter um único estilo. Versátil, experimenta todas as técnicas e plataformas para desenvolver seu trabalho.

Uma folha de papel, uma parede ou um computador são suas ferramentas para criar esse universo cheio de elementos, conceitos e significados. Puhl tem um cuidado muito criterioso com a escolha das cores, transformando cada trabalho em algo único e surpreendente. Alguns deles podem ser conferidos em www.puhl.com.br.

Exposição no Ateliê da Marlowa/Cristina de 22.11 a 29.11.2011
Abertura às 19h30, no Ateliê da Marlowa/Cristina
Rua Quintino Bocaiuva, 304-D - Centro

UNOCULTURAL é um projeto de UNOCHAPECÓ. CAIXA BRÁSL UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O ARTISTA

"Meu nome é Rogério Puhl, nasci em São Carlos, interior de Santa Catarina, sou o filho mais velho de uma doméstica e de um pedreiro, por dificuldades para ganhar a vida nessa pequena cidade quando eu tinha 3 ou 4 anos mudamos para Chapecó, fomos morar no bairro São Pedro, que historicamente sempre foi um dos mais pobres e violentos da cidade, vivíamos em casas alugadas, sempre as mais pobres e baratas." [...]

[...] "Mas o aluguel nessas casas baratas também ficou muito caro para família, e tinha um conjunto habitacional que estava sendo invadido por pessoas como nós, eram do estado e estavam desocupadas, minha mãe mais uma vez tomou a iniciativa e invadiu uma dessas casas, moramos nesse conjunto por uns 2 anos" [...]

"Havia um vizinho que tinha uma fruteira e nós começamos a vender frutas para ele nesta comunidade quando não estávamos na escola" [...]

Depois disso Rogério passou a engraxate e continuou trabalhando, sempre com o sonho de ser um grande artista. Por vezes tentou cursar desenho na Escola de Artes e recebeu não como resposta. Mas sua mãe guerreira foi até a prefeitura e conseguiu uma bolsa para Rogério. Sempre teve incentivo de seus professores.

[...] "Depois de uns 3 anos estudando a Vick me conseguiu um trabalho em um estúdio de design, foi ali que apareceu minha nova paixão: o computador, para mim foi como descobrir um novo mundo, sem limites, era fantástico, nesse mesmo período comecei trabalhar como chargista em um jornal da cidade, então eu trabalhava até as 5:30 no estúdio depois em uma hora fazia uma charge no Diário do Iguazú, só depois ia para o colégio estudar a noite, sempre conciliando com escola de artes onde estudei durante 7 anos nos cursos de desenho, pintura e história da arte.[...]

Com a chegada de seu filho, Rogério teve que trabalhar muito mais para sustentar sua família:

[...] "Me juntei a 3 sócios, entre eles o Minetto e montei o estúdio alice, naquele período estúdios como o nosso, jovem e cheio de gás estavam em alta no Brasil, lembro que lançamos nosso site na ideafixa e no primeiro dia a agencia ogilvy nos procurou para fazer um projeto para Hellmann's, e vieram outros clientes desse mesmo porte, como MTv, Itaú, Banco do Brasil, e muitos outros, 4 anos depois, como todos sabem sociedade não é nada fácil, decidi ter a minha carreira solo, e montei o estúdio PUHL num quarto dos fundos da minha casa, era representado pela Move que hoje se chama Norte, maior agência de artistas do Brasil, foi um período muito bacana, pois eu trabalhava em minha casa para grandes clientes e as agências que sempre sonhei trabalhar, ganhava quase todos os concursos de estampas de camisetas que participava, e tive trabalho finalista nos principais festivais de publicidade do mundo, Cannes e One Show." [...]

[...] É clichê mas no meu caso é realidade, eu poderia ser um drogado, ladrão, estar preso ou morto como tantos outros amigos de infância, mas bastou uma bolsa de estudos de 15 R\$, um caderno Canson e 4 lápis para eu ser algo diferente, ganhei prêmios, conheci dezenas de cidades pelo mundo sempre graças ao meu trabalho, então vamos ajudar os nossos jovens, não é só sementinhas do mal que nascem em comunidades carentes, para muitos basta UMA só oportunidade".

*Para ver o depoimento de Rogério Puhl, acessar: www.facebook.com/rogerio.puhl/posts/10218383278963481



Fonte: www.facebook.com/rogerio.puhl

Contato:

Facebook: [@rogerio.puhl](https://www.facebook.com/rogerio.puhl)



Fonte: www.facebook.com/rogerio.puhl



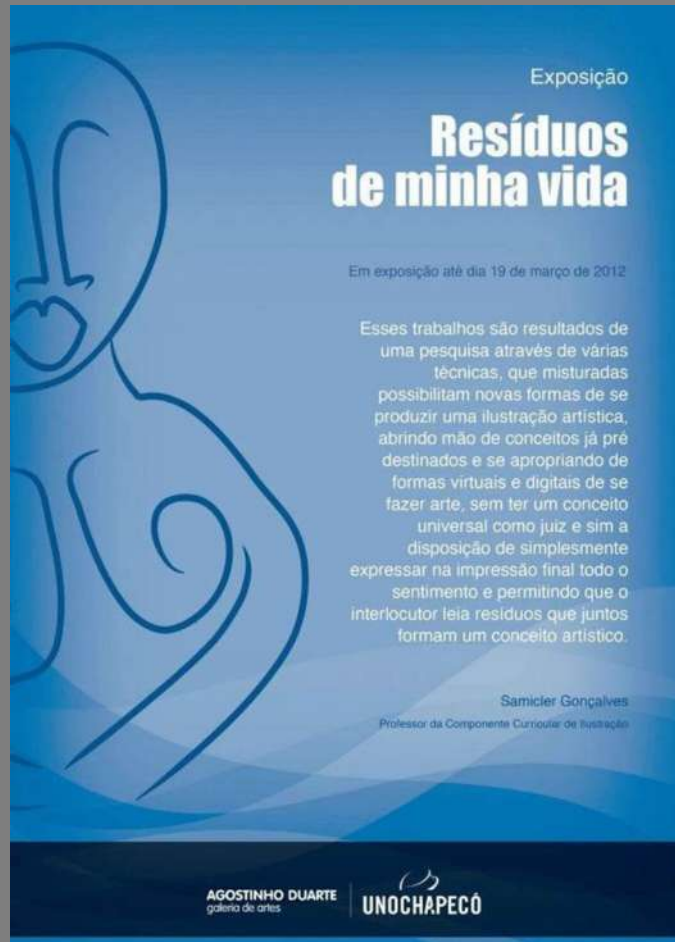
2012

EXPOSIÇÕES

O ano de 2012 contou com 11 exposições em seu espaço, por meio de seleções via edital e por convites mediados pela Coordenação da Galeria. Com temáticas e técnicas contemporâneas, a riqueza de sua diversidade permite olhares diferenciados do acadêmico da Arte da Instituição, de profissionais de segmentos outros e das pessoas da comunidade em geral.

RESÍDUOS DE MINHA VIDA

Acadêmicos do Curso de Artes Visuais
Período: de 01/03/12 a 19/03/12



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"Os trabalhos apresentados na mostra são resultado de uma pesquisa: por ela, deu-se a possibilidade de, através de várias técnicas, misturadas, criarem-se novas formas de se produzir uma ilustração artística. Nessa concepção, o artista abre mão de conceitos já predestinados e se apropria de formas virtuais e digitais de fazer arte. Sem ter um conceito universal como juiz – e sim a disposição de simplesmente expressar, na impressão final, todo o sentimento – permite que o interlocutor leia resíduos que, juntos, formam um outro conceito artístico".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição



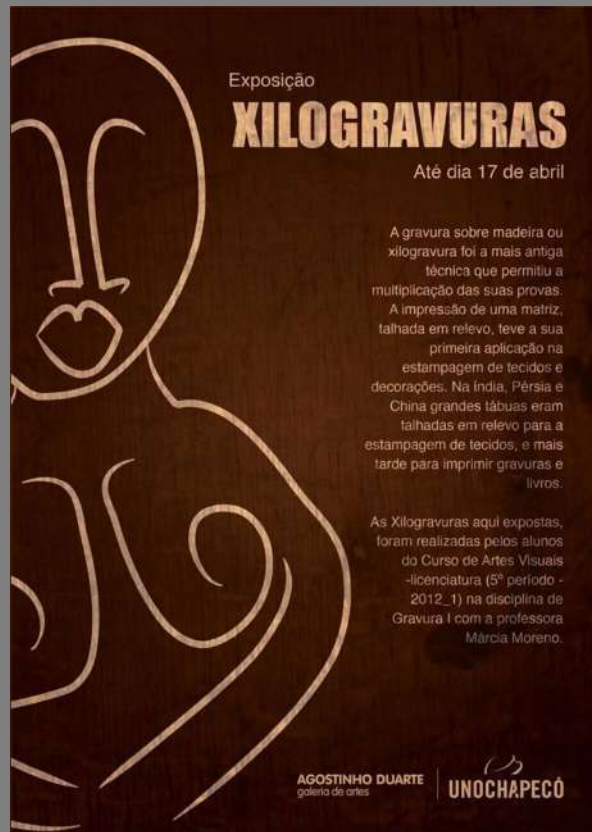
Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

XILOGRAVURAS

Acadêmicos de Artes Visuais
Período: de 22/03/12 a 17/04/12

"A gravura sobre madeira ou xilogravura foi a mais antiga técnica que permitiu a multiplicação das suas provas. A impressão de uma matriz, talhada em relevo, teve sua primeira aplicação na estampagem de tecidos e decorações. Na Índia, Pérsia e China, grandes tábuas eram talhadas em relevo para a estampagem de tecidos; mais tarde, foram usadas para imprimir gravuras e livros. As xilogravuras aqui expostas foram realizadas pelos alunos do curso de Artes Visuais - Licenciatura/ 5º período 2012/1, na disciplina de Gravura I, com a professora Márcia Moreno".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

CÓDIGOS URBANOS

Gina Zanini

Período: de 20/04/12 a 21/05/12



Exposição
CÓDIGOS URBANOS
Até dia 21 de maio de 2012

Artista: Gina Zanini

Uma personagem que se repete, amplia, distorce, contorce. Palavras - escritas e repetidas de slogans repetitivos - aparecem como imagens, fazendo parte do (com) texto. A luta entre a exposição e inocuidade, nua (ou quase). Livre.

As imagens passaram por um divertido trabalho de blefar com a informática: blefar errando e aproveitando a imagem que se (trans)forma. Desenho, scanner, photoshop, corel draw, desenho, pintura, fotografia, plotagem... Um longo processo ansiando pelo esgotamento de possibilidades da mesma imagem - imagem que vejo diariamente - mas que, comicamente, do ângulo rabiscado não consigo enxergar.

As palavras pontilham a mesmice das coisas de todos os dias. O corpo, a mente, o grafismo no corpo apenas como grafismo, que agora permanece numa constante.

Projeção, ficção, introspecção... Consumir e se consumir, o ócio, o trabalho, a (transp) inspiração. O mercado, o produto, o código que passa em qualquer máquina, e nós, com todos os cartões, cartas e carteiras, passamos diariamente nos códigos - de barras - para aprovação.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Particular da Artista



Fonte: Acervo Particular da Artista

"Uma personagem que se repete, amplia, distorce, contorce. Palavras - escritas e repetidas de slogans repetitivos - aparecem como imagens, fazendo parte do (com)texto. A luta entre a exposição e a inocuidade, nua (ou quase). Livre. As imagens passaram por um divertido trabalho de blefar com a informática: blefar errando e aproveitando a imagem que se (trans)forma. Desenho, scanner, photoshop, coreldraw, desenho, pintura, fotografia, plotagem... Um longo processo, ansiando pelo esgotamento de possibilidades da mesma imagem - imagem que vejo diariamente, mas que, comicamente, do ângulo rabiscado não consigo enxergar. As palavras pontilham a mesmice das coisas de todos os dias. O corpo, a mente, o grafismo no corpo apenas como grafismo, que agora permanece numa constante. Projeção, ficção, introspecção... Consumir e se consumir, o ócio, o trabalho, a (transp)inspiração. O mercado, o produto, o código que passa em qualquer máquina, e nós, com todos os cartões, cartas e carteiras, que passamos diariamente nos códigos-de-barras para aprovação".

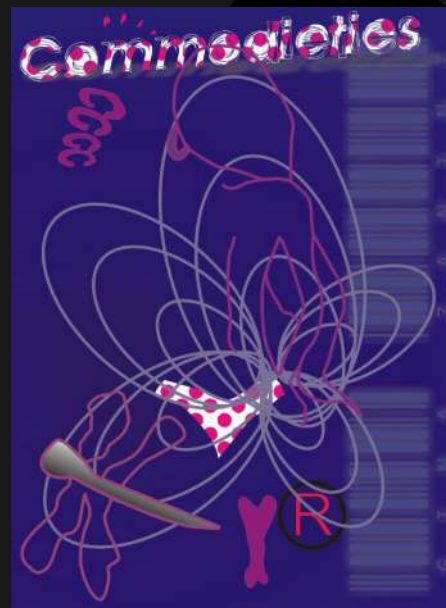
Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição

SOBRE A ARTISTA

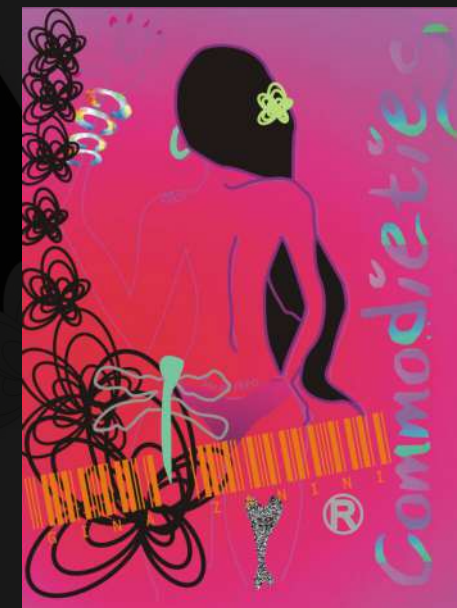


Fonte: Acervo Particular do Artista

Gina Zanini, natural de Chapecó/SC, é Mestre pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Atualmente, trabalha como ilustradora e escritora. Contato: Facebook: @gina.zanini



Fonte: Acervo Particular do Artista



Fonte: Acervo Particular do Artista



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"Gina deixa explícita a conexão entre os fatos, o sistema e o mundo que nos envolve, utilizando formas que se multiplicam como produtos da arte do mercado. Suas obras estabelecem uma relação entre o delicado e o poético da forma feminina, auto-retratada e, surpreendentemente, constatada: não desde o início, mas à medida que o trabalho foi/vai amadurecendo, com a velocidade organizacional que o código de barras e que outros ícones do mundo de consumo nos impõem, colocando-se como produtos no fluxo mercadológico. As imagens nos fazem pensar sobre os riscos de sermos consumidos".

"Será que o mundo se conhece?
Um questionamento?
Um paradoxo?
Uma decodificação?
Um insight?"

-- Marlowa Pompermayer Marin

ANIMA MUNDO

Salão Internacional de Piracicaba
Período: de 24/05/12 a 05/06/12



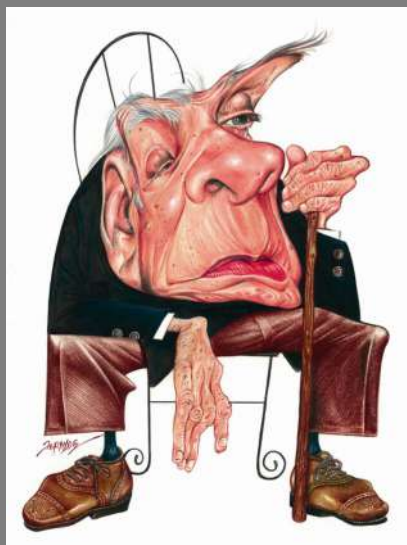
Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"O Salão Internacional de Humor de Piracicaba surgiu em 1974, em meio à ditadura militar, como uma iniciativa de um grupo de piracicabanos – jornalistas, artistas e intelectuais – atuantes no cenário político e cultural da cidade. A partir do sucesso das primeiras edições, quando contou com o apoio da turma do famoso jornal carioca "O Pasquim", conhecidos cartunistas brasileiros contribuíram para a transformação do Salão de Piracicaba num dos mais importantes encontros do humor gráfico do Brasil e exterior. Entre eles, Ziraldo, Zélio, Fortuna, Millôr, Henfil, Jaguar, Luis Fernando Veríssimo, Paulo e Chico Caruso, Santiago, Angeli, Laerte, Glauco, Edgar Vasques, Jaime Leão, Alcy, Jal e Gual.

Essa mostra apresenta uma seleção de caricaturas premiadas ao longo dos 38 anos de realização do Salão. Estão presentes artistas atuantes nos mais variados meios de comunicação brasileiros, que projetaram seu talento através do evento.

Próximo de completar 40 anos e considerado um dos salões mais antigos do gênero no mundo, mantém seu papel de valorização da arte do desenho de humor – um espaço para reflexão e fruição do belo que revela e valoriza talentos, mostra os profissionais consagrados e resgata autores e obras históricas".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição



Fonte das imagens: Acervo Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O SALÃO INTERNACIONAL DE PIRACICABA

"O Café do Bule era um bar que ficava debaixo da Rádio Difusora. Neste local, um grupo de amigos, jornalistas, artistas, intelectuais e amantes desta cidade tinha como hábito reunir-se informalmente, para trocar idéias e jogar conversa fora. Foi quando os colaboradores das páginas de Os Recados, Alceu, Cerinha, Nardin e Adolfo, esboçaram um movimento no sentido de realizar uma mostra de histórias em quadrinhos de humor e cartuns. O movimento não parou, uns querendo fazer uma mostra gráfica junto ao Salão de Arte Contemporânea, outros uma mostra paralela, sem vínculo e com a participação de cartunistas. Venceu a idéia de realizar o Salão de Humor, como evento independente e com cara própria. No orçamento municipal de 1974 constava uma verba de 10 mil cruzeiros, para realização do Salão de Fotografia, com a finalidade de criar, no futuro, um Museu da Imagem e do Som. O Alceu e Cerinha sugeriram trocar a verba do Salão de Fotografia por uma mostra de humor. Liderados pelo Alceu, um grupo de amigos começou a se movimentar, fazendo contato com o realizador do Salão do Mackenzie, o Pasquim e outros meios ligados ao humor gráfico. O valor que esse evento representa para a cidade, e para o país, poderia até ser comparado, nas devidas proporções, ao Masp, como o Louvre para os franceses, ou uma Tate Gallery para os britânicos, se não houvesse as devidas atenções em promovê-lo.

Contato:

www.salaointernacionaldehumor.com.br



Na minha opinião, todos têm um pouco de responsabilidade pela criação. O verdadeiro pai do salão foi a união da vontade de todos, uns com as idéias, outros com ação, mobilidade e outros com a vontade de fazer. Sua permanência significará a garra e a vontade da cidade em realizá-lo cada dia melhor. Não foi combinado, ninguém planejou, mas acho que todos sentiram. Lançado em plena ditadura militar, o Salão de Humor de Piracicaba seria um salão de humor e seria outra coisa. Essa outra coisa nunca teve um nome exato. Barricada? Resistência? Válvula de escape? Travessura heróica? O fato é que desde os primeiros salões lá estavam, em Piracicaba, o Millôr, o Jaguar, o Ziraldo, o Henfil, o Zélio, os Caruso – todos levados pelo instinto e pela necessidade da outra coisa. A ditadura acabou, o Salão cresceu e a outra coisa hoje é outra coisa. Mas seja o que for, continua. É o que distingue o Salão de Piracicaba dos seus imitadores e da concorrência, e nos faz voltar ano após ano. A idéia de que, além de uma celebração do talento brasileiro e um dos grandes eventos do humor mundial, a festa em Piracicaba é... é... assim... como dizer? Outra coisa."

-- Luiz Fernando Veríssimo/escritor e cartunista ("PIRACICABA 30 ANOS DE HUMOR". Imprensa Oficial do Estado – 2003).

(DES)CONEXÕES

Grupo Fotografia Chapecó

Período: de 14/06/12 a 09/07/12



Fonte das imagens: Acervo Galeria Agostinho Duarte

Exposição
(DES)CONEXÕES
De 14 junho à 9 de julho de 2012

Qual a conexão entre chapéu, zebra, pé, flor, pombos e luzes? Linhas, apenas linhas. Não a linha física, objeto, mas a linha intangível que não por acaso une pessoas e situações neste universo. Uma. Ou várias linhas, oriundas de um só núcleo. Como a mesma linha tênue que nos uniu, o emaranhado de fios invisíveis que liga um computador a outro nessa rede infinita. Os trabalhos desta exposição estão unidos pelos fios da dedicação em torno de um fazer comum: a fotografia. (Des)conexões é o primeiro parto de onde nascem filhos com personalidades diferentes, mas com o mesmo sangue, a mesma linha, o mesmo centro. Saindo da tela do computador online e materializando-se na parede de uma galeria offline, assim como no nascimento, os trabalhos desta exposição se desconectam, conectando-se. Descobrimo um novo mundo, nos outros e em nós.

(Texto de Dafne Cristhinne Pellizzaro e Mari Baldissera)

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"Qual a conexão entre chapéu, zebra, pé, flor, pombos e luzes? Linhas, apenas linhas. Não a linha física, objeto, mas a linha intangível que, não por acaso, une pessoas e situações neste universo. Uma. Ou várias linhas, oriundas de um só núcleo. Como a mesma linha tênue que nos uniu, o emaranhado de fios invisíveis que liga um computador a outro nessa rede infinita.

Os trabalhos dessa exposição estão unidos pelos fios da dedicação em torno de um fazer comum: a fotografia. (Des)conexões é o primeiro parto de onde nascem filhos com personalidades diferentes, mas com o mesmo sangue, a mesma linha, o mesmo centro.

Saindo da tela do computador online e materializando-se na parede de uma galeria offline, assim como no nascimento, os trabalhos dessa exposição se desconectam, conectando-se. Descobrimo um novo mundo, nos outros e em nós".

-- Dafne Cristhinne Pellizzaro e Mari Baldissera.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

"O Grupo Fotografia Chapecó nasceu em Março de 2012, como um espaço online para o debate, fomento e difusão da fotografia na região oeste de Santa Catarina.

Hospedado na rede social Facebook e administrado pelas fotógrafas Angélica Luersen, Dafne Pellizzaro, Mari Baldissera e Paula Navarro, o grupo possui mais de 150 membros, entre entusiastas, fotógrafos, professores, alunos e professores de fotografia e áreas afins.

Com a fotografia conquistando cada vez mais território na internet, as redes sociais transformaram-se em eficientes ferramentas tanto para o compartilhamento de imagens e o fortalecimento das relações, quanto para a troca de experiência e o aperfeiçoamento técnico e de linguagem, para amadores e profissionais".

Fonte do Texto: <www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte>



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte

DETALHES

Acadêmicos de Artes Visuais

Período: de 12/07/12 a 30/07/12



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte



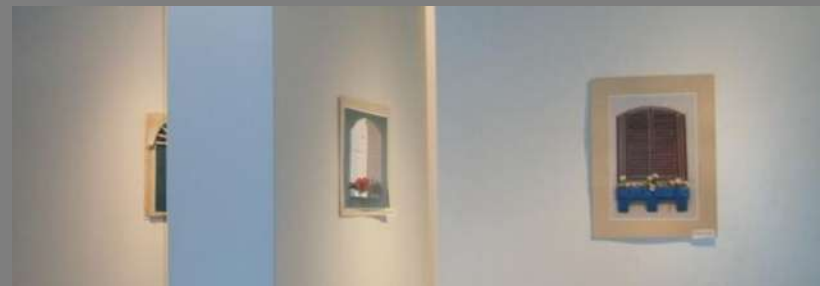
Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"Os trabalhos aqui denominados "Detalhes" representam o resultado final da disciplina História da Arte I, na qual os alunos estudaram os períodos da história antiga, entre eles: Arte egípcia, grega, romana, mesopotâmica, bizantina e gótica.

A proposta consistiu em pesquisa, na cidade, de elementos arquitetônicos que representassem características semelhantes às estudadas.

Os alunos deveriam fotografar, ampliar e realizar um trabalho artístico, relacionado com o conteúdo estudado, associando assim teoria e prática – a práxis, que, segundo Marx (apud Pimenta, 2002, p.86), "[...] é a atitude (teórica-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico) é preciso transformá-lo (práxis)".

-- Sonia Monego.



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte



Fonte: www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte

DO TAMANHO QUE VOCÊ IMAGINA

Grupo Adentro

Período: de 01/08/12 a 03/09/12

"Nessa exposição, as obras apresentam uma proposta diferenciada, pequena, somada a uma profusão de cores, de materiais e de técnicas, divagadas pelo imaginário, o que resultou num conjunto heterogêneo de significados. Assim como a linha, a forma e a cor, o tempo e o espaço foram formatados, num tamanho de 20x20cm. Uma configuração contemporânea de delimitação de tempo e de espaço. É a não-expansão, reunida como colmeias de abelhas que se unificam, acasalam, produzem. O pequeno mundo dentro de uma galeria – de um espaço formatado – delimita o tempo, o espaço e a insuficiência de tempo e de espaço. A exposição, sob forma comprimida, concentrada, condensada, mostra, através de trabalhos de 13 artistas, um pequeno e intenso mundo de 20x20cm, tão complexo quanto 20 quilômetros, mas que poderá ter o tamanho que você imagina".

-- Gina Zanini



* Para maiores informações sobre o Grupo Adentro, rever página 11.

PAISAGENS DO TEMPO

Viviane Diehl

Período: de 06/09/12 a 01/10/12



Exposição
PAISAGENS DO TEMPO
De 06 de setembro a 01 de outubro de 2012
Dia 27 de setembro, convém com a artista às 19h30, na Galeria.

A circularidade sempre esteve presente nas peças que compõem a minha produção em cerâmica. Nesse contexto, a representação no formato circular não detém um marco de princípio ou fim, é repetitivamente, contínuo e constante, num movimento que constrói um diálogo com a materialidade macia, flexível, deslizando do barro, um elemento primordial.

A produção desta série recente revela uma construção cuidadosa, detalhada e metódica no trato do barro, as peças em cerâmica são modeladas com placas e posteriormente texturadas com relevos e rebaixamentos em formas côncavas e convexas. Surgem esferas com argilas multicores, texturas, elementos que remetem aos mundos que habitamos em composições com peças artesanais em crochê.

É uma poética que trata de conceitos do tempo, dos ciclos, do retorno na existência. São movimentos a imaginar e criar mundos, paisagens que se configuram num diálogo com o barro, criando uma organização subjetiva que não se esgota em si mesma e é atravessada, cotidianamente, pelo que está posto no entorno, pelo que é tecido a cada dia. Assim, trato de um tempo sagrado sem que se localize o seu princípio ou o seu fim, um tempo onde há regeneração periódica da vida, sempre uma nova criação ordenada num ritmo próprio, num fazer reflexivo ao encontro do "si mesmo".

Problematicando, refletindo, reorganizando, esta produção constrói uma narrativa que se propõe a transcender o que está posto, o que se vê diante da vastidão do universo, para o qual tudo retorna outra vez, e mais outra... e outra... em outra... paisagem do tempo.

Viviane Diehl
professora/artista

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

"A circularidade sempre esteve presente nas peças que compõem a minha produção em cerâmica. Nesse contexto, a representação no formato circular não detém um marco de princípio ou fim, é, repetitivamente, contínuo e constante, num movimento que constrói um diálogo com a materialidade macia, flexível, deslizando do barro, um elemento primordial.

A produção dessa série recente revela uma construção cuidadosa, detalhada e metódica no trato do barro; nela, as peças em cerâmica são modeladas com placas e, posteriormente, texturadas com relevos e rebaixamentos, em formas côncavas e convexas. Surgem esferas com argilas multicores, texturas, elementos que remetem aos mundos que habitamos em composições com peças artesanais em crochê.

É uma poética que trata de conceitos do tempo, dos ciclos, do retorno na existência. São movimentos a imaginar e criar mundos, paisagens que se configuram num diálogo com o barro, criando uma organização subjetiva que não se esgota em si mesma e é atravessada, cotidianamente, pelo que está posto no entorno, pelo que é tecido a cada dia.

Assim, trato de um tempo sagrado, sem que se localize o seu princípio ou o seu fim, um tempo onde há regeneração periódica da vida, sempre uma nova criação, ordenada num ritmo próprio, num fazer reflexivo ao encontro do si mesmo. Problematicando, refletindo, reorganizando, essa produção constrói uma narrativa que se propõe a transcender o que está posto, o que se vê diante da vastidão do universo, para o qual tudo retorna uma vez, outra vez e mais outra... e outra... em outra... paisagem do tempo".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A ARTISTA

Viviane Diehl é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Artes Plásticas pela UPF, é também Especialista em Cerâmica e Arteterapia pela UPF e Especialista em TICs em Educação pela UFSM.

Atualmente, é Arte-educadora na área de Artes/Cerâmica no IFRS, Campus Feliz/RS. É natural de Carazinho/RS e reside, atualmente, em Feliz/RS.

Atua como artista ceramista, com produção contínua; no momento, desenvolve um projeto artístico a partir da cultura Mbyá Guarani.



Fonte: Acervo Particular do Artista



Fonte: Acervo Particular do Artista

BREVE DEPOIMENTO:

"A exposição tratava de uma reflexão sobre a existência, pensada a partir da passagem do tempo e foi apresentada em peças que representam esse movimento – que se modificava, de uma peça para outra –, com tratamentos diferenciados da superfície cerâmica. Trabalho com arte há mais de 28 anos e todas as peças eram de argila, de cor marfim, predominantemente circulares, o que não detém princípio ou fim, mas um contínuo e constante movimento a construir um diálogo com a materialidade do barro. As peças receberam um tratamento de texturas e relevos, com alguns detalhes onde aparecem a cor e a mistura de material orgânico, como a erva mate, que é consumida pelo fogo durante a queima. Os momentos expositivos permitem conquistar espaços para divulgar a produção pessoal e compartilhar a arte com os outros, abrindo perspectivas para que as pessoas possam construir uma relação mais próxima com as obras artísticas, realizando encontros que oportunizam a formação estética."

-- Viviane Diehl

Contato: facebook: [@viviane.diehl](#) / [vivianediehl0.wixsite.com/portifolioartistico](#)



Fonte: Acervo Particular do Artista

TÁ ESCURO

AQUI

Heybanana

Período: de 09/10/12 a 02/11/12

"Quando a escuridão toma conta, criamos possibilidades entre dois caminhos: ter medo ou aproveitar e, de qualquer forma, deixar a imaginação fluir. "Tá escuro aqui!", e quem se permite entrar nesse universo de fantasias e de mistérios cria um sentimento inexplicável que somente a imaginação pode nos oferecer. Apague a luz!" Ana Carolina Orlandini, 19 anos, é heybanana, uma nova aposta no cenário da ilustração. Utiliza como inspiração os desenhos de Tim Burton, as aquarelas de Conrad Rosel e o Rock and Roll. Sempre gostou de desenhar personagens de desenhos animados na sua infância/adolescência e, mais tarde, passou a usar o desenho de maneira ilustrativa. Ingressou no curso de Design Visual na UnoChapecó e descobriu nele um mundo de possibilidades. Em 2010, teve seus trabalhos publicados no site Abduzeedo.com; em 2011, criou a capa do compacto em vinil da banda Marujo Cogumelo. Heybanana vem se estabelecendo ao criar um estilo próprio. Usa o computador, mas gosta muito de usar técnicas manuais, desenhos a mão com o nanquim ou com aquarela – que ela utiliza na exposição".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação desta exposição

UNO CULTURAL PORQUE A CULTURA TRANSFORMA

heybanana
Da 09.10.2012 às 19.30h na
Galeria de Artes Agostinho Duarte

heybanana - Tá Escuro Aqui!

"Quando a escuridão toma conta, criamos possibilidades entre dois caminhos: ter medo de aproveitar e de qualquer forma deixar a imaginação fluir. "Tá escuro aqui!", e quem se permite entrar nesse universo de fantasias e mistérios, cria um sentimento inexplicável que somente a imaginação pode nos oferecer. Apague a luz!" Ana Carolina Orlandini, 19 anos, é heybanana, uma nova aposta no cenário da ilustração. Utiliza como inspiração os desenhos de Tim Burton, as aquarelas de Conrad Rosel e o Rock and Roll. Sempre gostou de desenhar personagens de desenhos animados na sua infância/adolescência e, mais tarde, passou a usar o desenho de maneira ilustrativa. Ingressou no curso de Design Visual na UnoChapecó e descobriu nele um mundo de possibilidades. Em 2010, teve seus trabalhos publicados no site Abduzeedo.com; em 2011, criou a capa do compacto em vinil da banda Marujo Cogumelo. Heybanana vem se estabelecendo ao criar um estilo próprio. Usa o computador, mas gosta muito de usar técnicas manuais, desenhos a mão com o nanquim e aquarela, que ela utiliza na exposição "Tá Escuro Aqui". Confira outros trabalhos no Flickr.com/heybanana

Exposição iniciará em 09.10.2012

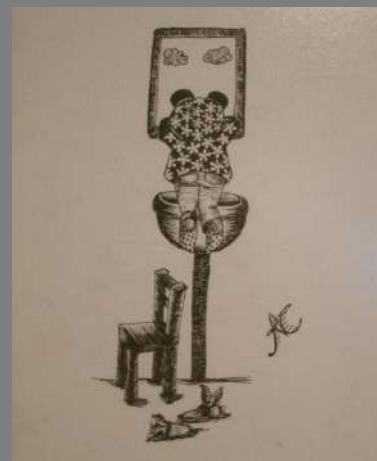
AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ UNOCULTURAL é um projeto de UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens de www.facebook.com/galeriaagostinhoduarte



SOBRE A ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/ana.orlandin

Ana Carolina Orlandin é formada em Design Visual pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Expôs na Galeria de Arte Agostinho Duarte e sempre foi apaixonada por ilustração. Essa paixão deu início ao seu trabalho como tatuadora. Ana é proprietária da Augusta, estúdio de tatuagem localizado em Xaxim/SC.

Contato:

Facebook: @Augusta.tatua / @ana.orlandin

Instagram: @augusta_tatua / @ana.orlandin



Fonte: www.facebook.com/ana.orlandin



Fonte: www.facebook.com/ana.orlandin

ELETRONIC SESSIONS

Sheila Cattani

Período: de 08/11/12 a 10/12/12

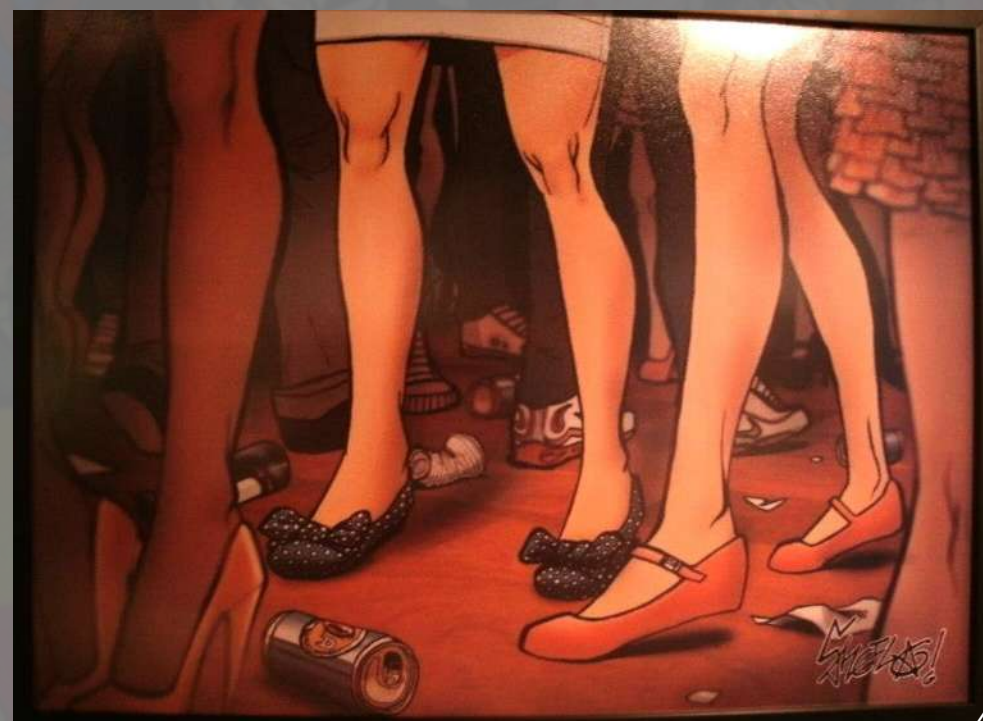
"Ouvir, entender, sentir e buscar referências e se inspirar em algo. Sheila se inspira na música eletrônica, porque é esse o estilo musical que lhe proporciona novas sensações para criar seus universos fantásticos sempre repleto de cores e de sonoridades.

Eletronic sessions é a sua nova exposição, a qual traz em si todas as possibilidades criativas transformadas em imagem. Uma proposta animada, colorida e diferente que busca, na balada e nos quadrinhos, referências e sensações estéticas para pensar o mundo. Sheila desenvolveu várias formas de entender o que faz, seja através dos lápis de cor nos desenhos a mão, seja na digitalização e na utilização de novas possibilidades tecnológicas para pensar o desenho e pintura".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A EXPOSIÇÃO



Fonte: Acervo da Artista.

"A exposição "Electronic Sessions" é composta por uma série de ilustrações, inspiradas nas sensações provocadas pela música eletrônica. A mostra foi lançada em uma quinta-feira, dia 08 de novembro de 2012, na Galeria de Artes Agostinho Duarte da Unochapecó, com coquetel de abertura às 19h30min.

A "Electronic Sessions" é uma proposta animada, colorida e diferente, que busca, na balada e nos quadrinhos, referências e sensações estéticas. Sheila, que estudou Artes Plásticas na SG Arte Visual, desenvolveu várias formas de mostrar sua arte, seja através do lápis de cor nos desenhos feitos à mão, seja na digitalização e na utilização de novas possibilidades tecnológicas para pensar o desenho e a pintura.

A estudante Sheila Cattani conta que procura sempre se inspirar em coisas de que gosta, por isso, nesse trabalho, a música eletrônica foi sua fonte.

"Espero que as pessoas que também gostam desse tema apreciem o meu trabalho e vejam nele o gosto pela música eletrônica e pela arte, expressos através da pintura e do desenho" projeta Sheila".

Fonte do texto: <https://remixabrasil.wordpress.com/tag/sheila-cattani/>



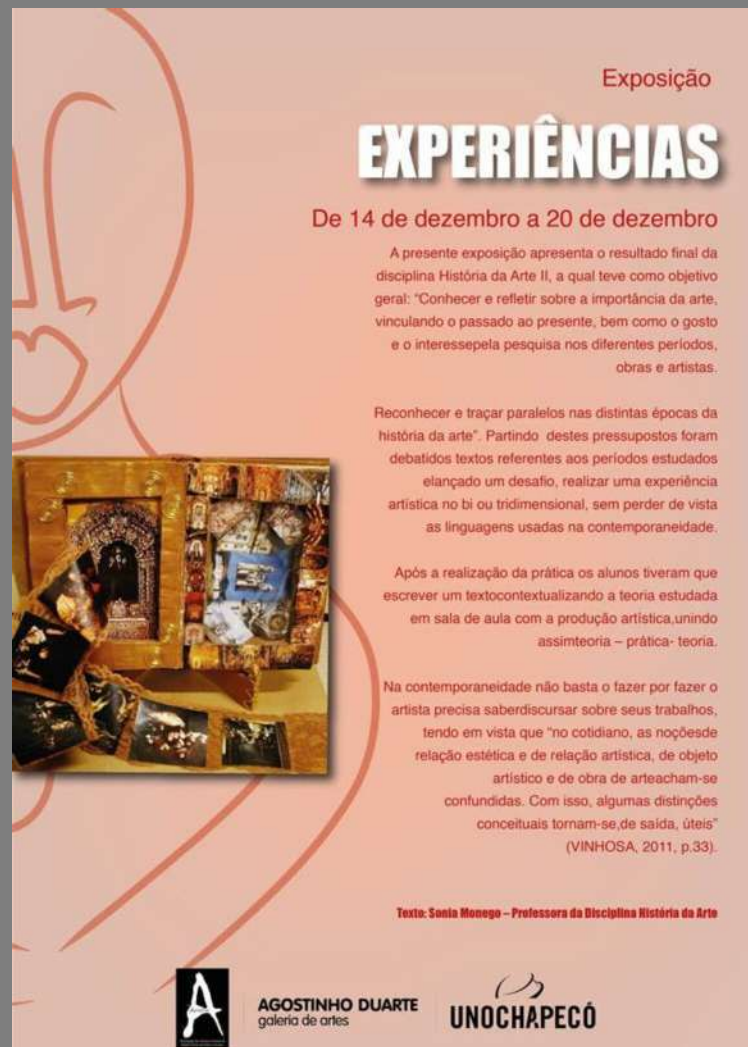
Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

EXPERIÊNCIAS

Acadêmicos de Artes Visuais
Período: de 14/12/12 a 20/12/12



Exposição

EXPERIÊNCIAS

De 14 de dezembro a 20 de dezembro


A presente exposição apresenta o resultado final da disciplina História da Arte II, a qual teve como objetivo geral: "Conhecer e refletir sobre a importância da arte, vinculando o passado ao presente, bem como o gosto e o interesse pela pesquisa nos diferentes períodos, obras e artistas.


Reconhecer e traçar paralelos nas distintas épocas da história da arte". Partindo destes pressupostos foram debatidos textos referentes aos períodos estudados e lançado um desafio: realizar uma experiência artística no bi ou tridimensional, sem perder de vista as linguagens usadas na contemporaneidade.

Após a realização da prática os alunos tiveram que escrever um texto contextualizando a teoria estudada em sala de aula com a produção artística, unindo assim teoria - prática - teoria.

Na contemporaneidade não basta o fazer por fazer o artista precisa saber discursar sobre seus trabalhos, tendo em vista que "no cotidiano, as noções de relação estética e de relação artística, de objeto artístico e de obra de arte acham-se confundidas. Com isso, algumas distinções conceituais tornam-se, de saída, úteis" (VINHOSA, 2011, p.33).

Texto: Sonia Monego – Professora da Disciplina História da Arte

 AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

 UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A presente exposição apresenta o resultado final de História da Arte II, disciplina que teve como objetivo geral "conhecer e refletir sobre a importância da arte, vinculando o passado ao presente, desenvolver o gosto e o interesse pela pesquisa nos diferentes períodos, obras e artistas, como também reconhecer e traçar paralelos nas distintas épocas da história da arte". Partindo destes pressupostos, foram debatidos textos referentes aos períodos estudados e lançado um desafio: realizar uma experiência artística no bi ou no tridimensional, sem perder de vista as linguagens usadas na contemporaneidade.

Após a realização dessa prática, os alunos tiveram que escrever um texto, contextualizando a teoria estudada em sala de aula com a produção artística, unindo assim teoria-prática-teoria.

Na contemporaneidade, não basta o fazer por fazer: o artista precisa saber discursar sobre seus trabalhos, tendo em vista que "no cotidiano, as noções de relação estética e de relação artística, de objeto artístico e de obra de arte acham-se confundidas. Com isso, algumas distinções conceituais tornam-se, de saída, úteis" (VINHOSA, 2011, p.33)"

-- Sonia Monego.



2013

EXPOSIÇÕES

O ano de 2013 contou com sete exposições em seu espaço, por meio de seleção via edital e por convites mediados pela Coordenação da Galeria.

Com temáticas e técnicas contemporâneas, a riqueza de sua diversidade permite olhares diferenciados do acadêmico da Arte da Instituição, de profissionais de segmentos outros e das pessoas da comunidade em geral.

PARIS MONOCHROME

RETRATOS DA CIDADE LUZ

Mari Baldissera

Período: de 04/04/13 a 03/05/13

Exposição

Paris, Monochrome

Retratos da cidade luz

De 04 de abril a até o dia 03 de maio de 2013

Mari Baldissera

A exposição Paris, Monochrome retrata a cidade luz na sua contemporaneidade. Os recortes fotográficos dessa bela cidade exploram um olhar delicado por objetos e paisagens fugidias, recortes que privilegiam o "momento decisivo" preconizado por Cartier-Bresson. Porém, Mari Baldissera faz intuitivamente uma grande homenagem a Eugène Atget, grande fotógrafo parisiense que no final do século XIX captou o vazio e o silêncio de uma cidade que suportava calada as transformações decorrentes do projeto da Modernidade. E agora, em pleno século XXI, a Paris apresentada se mostra uma mistura de tendências modernas e pós-modernas, de luz e muita sombra, de penumbra e recortes do passado. A memória evocada nessas imagens, nada mais é do que fato real, referente fotográfico pertencente a 'velha' linguagem da fotografia tradicional, permeado de contraste, meios-tons e morte do espaço-tempo. A imagem capturada se expande em um jogo de diversos olhares peculiares, pequenos, discretos e finitos, e é somente através da fotografia que esse conjunto de pequenas memórias é capaz de nos aprisionar em frente a algo que já passou, que nos resta apenas seu traço luminoso impresso no papel. Os flagrantes da Paris contemporânea fogem dos enquadramentos tradicionais, estão permeados de cantos, reflexos e ângulos, mas o que mais chama atenção são os transeuntes, todos sem identidade, porém todos carregados pelo peso de estar em uma bela cidade, que talvez para eles não seja nada além de um lugar. Mari Baldissera flanou pela grande cidade, soube recortar e aprisionar através das lentes de sua câmera uma experiência que poderia ter sido única e particular, porém está disponível como Arte, como Arte Fotográfica, na sua essência, na sua principal função: captar a luz do espaço-tempo. Portanto, se a fotografia pode ser considerada índice, estamos presenciando um traço de Paris, um pequeno resquício de sua luz.

Janaina Schvambach

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A exposição Paris, Monochrome retrata a cidade-luz na sua contemporaneidade. Os recortes fotográficos dessa bela cidade exploram um olhar delicado por objetos e paisagens fugidias, recortes que privilegiam o "momento decisivo" preconizado por Cartier-Bresson. Porém, Mari Baldissera faz, intuitivamente, uma grande homenagem a Eugene Atget, grande fotógrafo parisiense que, no final do século XIX, captou o vazio e o silêncio de uma cidade que suportava calada as transformações decorrentes do projeto da Modernidade. Agora, em pleno século XXI, a Paris apresentada se mostra uma mistura de tendências modernas e pós-modernas, de luz e muita sombra, de penumbra e recortes do passado".

-- Janaina Schvambach.

SOBRE A ARTISTA



Fonte: Imagem de www.facebook.com/baldissera.mari

"Mari Baldissera é Bacharel em Turismo e Hotelaria (Univali, 2006); Técnica em Fotografia (Senac Rio, 2008); Pós-graduada em Fotografia e Imagem em Movimento (Positivo, 2016). Vive e trabalha em Chapecó, onde atua como fotógrafa, artista visual, produtora cultural e professora de fotografia. É sócio-proprietária da Madeleine Photographie, professora de fotografia na Escola de Artes de Chapecó e coordenadora de eventos na Casa dos Fundos Eventos & Vivências.

Sua pesquisa atual como artista visual inclina-se para temáticas como memória, lugares de afeto, documental íntimo, álbuns de família e fotografia. A partir das imersões nesses campos de pesquisa, em decorrência da pós-graduação, tem desenvolvido um profundo interesse pelas questões menos mecânicas/estéticas e mais filosóficas/poéticas da fotografia".

Contato:
Facebook: @baldissera.mari

--



Fonte: Imagem de www.facebook.com/baldissera.mari

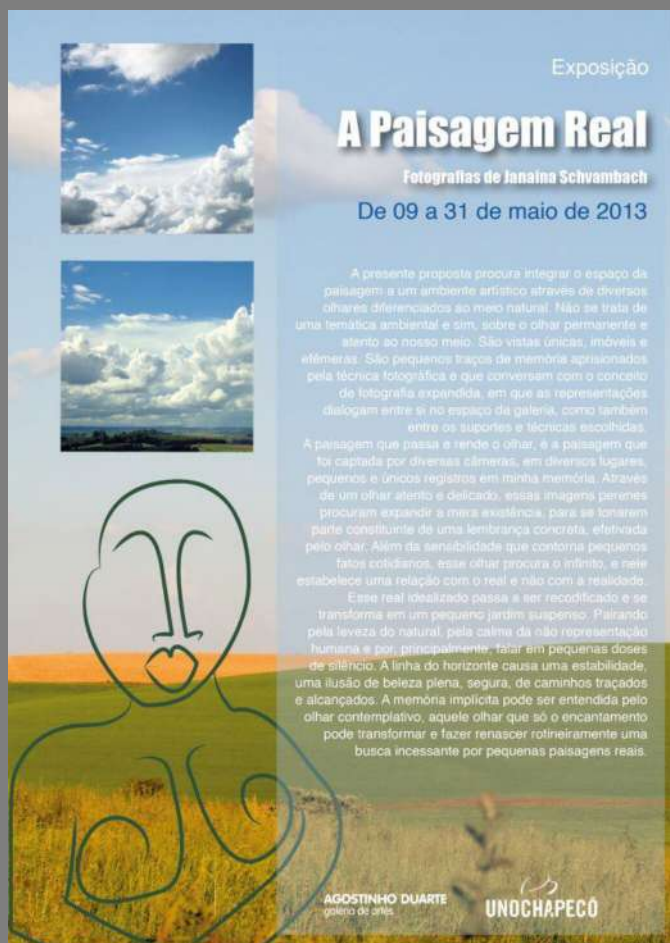


Fonte: Imagem de www.facebook.com/baldissera.mari

A PAISAGEM REAL

Janaina Schvambach

Período: de 09/05/13 a 31/05/13



Exposição

A Paisagem Real

Fotografias de Janaina Schvambach

De 09 a 31 de maio de 2013

A presente proposta procura integrar o espaço da paisagem a um ambiente artístico através de diversos olhares diferenciados ao meio natural. Não se trata de uma temática ambiental e sim, sobre o olhar permanente e atento ao nosso meio. São vistas únicas, imóveis e efêmeras. São pequenos traços de memória aprisionados pela técnica fotográfica e que conversam com o conceito de fotografia expandida, em que as representações dialogam entre si no espaço da galeria, como também entre os suportes e técnicas escolhidas.

A paisagem que passa e rende o olhar, é a paisagem que foi captada por diversas câmeras, em diversos lugares, pequenos e únicos registros em minha memória. Através de um olhar atento e delicado, essas imagens perenes procuram expandir a mera existência, para se tornarem parte constituinte de uma lembrança concreta, efetivada pelo olhar. Além da sensibilidade que contorna pequenos fatos cotidianos, esse olhar procura o infinito, e nele estabelece uma relação com o real e não com a realidade.

Este real idealizado passa a ser recordado e se transforma em um pequeno jardim suspenso. Raliando pela leveza do natural, pela calma da não representação humana e por, principalmente, falar em pequenas doses de silêncio. A linha do horizonte causa uma estabilidade, uma ilusão de beleza plena, segura, de caminhos traçados e alcançados. A memória implícita pode ser entendida pelo olhar contemplativo, aquele olhar que só o encantamento pode transformar e fazer renascer rotineiramente uma busca incessante por pequenas paisagens reais.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECO

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: www.facebook.com/janaina.schvambach



Fonte: www.facebook.com/janaina.schvambach

"A presente proposta procura integrar o espaço da paisagem a um ambiente artístico através de diversos olhares diferenciados ao meio natural. Não se trata de uma temática ambiental e sim de um olhar permanente e atento ao nosso meio. São vistas únicas, imóveis e efêmeras. São pequenos traços de memória, aprisionados pela técnica fotográfica, os quais conversam com o conceito de fotografia expandida. Tais representações dialogam entre si no espaço da galeria, como também entre os suportes e técnicas escolhidas".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

SOBRE A ARTISTA



Fonte: Imagem cedida pelo(a) artista

"A Galeria Agostinho Duarte é um bom espaço expositivo, possui um tamanho adequado para realizar uma exposição individual, como também tem uma grande circulação de pessoas."

--

Janaína Schvambach



Fonte: www.facebook.com/janaina.schvambach

Janaina Schvambach é natural de Lajeado, Rio Grande do Sul. Possui licenciatura plena em Arte, com habilitação em Desenho e Computação Gráfica pela UFPEL. Possui Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, também pela UFPEL. Está com o Doutorado em Artes Visuais pela UDESC em andamento. Atualmente, atua como professora de Arte e como fotógrafa.

Contato:

Facebook: @j.schvambach

Instagram: @janainaschvambach / @diariodepassagens

E-mail: janainaschvambach@gmail.com



Fonte: www.facebook.com/janaina.schvambach

PRÊT-A-PORTER

Daiana Schwartz

Período: de 05/06/13 a 05/07/13

"O uso de elementos que pertencem ao cotidiano é ressignificado pelas artes quando essas lhes atribuem um novo sentido, deslocando o olhar anestesiado para o despertar de novas possibilidades. Constituída por imagens de diversas revistas de moda que circulam diariamente pelos distintos ambientes, desde o consultório médico até o ateliê de costura, a exposição "Prêt-à-Porter" selecionou, como matéria-prima, os manuais de moda contemporânea. O artifício utilizado, ao mesmo tempo, para velar e desvelar das imagens surge como substância desentorpecedora do olhar".

Exposição

Prêt-A-Porter

De 06 de junho a 05 de julho de 2013

Daiana Schwartz

O uso de elementos que pertencem ao cotidiano é re-significado pelas artes quando esta lhes atribui um novo sentido, deslocando o olhar anestesiado para o despertar de novas possibilidades. Constituída por imagens de diversas revistas de moda que circulam diariamente pelos distintos ambientes, desde o consultório médico ao ateliê de costura, a exposição "Prêt-A-Porter" selecionou como matéria prima as páginas que compõe os manuais da moda contemporânea. O artifício utilizado ao mesmo tempo para velar e desvelar as imagens surge como substância desentorpecedora do olhar.



AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

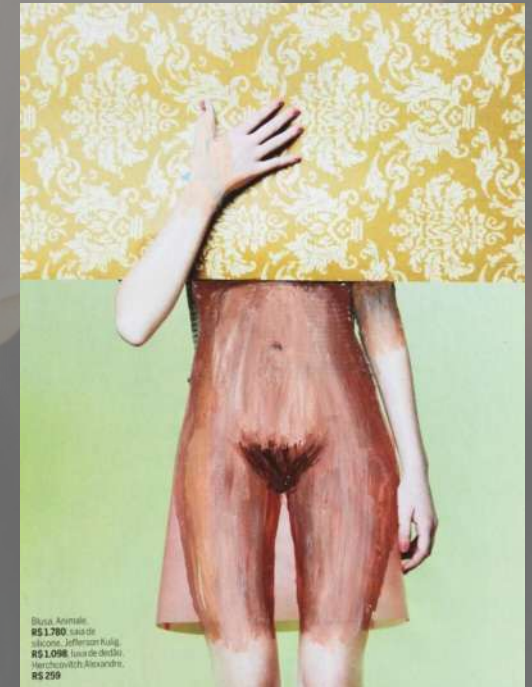
UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



SOBRE A ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/daiana.schwartz.5

"Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, na linha de pesquisa História, Teoria e Crítica. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais pela UDESC, na linha de Pesquisa Teoria e História da Arte. Bolsista Promop pela UDESC (2011-2012). Graduada em Artes Plásticas – Licenciatura (2004) pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora de Artes Visuais do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Tem experiência na área de Artes, ênfase em Artes Visuais, com trabalhos em exposições coletivas, individuais, intervenções urbanas e salões de arte".

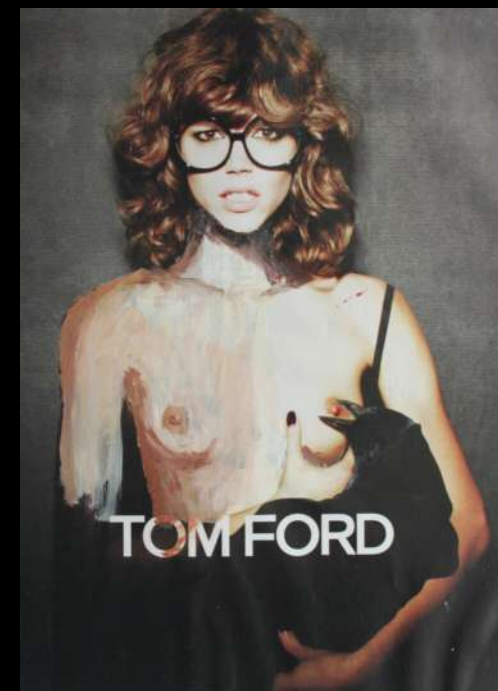
Contato:

Facebook: [@daiana.schwartz.5](https://www.facebook.com/daiana.schwartz.5)

--
Fonte do Texto: www.escavador.com/sobre/8311411/daiana-schwartz



Fonte: Imagem do Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagem do Acervo da Galeria Agostinho Duarte

AMANTE DE MÚTIPLAS E VARIADAS ARTES

Luciano Arrussul

Período: de 08/08/13 a 03/09/13



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

Exposição

Luciano Arrussul

Amante de múltiplas e variadas artes

In memoriam (01/2013) - Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo – Unochapecó

De 08 de agosto a 03 de setembro de 2013

Amante de múltiplas e variadas artes, Luciano Arrussul evidenciou em seus desenhos uma essência animada. É a alma que o desenhador acena em gestos gráficos – é a alma que ele busca representar, seja a do objeto ou ser representado, na representação; porventura, a representação e a expressão constituem o mesmo fenômeno, o presente imediato da mesma imagem.

Luciano era arquiteto e foi um grande formador de arquitetos. Amava a História da arte, que ele cultivava tanto. Seus alunos não se lembram de suas palavras, ao vislumbrarem seus desenhos. Representam a arquitetura em seu cenário urbano de perspectiva, luz e sombra – uma apoteose da expressão. Através de desenhos monocromáticos, vigorados pelo traço forte e vibrante, conquanto delicado como a sua alma mesma, Luciano escolhia sempre aquele momento o mais dramático: os cinco minutos fulgurantes da luz praticamente horizontal – o momento reconhecido e esperado por fotógrafos e amantes da beleza natural. E tanto o é que será possível, no "silêncio" monocromático do desenho, imaginar uma paleta de cores crepusculares a arder nos monumentos escolhidos.

Como artista, Luciano precisava cristalizar o movimento, registrá-lo na escolha da pose cumulada, da atuação inesquecível, que ele transfere da sua para a nossa alma. E então, já não mais esqueceremos, presenteados que somos por seu modo de olhar e de requerer o mundo. Como bailarino, soube sentir todos aqueles movimentos, e soube, como os melhores artistas, expressar-lhe sua alma. Leon Battista Alberti, no mais importante tratado de pintura da modernidade, escrito em 1435, conclamava os pintores a observar os movimentos do corpo para poder representar os movimentos da alma. Luciano conhecia bem Alberti e compreendeu bem o chamamento do mestre do Renascimento italiano. O filósofo Agamben também aproximou os ritmos da dança e do desenho, num texto muito recente escrito para a última Bienal de São Paulo.

Luciano nos ensina, mais uma vez, como a história e o momento presente faz parte de uma mesma trajetória, a de todos nós, enfim, e muito mais importam o grau de intensidade e a grandeza de intenção em tudo com que nos realizamos nessa curta duração que é a vida mesma. Atemporal, então, como todo grande artista, como todo grande homem que se realiza e marca em sua própria expressão, há de nos ficar na memória também pelas lições de alegria, amizade, generosidade e simplicidade que sempre cultivou e continuará nos inspirando.

Rodrigo Bastos – (Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC e amigo de Luciano Arrussul)



AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Como artista, Luciano precisava cristalizar o mo(vi)mento, registrá-lo na escolha da pose cumulada, da atuação inesquecível, que ele transfere da sua para a nossa alma. E, então, já não mais esqueceremos, presenteados que somos por seu modo de olhar e de requerer o mundo. Como bailarino, soube sentir todos aqueles movimentos e soube também, como os melhores artistas, expressar, por eles/neles sua alma. Leon Battista Alberti, no mais importante tratado de pintura da modernidade, escrito em 1435, conclamava os pintores a observar os movimentos do corpo para poder representar os movimentos da alma. Luciano conhecia bem Alberti e compreendeu bem o chamamento do mestre do Renascimento italiano. O filósofo Agamben também aproximou os ritmos da dança e do desenho, num texto muito recente, escrito para a última Bienal de São Paulo.

Luciano nos ensina, mais uma vez, como a história e o momento presente fazem parte de uma mesma trajetória, a de todos nós, enfim, e, muito mais, importam o grau de intensidade e a grandeza de intenção em tudo com que nos realizamos nessa curta duração que é a vida mesma. Atemporal, então, como todo grande artista, como todo grande homem que se realiza e marca em sua própria expressão, há de nos ficar, na memória, também pelas lições de alegria, amizade, generosidade e simplicidade que sempre cultivou; é assim que continuará também nos inspirando".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

SOBRE O ARTISTA

"Amante de múltiplas e variadas artes, Luciano Arrussul evidenciou, em seus desenhos, uma essência animada. É à alma que o desenhador acena em gestos gráficos – é a alma que ele busca representar, seja a do objeto, seja a do ser representado, na representação; porventura, a representação e a expressão constituem o mesmo fenômeno, o presente imediato da mesma imagem.

Luciano era arquiteto e foi um grande formador de arquitetos. Amava a História da Arte, gesto que ele tanto cultivou. Seus alunos hão de se lembrar de suas palavras, ao vislumbrarem seus desenhos.

Representam a arquitetura em seu cenário urbano de perspectiva, luz e sombra – uma apoteose da expressão. Através de desenhos monocromáticos, vigorados pelo traço forte e vibrante, conquanto delicado como a sua alma mesma, Luciano escolhia sempre aquele momento, o mais dramático, os cinco minutos fulgurantes da luz praticamente horizontal – o momento reconhecido e esperado por fotógrafos e amantes da beleza natural. E tanto o é que será possível, no silêncio monocromático do desenho, imaginar uma paleta de cores crepusculares a arder nos monumentos escolhidos".

-- Rodrigo Bastos, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC e amigo de Luciano Arrussul.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

MEMORIAL DO ESQUECIMENTO

Daniel Zonta

Período: de 06/09/13 a 01/10/13.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: www.unochapeco.edu.br

Exposição

MEMORIAL DO ESQUECIMENTO

De 06 de setembro a 01 de outubro de 2013

Daniel Zonta

A fotografia enquadrada e congelada o momento. O dispositivo fotográfico, segundo seus olhos mecânicos, registra a imagem como algo presente no mundo, tornando-a matéria através da impressão. Para Daniel, a imagem resultante surge como matéria de arquivo e memória, viabilizando o desenvolvimento das linguagens que permeiam seu processo criativo.

As imagens fotográficas impressas em grande formato retratam figuras dos seus antepassados. São elas que dão o suporte (material e mnemônico) às interferências realizadas na superfície do papel, e viabilizam uma relação corporal direta com esse registro de memória – seja pelo desenho, pintura ou colagem de outros materiais. Em alguns de seus trabalhos utiliza objetos pessoais, com forte presença física, impregnados de sentimentos e envolvidos por uma ambiência nostálgica.

As imagens são preenchidas pela gama de significados e lembranças que envolvem os sentidos. Memória de onde viemos e tudo que já vivemos até aqui. Pelo que somos através das lembranças. Um cheiro, uma cor, um lugar, uma frase, um gesto. Essa linha entre real-abstrato, esquecer-lembrar, viver-sonhar, fazendo uma relação do corpo com a noção do tempo e os sentimentos nele contido.

Antonio Dante e Daniel Zonta

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A fotografia enquadrada e congela o momento. O dispositivo fotográfico, segundo seus olhos mecânicos, registra a imagem como algo presente no mundo, tornando-a matéria através da impressão. Para Daniel, a imagem resultante surge como matéria de arquivo e memória, viabilizando o desenvolvimento das linguagens que permeiam seu processo criativo.

As imagens fotográficas impressas em grande formato retratam figuras dos seus antepassados. São elas que dão o suporte (material e mnemônico) às interferências realizadas na superfície do papel e viabilizam uma relação corporal direta com esse registro de memória – seja pelo desenho, pela pintura, seja pela colagem de outros materiais. Em alguns de seus trabalhos, utiliza objetos pessoais, com forte presença física, impregnados de sentimentos e envolvidos por uma ambiência nostálgica. As imagens são preenchidas pela gama de significados e lembranças que envolvem os sentidos: memória de onde viemos e de tudo que já vivemos até aqui; pelo que somos através das lembranças: um cheiro, uma cor, um lugar, uma frase, um gesto; essa linha entre real-abstrato, esquecer-lembrar, viver-sonhar, fazendo uma relação do corpo com a noção do tempo e os sentimentos nele contido".

-- Antonio Dante e Daniel Zonta

CHEGADAS E PARTIDAS

Marcelo Moreno

Período: de 06/09/13 a 01/10/13

"O momento exato em que se chega a algum lugar é o fim de um movimento percorrido no espaço. Chegadas misturam-se ao ato de sair, de partir, de deixar algum lugar, ir embora, retirar-se, começar a se deslocar. Movimentos rápidos, mudanças de espaço. Aquilo que acabamos de ver, logo não está mais ali. Figuras e personagens vistos apenas uma única vez, deslocando-se de um lugar desconhecido para um destino incerto ou não descoberto. Não se sabe se chegam ou se partem. Rostos e corpos anônimos estão ali, registrados, em uma fração de segundo, pelas lentes atentas de um observador despercebido, à espreita dos que chegam e dos que partem.

Partir implica muito mais do que simplesmente sair do lugar. Por trás dessa ação, pode existir uma perda, uma morte, um desprendimento, sonhos a serem carregados e a esperança do que poderá vir. Expectativas. Para alguns, apenas o caminho necessário para encontrar o outro ponto do percurso, o chegar. Chegar pode ser muito mais do que o final de uma trajetória. Pode ser a descoberta, o nascimento, o início de uma amizade ou de um amor. Talvez impacto, desilusão, confronto. Para outros, o ponto culminante, o auge da trajetória de quem ousou partir.

O espectador é convidado a percorrer esses espaços, esses tempos de encontro/desencontro, de chegadas e/ou partidas, e a refletir sobre essas ações que ocorrem dentro das estações de metrô. Mais do que alterações de espaço, de movimento, de deslocamento, de ir e vir, as fotografias aqui expostas buscam criar uma reflexão sobre a existência de partidas e de chegadas constantes dentro de um período de tempo, que vai desde o nascimento até a morte, o qual chamamos de vida. Através das obras, somos levados a refletir sobre essas passagens de tempo, retratadas em diferentes estações de metrô. Chegadas e partidas permeiam as fotografias dessa exposição. São lugares em que comumente encontramos o partir e o chegar. Há retratos em Sydney, em Moscou, em Seattle, em Paris, em Londres. Na fotografia, apenas frações de segundos – o suficiente para capturar o instante único, o exato momento da partida ou da chegada. Essas frações de segundos buscam prender o tempo e tornam-se muito maiores do que esses ínfimos segundos. Transformam-se em instantes primorosos, em preciosos tempos não medidos. Marcelo Moreno é médico, professor e pesquisador. Quando não está desempenhando sua profissão, atua na arte de fotografar, o que é um meio de exprimir suas percepções, de registrar opiniões e de interpretar o cotidiano. Assim, a fotografia foi uma maneira encontrada para capturar as mais variadas situações da vida, contribuindo para a descoberta de novos pontos de vista e de situações únicas".

-- Joseana Stringini da Rosa



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O FOTÓGRAFO



Fonte: Imagem cedida pelo fotógrafo

"Residências Médicas em Cirurgia Geral e Cirurgia Oncológica. Possui o Título de Especialista em Mastologia e o Título de Especialista em Cancerologia - Cancerologia Cirúrgica.

Realizou pós-graduação em Docência para Área da Saúde e Cirurgia Oncoplástica Mamária. É Mestre em Engenharia Biomédica, com o tema Espectroscopia Raman em Câncer de Mama. Possui Doutorado em Medicina (Radiologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde pesquisou o tema relacionado à Cirurgia Radioguiada Mamária. É Coordenador do Curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e professor do Curso de Medicina da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

Trabalha também como Médico Cirurgião Oncológico e Mastologista, relacionando com os seguintes temas: Mastologia, Cultura de Células, Diagnóstico e Tratamento de Neoplasias Malignas Sólidas, Epidemiologia em Oncologia, Cirurgia Radioguiada, Cirurgia Oncoplástica de Mama, Tratamento Cirúrgico de Câncer de Pele e de Mama. Atua também na área de Educação Médica.

Possui o Curso de fotografia analógica pelo Senac- Porto Alegre (2000)".

--

Marcelo Moreno



Fonte: Imagem cedida pelo fotógrafo



Fonte: Imagem cedida pelo fotógrafo



Fonte: Imagem cedida pelo fotógrafo

ARTE EM MOVIMENTO

Professores de Artes Visuais
Período: de 06/09/13 a 01/10/13



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

Arte em movimento
5ª edição
Exposição coletiva dos professores do curso de Artes Visuais - Unochapecó
De 13 de novembro a 13 de dezembro de 2013
Abertura dia 13 de novembro às 20h30

O vídeo é som, imagem e movimento. A videoarte toma essa linguagem questionando, pois é próprio da arte tocar os sentidos – aisthesis – mas, também, é próprio da arte ser/fazer/tecer políticas.

A política da arte incide sobre o que vemos, o que queremos esconder e o que não queremos ver; incide sobre o que podemos dizer, sobre o que calamos e sobre o que não nos foi dado dizer; incide sobre quem tem a competência de ver, de olhar, de sentir; sobre os que não têm a competência de tocar, sobre os que foram/estão cegos e/ou foram cegados pela sociedade hiperindustrial. A política da arte incide sobre os espaços modificando-os, redimensionando-os, fazendo destes espaços o outro daquilo que os poderes definiram como positividade. A política da arte vira o tempo do avesso, o atravessa, ronda e faz buraco, faz vento, evento, muda o clima e o tempo (embora ainda não seja capaz de fazer chover no sertão ou parar inundações).

Um bando de formigas, de gente, de carros ou de concreto armado se (des)organiza. Trata-se de caos, mas também de ritmo. O bailado das formigas se leva onde? Os carros estão perdidos? O cimento é (des)construção? O trânsito de pessoas soa como ondas de mar; um mar de pessoas. A engenharia das formigas é pura matemática. Os carros vão com certeza. E o cimento, baila?

A realidade está contaminada de simbólico e funda o imaginário (Lacan). O real está além da realidade. Ele traz o que não foi vivido da realidade. O real seria irrepresentável. A arte, como política, joga na cara do espectador esse real, desestruturando a realidade. A videoarte permite um olhar diferenciado sobre o cotidiano que quase passa despercebido. Trazer à tona o real é operação para um outro entendimento/sensação sobre a realidade.

Será que a vida é assim?
Maria Beatriz de Medeiros

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"O vídeo é som, imagem e movimento. A videoarte toma essa linguagem-questionamento, pois é próprio da arte tocar os sentidos – aisthesis – mas, também, é próprio da arte ser/fazer/tecer políticas.

A política da arte incide sobre o que vemos, o que querem esconder e o que não queremos ver; incide sobre o que podemos fazer, sobre o que calamos e sobre o que não nos foi dado dizer; incide sobre quem tem a competência de ver, de olhar, de sentir, sobre os que não têm a competência de tocar, sobre os que foram/estão cegos e/ou foram cegados pela sociedade industrial. A política da arte incide sobre os espaços, modificando-os, redimensionando-os, fazendo desses espaços o outro daquilo que os poderes definiram como positividade. A política da arte vira o tempo do avesso, o atravessa, ronda e faz buraco, faz vento, evento, muda o clima e o tempo, embora ainda não seja capaz de fazer chover no sertão ou parar inundações.

Um bando de formigas, de gente, de carros ou de concreto armado se (des)organiza. Trata-se de caos, mas também de ritmo. O bailado das formigas para onde as leva? Os carros estão perdidos? O cimento é (des)construção? O trânsito de pessoas soa como ondas de mar; um mar de pessoas. A engenharia das formigas é pura matemática. Os carros vão com certeza. E o cimento, baila?

A realidade está contaminada de simbólico e funda o imaginário (Lacan). O real está além da realidade. Ele traz o que não foi vivido da realidade. O real seria irrepresentável. A arte, como política, joga na cara do espectador esse real, desestruturando a realidade. A videoarte permite um olhar diferenciado sobre o cotidiano que quase passa despercebido. Trazer à tona o real é operação para um outro entendimento/sensação sobre a realidade.

Será que a vida é assim?"

-- Maria Beatriz de Medeiros

SOBRE O GRUPO DE PROFESSORES

A criação do grupo de professores/pesquisadores/artistas do curso de Artes Visuais se materializou em 2008.

Desde o momento de sua constituição, tem como objetivo o desenvolvimento de pesquisas com linguagem contemporânea - a fim de explorar conhecimentos sobre arte e sociedade - e também fomento à pesquisa e incentivo ao campo das artes.

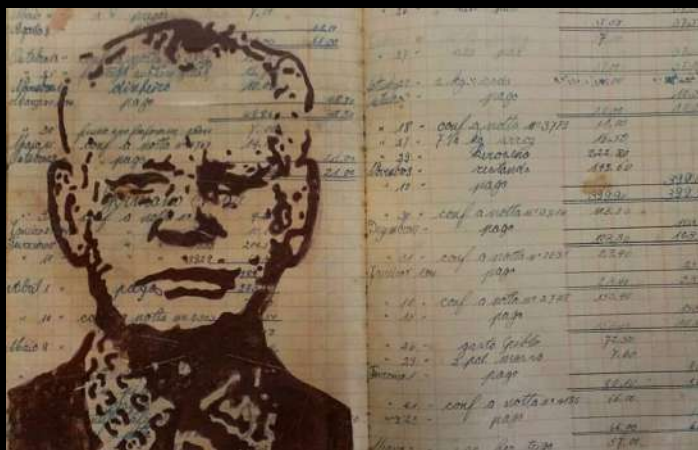
Desde sua fundação até o presente momento (2019), o grupo de professores já realizou dez exposições, contando com exposições no Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo De Nes, Galeria Agostinho Duarte, entre outros espaços.



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte. Exposição 2019.



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte. Exposição 2019.



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte. Exposição 2019.



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte. Exposição 2019.



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte. Exposição 2019.

An abstract artwork featuring a variety of geometric shapes and colors. On the left, there's a blue and white checkered pattern. In the center, a large green cross-like shape is prominent. Below it, a circular pattern with concentric rings of blue, orange, and purple is visible. The bottom half of the image is dominated by large, flowing shapes in shades of purple and blue. The background is a light beige color with scattered small circles and lines.

2014

EXPOSIÇÕES

O ano de 2014 contou com nove exposições em seu espaço, por meio de seleção via edital e por convites mediados pela Coordenação da Galeria.

Com temáticas e técnicas contemporâneas, a riqueza de sua diversidade permite olhares diferenciados do acadêmico da Arte da Instituição, de profissionais de segmentos outros e das pessoas da comunidade em geral.

RETRO 2013

Acervo da Galeria Agostinho Duarte
Período: de 27/02/14 a 08/03/14

Exposição

RETRO2013

De 27 de fevereiro a 08 de março de 2014

A arte fascina, torna as emoções dos artistas uma obra visível, tateável, que expressam as mais variadas sensações: beleza, alegria, rancor, curiosidade. Tudo arte. 2013 foi um ano de inspiração artística, e para relembrar será realizada uma exposição apresentando os cartazes de todas as mostras do ano passado, tornando visível a beleza e as diversas emoções que a arte pode expressar.



AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagem cedida pelo artista Marcelo Moreno

Chegadas e Partidas

A Paisagem Final

Prêt-à-Porter

"A arte fascina, torna as emoções dos artistas uma obra visível, tateável, que expressa as mais variadas sensações: beleza, alegria, rancor, curiosidade. Tudo arte, 2013 foi um ano de inspiração artística. Para relembrá-lo, será realizada uma exposição na qual serão apresentados os cartazes de todas as mostras desse ano, tornando visível a beleza e as diversas emoções que a arte pode expressar".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

INCONSCIENTE EXPRESSIVO

Daniel Signor

Período: de 13/03/14 a 12/04/14



Fonte: Imagem do acervo da Galeria Agostinho Duarte

**INCONSCIENTE
EXPRESSIVO**
De 13/03/14 a 12/04/14

DANIEL DE SOUZA DE OLIVEIRA

Signor atua no campo da pintura, expressando sua característica espontânea através de pinceladas ágeis e díspares.

Momentos diferentes do artista são revelados em suas obras a partir de suas pinceladas muitas vezes violentas e bruscas, e em outras situações, são calmas e sutis.

Em seus trabalhos o artista utiliza de uma desordem formal criando uma espécie de alvoroço visual, no qual o desenho é turbulento, agitado, e as cores, na sua maioria em tons quentes, dão força e estrutura ao processo criativo.

Suas obras e, em alguns casos seus títulos, permitem uma série de associações, as quais nos levam para a fantasia, disponibilizando situações de experimentos, de um pensar e agir em hipóteses, associando objetos e eventos, sem necessitar de suas presenças físicas, apenas agindo na imaginação.

(Andréa Capssa)

Satisfazendo o interesse dos amantes da arte, a abertura da galeria Agostinho Duarte vai expor as obras do Artista Daniel de Souza de Oliveira.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Signor atua no campo da pintura, em que expressa sua característica espontânea através de pinceladas ágeis e díspares.

Momentos diferentes do artista são revelados em suas obras, a partir de suas pinceladas – violentas e bruscas, muitas vezes; calmas e sutis, em outras situações.

Em seus trabalhos, o artista utiliza-se de uma desordem formal, criando uma espécie de alvoroço visual, no qual o desenho é turbulento, agitado, e as cores, na sua maioria em tons quentes, dão força e estrutura ao processo criativo. Suas obras – e, em alguns casos, seus títulos – permitem uma série de associações, as quais nos levam para a fantasia, disponibilizando situações de experimentos, de um pensar e agir em hipóteses, associando objetos e eventos, sem necessitar de suas presenças físicas, apenas agindo na imaginação".

-- Andréa Capssa.

SOBRE O ARTISTA



Fonte: Acervo Particular do Artista

"Daniel Signor é artista visual, Bacharel em Desenho e Plástica (UFSM). Realizou oficinas de arte pública e intervenções urbanas no Museu de Arte de Santa Maria (2009). Participou dos projetos Arte Mural como Reapropriação do Espaço Público e Arte Mural na CEU II (Santa Maria, 2011). Como integrante da Associação dos Artistas Plásticos de Santa Maria, auxiliou na organização de eventos e participou de diversas exposições. Signor atua no campo da pintura e expressa sua característica espontânea em diferentes momentos de sua construção poética. Como suporte, o artista utiliza a tela e também o muro, as paredes das casas, uma vez que a sua pintura extrapola os limites da tela e do cavalete e invade a cidade. Muitas vezes, as pinceladas ágeis e díspares propõem uma leitura da obra que remete ao fantástico e canaliza a nossa atividade imaginativa para diversas direções; em outras situações, o artista utiliza-se da geometria formal e da cor para proporcionar ritmo às narrativas visuais. Aliás, Daniel Signor não poupa nas cores, ao contrário, ele joga com elas, o que torna seu trabalho inconfundível. Suas obras – e também os seus títulos – permitem uma série de associações ao imaginário, o qual possibilita um pensar e agir em hipóteses. A xilogravura também se faz presente no processo criativo do artista: muitas vezes, ela é recortada e colada à tela, integrando-a à tinta acrílica, invadindo e extrapolando os limites pictóricos. A utilização de formas geométricas e abstratas dão força e estrutura às narrativas visuais que surgem a cada traço e a cada linha. Sua obra é vibrante".



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

PAISAGENS INVENTADAS

Simone Rosa

Período: de 24/04/14 a 24/05/14

"As paisagens inventadas por Simone Rosa salientam a hibridação existente nas misturas arquitetônicas antigas com seu contexto urbano atual. São pinturas, gravuras digitais e vídeos que compõem os patrimônios culturais com a diversidade de elementos da visualidade urbana, instigando à pluralidade cotidiana e à aceleração do tempo por meio da desconstrução visual. Criar paisagens urbanas ficcionais, com base na sua desconstrução, é um modo de sugerir possibilidades de interpretações diversas, na criação de espaços urbanos utópicos, que destacam determinadas arquiteturas antigas da cidade de Santa Maria/RS; ao mesmo tempo, esse criar salienta, de um modo geral, a indeterminação, a incerteza, a impureza e a instabilidade da paisagem urbana contemporânea; constitui-se um modo de referir-se a – e refletir sobre – todas as edificações antigas que permanecem na memória e na visualidade das cidades".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/simone.darosa1

"Simone Melo da Rosa é natural de Santa Maria/RS, onde reside atualmente. Morou em Chapecó/SC por dois anos, no período de 2013 a 2015.

É Bacharel em Desenho e Artes Plásticas, tem habilitação em Desenho Artístico pela UFSM (1989). É especialista em Estilismo do Calçado pela FEEVALE (1993). É Mestre em Engenharia de Produção, na linha de pesquisa Projeto de Produto pela UFSM (2002). É Mestre em Arte Contemporânea, na linha de pesquisa Arte e Tecnologia pela UFSM (2012). Atualmente, Simone dedica-se somente à produção artística, com pinturas, desenhos, infografias, vídeos e vídeo/instalações".

-- Simone Melo da Rosa

Contato:

Facebook: [@ateliesimonerosa](https://www.facebook.com/ateliesimonerosa)

Instagram: [@artsimonerosa](https://www.instagram.com/artsimonerosa)

Site: www.ateliesimonerosa.com



Fonte: Imagem cedida pela artista



Fonte: Imagem cedida pela artista

VELHOS, RETRATOS DE SUAS TRAJETÓRIAS

AryanaRech

Período: de 28/05/14 a 29/06/14

"A capacidade de contar histórias e de revivê-las a cada nova narrativa sempre nos impressiona. Através delas, passa-se a conhecer não somente o pai ou a mãe, mas o homem e a mulher, protagonistas de suas próprias aventuras.

Na exposição "Velhos, Retratos de suas Trajetórias", vemos o processo de construção do retrato acontecer da mesma forma que se constitui uma vida, através de memórias. A relação que os trabalhos propõem ao espectador é a de aproximação. Pois, para conhecer as figuras dos retratos, ele terá de ler, descobrir, do mesmo modo que, para conhecer os pais, é preciso escutá-los. Isso instiga uma reflexão acerca do conhecer a história, as memórias, ou seja, realmente conhecer um velho. E para isso acontecer... tem-se que chegar perto".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

VELHOS, RETRATOS DE SUAS TRAJETÓRIAS
De 28/05/14 a 29/06/14
Aberta 20h30 em a presença de artista e curador.

Aryana Rech
A capacidade de contar histórias e revivê-las a cada nova narrativa sempre nos impressiona. Através delas, passa-se a conhecer, não somente o pai ou a mãe, mas o homem e a mulher, protagonistas de suas próprias aventuras.
Na exposição "Velhos, Retratos de suas Trajetórias", vemos o processo de construção do retrato acontecer da mesma forma que se constitui uma vida, através de memórias.

A relação que os trabalhos propõem ao espectador é a de aproximação. Pois, para conhecer as figuras dos retratos este terá de ler, descobrir, do mesmo modo que para conhecer os meus pais, eu tive que ouvir. Isso instiga uma reflexão acerca do "conhecer" a história, as memórias, ou seja, realmente "conhecer" um velho. E para isso acontecer... tem-se que chegar perto.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de arte

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/aryana.rech

"É mestranda do PPGE da Unochapecó com bolsa CAPES exclusividade. Possui graduação em Artes Visuais nas modalidades Bacharel (2009) e Licenciatura (2015) pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, e Pós-Graduação em Ensino da Arte: Perspectivas Contemporâneas, pela mesma Universidade. Atuou na Educação Básica na rede municipal e estadual de ensino como professora da disciplina de Artes, em Projetos Cultural com Oficinas de Desenho e Pintura. Tem experiência na área de Artes Visuais, tendo produção plástica atualizada. Tem conhecimento no ensino e prática do Desenho, com ênfase no Desenho de Moda, Pintura, Ilustração e Histórias em Quadrinhos".

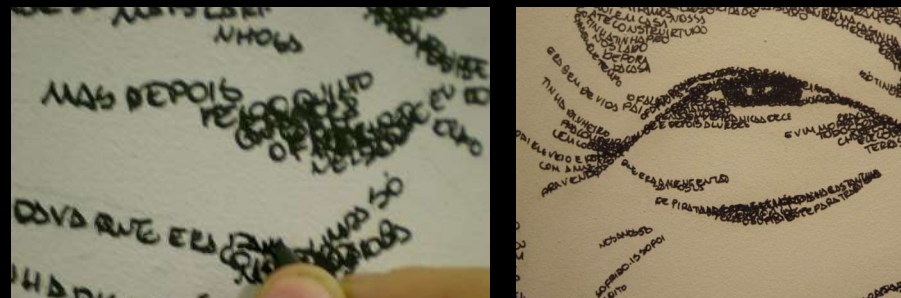
Contato:
Facebook: [@aryana.rech](https://www.facebook.com/aryana.rech)



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte

FESTIVAL DO MINUTO

Rede Offline de Exibições

Período: de 16/07/14 a 15/08/14

"O Festival do Minuto apresenta anualmente seus melhores vídeos em centenas de instituições culturais. Nesse ano, as mostras contam com o que há de mais criativo na produção recente de formato curtíssimo. As exibições acontecerão em mais de 300 equipamentos culturais de 150 cidades do Brasil".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

Rede Offline de Exibição do Festival do Minuto – 2014 Melhores Minutos de 2013.

De 16/07/14 a 15/08/14

1 MINUTO
FESTIVAL PERMANENTE DO MINUTO
desde 1991

O Festival do Minuto apresenta anualmente seus melhores vídeos em centenas de instituições culturais. Este ano, as mostras contam com o que há de mais criativo na produção recente de formato curtíssimo. As exibições acontecerão em mais de 300 equipamentos culturais de 150 cidades do Brasil.

Sobre o Festival

O Festival do Minuto foi criado, em 1991, pelo cineasta e curador Marcelo Masagão. A partir do evento brasileiro, outros festivais do gênero foram criados em mais de 50 países. Atualmente é permanente e online, e recebe anualmente milhares de vídeos através do seu portal. Seu acervo inclui vídeos de realizadores que hoje são conhecidos pela produção de longas-metragens, como os diretores Fernando Meirelles (Cidade de Deus, O Jardineiro fiel, 360), Beto Brant (O Invasor, Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios), Tata Amaral (Um céu de estrelas, Antônia, Hoje), Anna Muylaert (Durval Discos, É proibido fumar), entre outros. Na última edição da rede de exibição, os Melhores Minutos de 2012 foram vistos por mais de 40.000 pessoas em mais de 220 equipamentos culturais de 200 cidades brasileiras. Mais informações em: www.festivaldominuto.com.br

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O FESTIVAL

"Criado em 1991, o Festival do Minuto trabalha com a seleção de imagens em movimento – de amadores e de profissionais – para o exercício da síntese em trabalhos com duração máxima de 60 segundos. Ele foi o pioneiro no formato no mundo, tendo inspirado a criação de Festivais do Minuto em mais de 50 países.

Ao longo de seus 25 anos, o Festival do Minuto acompanhou a evolução dos vídeos, apoiando o uso de novas tecnologias (como celulares, câmeras portáteis) e conceitos de narrativa, edição, som e imagem.

Entre 1991 e 2007, eram recebidos cerca de mil vídeos por ano - por correios -, provenientes de mais de 40 países. A curadoria exibia cerca de 5% do material coletado em mostras ao redor do país.

Em 2005, o Festival do Minuto iniciou o processo para se tornar permanente. Em 2007, ele se tornou totalmente online: os realizadores já podiam enviar seus vídeos pela internet e assisti-los em nosso portal. Desde então, o acervo do Festival se expandiu em mais de 500%. Para isso, todos os meses são lançados diversos temas para que os usuários possam se inspirar na criação de conteúdos.

Além disso, anualmente, é realizada a Rede Melhores Minutos. Nela, são exibidos os melhores vídeos do ano em mais de 250 pontos culturais distribuídos no Brasil: cineclubes, bibliotecas, escolas, universidades, museus de imagem e som, entre outros.

No campo da educação, o Festival oferece oficinas de formação audiovisual para professores e alunos da rede pública. Além disso, compromete-se na divulgação do trabalho de estudantes universitários que buscam, no audiovisual, formas para se comunicar e de expor suas ideias.

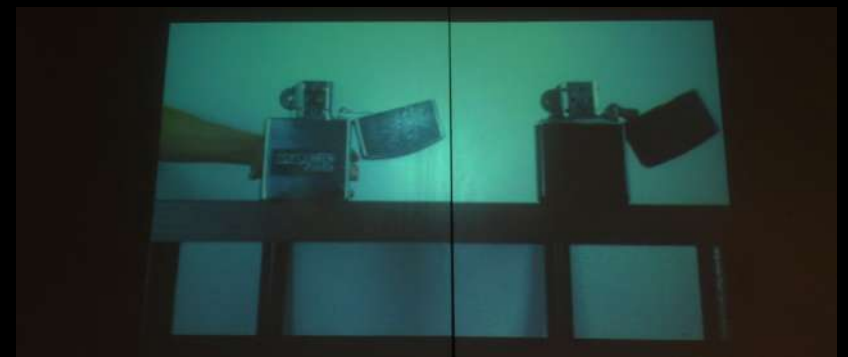
Atualmente, possuímos um acervo de mais de 35 mil vídeos, distribuídos em diversas mostras temáticas. Diretores como a Anna Muylaert, Fernando Meirelles, Tatá Amaral e Beto Brant já passaram pelo Festival.

Em 2016, o Festival lança uma nova fase, com uma nova identidade visual, um portal mais moderno e novidades como geolocalização de vídeos e desafios de linguagem. Além disso, adotou a licença Creative Commons como padrão para disponibilizar o acervo e o próprio sistema do site".

Fonte do Texto: <http://www.festivaldominuto.com.br>



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte

PEQUENOS FORMATOS

Rede SESC

Período: de 20/08/14 a 17/09/14

Grupo de Artistas: Audrian Cassanelli, Cristina Luviza Batiston, Juliana Povala, Janaína Corá, Mari Baldissera, Marília Hermes e Sonia Loren.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



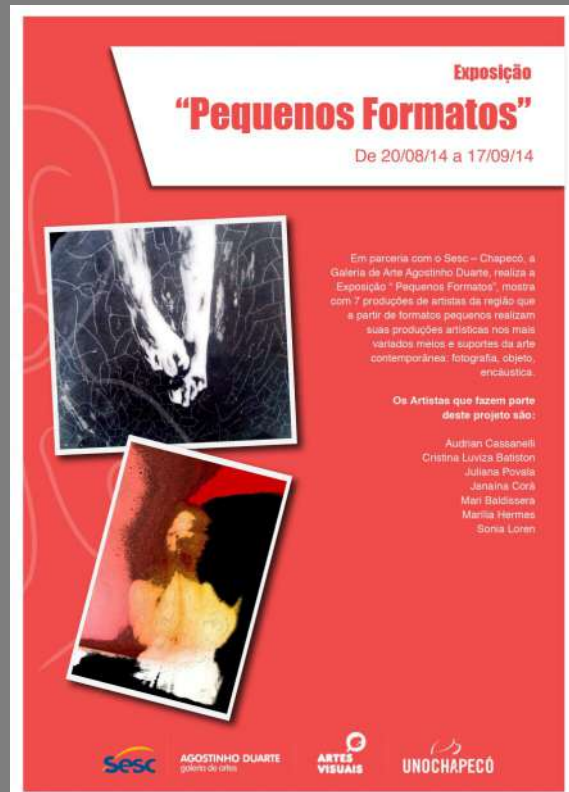
Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Em parceria com o Sesc – Chapecó, a Galeria de Arte Agostinho Duarte realiza a Exposição “ Pequenos Formatos”, mostra com sete produções de artistas da região, que, a partir de formatos pequenos, realizam suas produções artísticas nos mais variados meios e suportes da arte contemporânea: fotografia, objeto e encáustica".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O SESC

"Mantido pelos empresários do comércio de bens, turismo e serviços, o Serviço Social do Comércio - Sesc - é uma entidade privada que tem como objetivo proporcionar o bem-estar e a qualidade de vida aos trabalhadores desse setor e suas famílias. Presente em todos os estados brasileiros, o Sesc promove ações no campo da Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência".

ATUAÇÃO

"As ações do Sesc propagam princípios, humanísticos e universais, promovendo melhor condição de vida para os comerciários e seus familiares em todo o Brasil, bem como oferece serviços que fortalecem o exercício da cidadania e contribuem com o desenvolvimento socioeconômico e cultural.

As atividades do Sesc seguem modelos de ação construídos por especialistas em diversas áreas, garantindo que a atuação seja adequada às necessidades da sociedade. São mais de 19 mil funcionários, em todas as regiões brasileiras, produzindo e recebendo informação para a melhoria dos serviços".

Fonte do Texto: www.sesc.com.br

ABRANGÊNCIA

"Para alcançar cerca de 2,2 mil municípios em todas as regiões, o Sesc conta com unidades de atendimento fixas ou móveis, nas capitais, periferias ou em cidades pequenas. São centenas de centros de atividades, unidades móveis, meios de hospedagem, sedes educacionais e consultórios, com singularidades: o Sesc oferece, por exemplo, as maiores redes privadas de teatros e de bibliotecas do país. Complementares às unidades fixas, as unidades móveis são essenciais para levar nossos serviços às periferias das grandes cidades e aos municípios do interior".



Fonte: <http://portaldailha.com.br/florianopolis/lernoticia.php?id=43623>

MERGULHO URBANO



Ingrid Antunes

Período: de 23/09/14 a 17/10/14

Exposição
Mergulho Urbano
De 23/09/14 a 17/10/14
Abertura: 19h30

INGRID W. ANTUNES

O fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson foi um fotógrafo reputado como um dos melhores de todos os tempos, seu estilo tanto como repórter fotográfico quanto como retratista. Ele capturou situações humanas e criou uma espécie de memória coletiva de imagens. O segredo de sua arte foi registrar o cotidiano por um ângulo totalmente extraordinário. Momentos decisivos, gestos fugazes, espaços registrados que viriam a se modificar como tudo se modifica no contínuo da viagem humana.

A primeira vista suas fotografias nos parecem cartões postais, de alguém que trouxe, em sua mala, lembranças de dias inesquecíveis. Feitas em Recife, pretendem anunciar a beleza do lugar: praias, avenidas, prédios e pessoas passando por ali, fazendo Cooper, entregues à liberdade de suas férias.

Num segundo momento as fotografias vão mais além quando analisadas: o reflexo das pessoas na beira do mar, reflexo turvo de si, lembra-nos o mito de Narciso, aquele que se apaixonou por sua imagem – pintado entre 1594-1596 pelo pintor barroco Michelangelo Merisi de Caravaggio.

E além, num terceiro momento, é possível ver claramente a solidão contemporânea. As fotografias não mostram o aglomerado de Recife, capital de Pernambuco, mas a solidão: poucas pessoas, o fim do dia, os prédios ao longe, o reflexo dos prédios na beira do mar. A luz, a aura, a perda da aura, segundo Walter Benjamin. O corte, a escolha de momentos que fazem o encontro identitário da cidade na fotografia dela mesma. A distância próxima escrita pela luz.

Mergulho urbano?
Urbano é aquele que vive na cidade e é para ser o civilizado, o polido, o cortês, na tradução escrita no dicionário. Mergulhar, por sua vez é ir ao fundo. Buscar no mundo marítimo peixes, os segredos do mar e os segredos de si para fazer dessas impressões um novo fôlego.

(Texto: Mara Paulina)

AGOSTINHO DUARTE
galeria de arte

ARTES
VISUAIS

UNOCHAPECO

"O fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson foi um fotógrafo reputado como um dos melhores de todos os tempos, marcando seu estilo tanto como repórter fotográfico quanto como retratista. Ele capturou situações humanas e criou uma espécie de memória coletiva de imagens. O segredo de sua arte foi registrar o cotidiano por um ângulo totalmente extraordinário. Momentos decisivos, gestos fugazes, espaços registrados que viriam a se modificar como tudo se modifica no contínuo da viagem humana.

À primeira vista, suas fotografias nos parecem cartões postais, de alguém que trouxe, em sua mala, lembranças de dias inesquecíveis. Feitas em Recife, pretendem anunciar a beleza do lugar: praias, avenidas, prédios e pessoas passando por ali, fazendo Cooper, entregues à liberdade de suas férias.

Num segundo momento, as fotografias vão mais além quando analisadas: o reflexo das pessoas na beira do mar, reflexo turvo de si, lembra-nos o mito de Narciso, aquele que se apaixonou por sua imagem – pintado entre 1594-1596 pelo pintor barroco Michelangelo Merisi de Caravaggio.

E além, num terceiro momento, é possível ver claramente a solidão contemporânea. As fotografias não mostram o aglomerado de Recife, capital de Pernambuco, mas a solidão: poucas pessoas, o fim do dia, os prédios ao longe, o reflexo dos prédios na beira do mar. A luz, a aura, a perda da aura, segundo Walter Benjamin. O corte, a escolha de momentos que fazem o encontro identitário da cidade na fotografia dela mesma. A distância próxima escrita pela luz.

Mergulho urbano?

Urbano é aquele que vive na cidade e é para ser o civilizado, o polido, o cortês, na tradução escrita no dicionário. Mergulhar, por sua vez é ir ao fundo. Buscar, no mundo marítimo, peixes, os segredos do mar e os segredos de si para fazer dessas impressões um novo fôlego".

-- Mara Paulina Arruda.

SOBRE A ARTISTA



Fonte: Imagem cedida pela artista

Ingrid Fatima Wentz Antunes nasceu em Carazinho/RS, mas reside em Chapecó desde 1954. É formada em Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar. Possui Pós-graduação em Arte Educação e em Tecnologias Contemporâneas. Atualmente, trabalha com Educação Ambiental e Arte. Está desenvolvendo trabalhos em fotografia, pintura e desenho. Participa de uma Associação: SOS TERRA Arte em Ação, na qual desenvolve trabalhos, como exposições com o intuito de educar; também desenvolve oficinas com crianças e é palestrante.

Contato:

Facebook: [@ingrid.f.antunes.9](https://www.facebook.com/ingrid.f.antunes.9)



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

PARADOXO? ANALOGIA?

Márcia Moreno e Sonia Monego
Período: de 05/11/14 a 17/11/14

Exposição
PARADOXO? ANALOGIA?
Marcia Moreno e Sonia Monego
De 05/11/14 a 17/11/14
Vernissage: 05/11 - 19h15

O propósito do presente trabalho "Paradoxo? Analogia?" foi o de sensibilizar e ao mesmo tempo estimular o público em geral a refletir sobre o sofrimento imposto aos animais de consumo humano abatidos em frigoríficos e o extermínio em massa praticado pelas instituições durante o Holocausto. Oportuno salientar que não se trata de simples comparativo. Colocando-se em igualdade de juízo de valor a vida humana e animal.

O trabalho artístico toma emprestado do pressuposto do filósofo Peter Singer em sua obra Ética Prática, o princípio de interesse, levando-se em conta que em vez que tem consciência de si, tem perspectivas de futuro e sente dor a cabível de sofrimento. Desprezando-se as duas primeiras condições é inegável a condição de sofrimento comum aos homens e animais no tocante à dor física. Os métodos de abate sofreram mudanças consideráveis ao longo das últimas décadas visando maior produtividade, rapidez e também a redução do sofrimento dos animais, segundo as normas de bem estar animal. Para tanto a a agroindústrias de quase todos os países procuram seguir os princípios do "abate humanitário".

Diariamente passam por nós, em nossa cidade, dezenas de caminhões carregados de suínos e aves destinadas ao abate, cena comum que se incorporou ao nosso olhar. Não nos preocupamos em saber qual o destino dado às pobres cargas vivas. Nosso olhar já está acostumado e nossa mente não processa nenhuma reflexão formal no sentido Piagetiano. A pressa do dia a dia não contempla espaço para formular hipóteses sobre o destino dos embarcados...

No filme A Lista de Schindler cenas com milhares de judeus aprisionados em campos de concentração, os embarques em vagões ferroviários ou em caminhões e as filas para evasão: inicialmente a lista e posteriormente "selvadouras" para câmaras de gás, guardam semelhança simbólica com os aviários com capacidade para 10 a 15 aves por metro quadrado, o transporte em caixas lembrando vagões superlotados e por fim o sacrifício inicialmente por meio de água no século passado e agora "invisível" para o uso do eletrochoque seguido da sangria compõe os ritos atuais. O mais comum, no entanto, são as cenas de fumaça com resíduos de cabides evidentes pelas chaminés dos campos de extermínio, o odor, a cor cinzenta no céu, o semblante de morte em contigüidade com as chaminés das agroindústrias evitando fumaças, mas desta vez impregnadas de resíduos de penas. A fumaça que se espalha no ar em ambos os casos tem o odor do sofrimento, da morte. Procuramos no poema de Fernando Pessoa a diferença do olhar do artista e do povo em geral para reflexão do tema proposto:

"De quem é o olhar/
Que espregue meus olhos?
Quando penso que vejo/
Quem continua vendo/
Enquanto eu estava pensando?"

Nos frigoríficos o aspecto da higiene das operações, bem como da manipulação dos produtos, a vestimenta uniformizada dos funcionários, autoriza-nos a levantar uma analogia com a "medicina nazista" que valoriza o corpo e o belo para erradicação dos males. Do ponto de vista social, o embelezamento era vinculado diretamente à limpeza, tanto do local de trabalho quanto do trabalhador. Os nazistas ao garantir ao trabalhador a limpeza e a saúde, libertava-os de sua condição proletária, eliminando a luta de classes, visto que lhe era oferecido a condição de burguês.

Qualquer semelhança é mera coincidência, e lembrando Pessoa mais uma vez, a alma do artista se questiona:

"Toma um outro sentido/
Em mim o universo/
É uma nódoa abatida/
De eu ser consciente sobre/
Minha ideia das coisas."

Antonio Rotta
(Formado em Filosofia | Pós Graduação em Psicodrama pela Uvachapecó.)

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"O propósito do presente trabalho "Paradoxo? Analogia?" foi o de sensibilizar e, ao mesmo tempo, estimular o público em geral a refletir sobre o sofrimento imposto aos animais de consumo humano, abatidos em frigoríficos, e sobre o extermínio em massa, praticado pelos nazistas durante o Holocausto. Oportuno salientar que não se trata de simples comparativo, colocando-se em igualdade de juízo de valor a vida humana e a animal.

Diariamente, passam por nós, em nossa cidade, dezenas de caminhões carregados de suínos e aves destinados ao abate, cena comum que se incorporou ao nosso olhar. Não nos preocupamos em saber qual o destino dado àquelas cargas vivas. Nosso olhar já está acostumado, e nossa mente não processa nenhuma reflexão formal no sentido piagetiano. A pressa do dia a dia não contempla espaço para formular hipóteses sobre o destino dos embarcados. [...]

Para o tema proposto, encontramos, no poema de Fernando Pessoa, reflexões que nos tocam, sobre a diferença do olhar do artista e o do povo em geral: "De quem é o olhar/ Que espregue meus olhos? /Quando penso que vejo/ Quem continua vendo/ Enquanto eu estava pensando?"

Nos frigoríficos, o aspecto da higiene das operações, bem como da manipulação dos produtos, a vestimenta uniformizada dos funcionários, autoriza-nos a levantar uma analogia com a medicina nazista, que valoriza o corpo e o belo para erradicação dos males. Do ponto de vista social, o embelezamento era vinculado diretamente à limpeza, tanto do local de trabalho quanto do trabalhador. Os nazistas, ao garantirem ao trabalhador a limpeza e a saúde, libertavam-nos de sua condição proletária, eliminando a luta de classes, visto que lhes era oferecida a condição de burguês".

Qualquer semelhança é mera coincidência – e, mais uma vez, lembrando Pessoa, a alma do artista se questiona:

"Toma um outro sentido / Em mim o universo / É uma nódoa abatida / De eu ser consciente sobre / Minha ideia das coisas".

-- Antonio Rotta.

SOBRE AS ARTISTAS / MÁRCIA MORENO

Márcia Moreno é natural de Ijuí/RS e reside em Chapecó desde 2004. Possui graduação em Desenho e Plástica-Licenciatura, 2002, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); graduação em Desenho e Plástica-Bacharelado, 2000, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); mestrado em Educação, 2005, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); especialização em Criatividade: arte e tecnologias, 2009, pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó); é doutoranda em Artes Visuais, com ingresso em 2018, na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Atuou como docente no ensino superior na UFSM (professora substituta), na Unoesc (campus Xanxerê, Joaçaba e São Miguel do Oeste); atualmente, é professora titular da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) no Curso de Artes Visuais. Coordena a Galeria de Artes Agostinho Duarte (Unochapecó). Coordenou o curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Línguas, Artes e Literaturas (Unochapecó). É coordenadora do Curso de Artes Visuais - licenciatura. Vice-líder do grupo de pesquisa: Arte, Visualidade e Cultura (Unochapecó). Atuou como vice presidente do Conselho de Cultura e Políticas da Secretaria de Cultura de Chapecó - SECUL de Chapecó/SC. Foi membro associado da ADENTRO (Associação dos Artistas Visuais da Região Oeste). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Desenho, criatividade, Sketchbook, pintura mural/painéis, cerâmica e arte educação.

Além de atuar no universo acadêmico, enquanto professora (Artes Visuais-Unochapecó) e aluna (doutoranda em Artes Visuais - UDESC), continua com a pesquisa da territorialidade (cartografia e topografia) que desenvolve desde a época da graduação (1996), enquanto espacialidade e/ou físico/matéria/corpo.

Contato:

Instagram: @marcia.moreno08

Facebook: @marciamorenoartes

E-mail: moremar@unochapeco.edu.br

"Vejo a Galeria como um laboratório para toda a comunidade acadêmica e externa, pois, além do acesso visual das obras expostas, há o contato com os artistas e a mediação dos estagiários. Esse processo aproxima a comunidade ao universo das artes visuais."



Fonte: Acervo Pessoal do Artista



Fonte: Acervo Pessoal do Artista

SOBRE AS ARTISTAS / SONIA MONEGO



Fonte: www.facebook.com/sonia.monego

Sonia Monego é natural de Faxinal do Soturno/RS, mas reside em Chapecó desde 1985.

Formada em Educação Artística – Artes Plásticas pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM- RS, Pós Graduada em Ensino da Arte – UNOESC – Campos Chapecó e Pós em Docência no Ensino Superior pela Unochapecó, créditos concluídos no Pós em Estética. Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

Atualmente é professora da Universidade Comunitária Regional de Chapecó - Unochapecó.

Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: Arte Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea.

Foi Coordenadora Eleita do Curso de Artes Visuais- Regular e Parfor da Unochapecó, de 2014 até fevereiro de 2016, sendo reeleita para outro mandato até fevereiro de 2018.

Atualmente é professora no Curso de Artes Visuais da Unochapecó.

Contato:

Instagram: @monegosonia

Facebook: @sonia.monego

E-mail: sonia@unochapeco.edu.br



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo Galeria Agostinho Duarte

ENTREOLHARES

Grupo de professores do curso de
Artes Visuais
Período: de 20/11/14 a 15/12/14

Exposição
ENTREOLHARES
De 20/11/14 a 15/12/14
Abertura: 19h15

O que estabelece o mundo de cada ser humano é o seu olhar. É por meio dele que cria territórios, identidades, limites, memórias, materialidades, corpos, entre outras questões que permeiam a contemporaneidade. Eduardo Galeano, no poema "A função da arte/1", narra a história de Santiago Kovadloff, que leva seu filho Diego para conhecer o mar. Diante daquela imensidão azul o menino fica "mudo de beleza" e pede ao pai: "Me ajuda a olhar!".

O homem faz uso da máquina fotográfica, que imita o olho humano ao permitir um registro visível do mundo. Praticamente toda pessoa acumula um acervo imagético sem muitas vezes saber o porquê, embora essas imagens sejam um simples registro de um instante de tempo. Diferente desse procedimento, o artista busca apreender o invisível para torná-lo visível a outros olhares. Não captura a imagem apenas para registro, mas sim, como início de uma indagação que tem como fim, a partir de inúmeros reflexões e questionamentos, devolver para a sociedade uma obra, agora carregada de conceitos e de significados.

Ao navegar como ponto de partida o conceito de fotografia expandida apresentado por FERNANDES (2006, p. 11), "a ênfase está na importância do processo de criação e nos procedimentos utilizados". As artistas Araceli Nichelle, Gina Zanini, Janaina Schvambach, Márcia Moreno, Mari Nietto, Roselaine Vinhas e Sonia Molegato produziram obras que resultaram na exposição *entreolhares*, apresentada primeiramente na Galeria da Unochapecó e depois transfigurada em banners distribuídos pela cidade.

No campo expandido as fronteiras extrapolam. O conceito inicial da fotografia de registro se rompe e o fotógrafo/artista brinca-se, por assim dizer, um atajá. O processo criativo vai muito além do momento da escolha da imagem, pois toda base fotográfica está suscetível a sofrer transformações durante todo o processo de construção até sua finalização.

A partir da imagem fotográfica as artistas cultivaram novos desdobramentos. Não só por meio de contaminações materiais e técnicas, mas por agregarem novas proposições para as imagens e novas acepções possíveis. Nas obras as fotografias são ressignificadas tanto pelos sentidos que carregam quanto pelos procedimentos utilizados.

Ao dotar suas obras de densidade histórica, política e poética, elas permitem que o espectador mergulhe no mar profundo dos sentidos, tanto pessoal quanto coletivo, e que desvende o universo que o cerca. Tal qual Santiago Kovadloff, levam o espectador a ficar "mudo de beleza" diante de "tanta imensidão e tanto seu fulgor". Enfim, ajudam a olhar.

Texto de: Franzoi

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECO

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"O que estabelece o mundo de cada ser humano é o seu olhar. É por meio dele que cria territórios, identidades, limites, memórias, materialidades, corpos, entre outras questões que permeiam a contemporaneidade. Eduardo Galeano, no poema "A função da arte/1", narra a história de Santiago Kovadloff, que leva seu filho Diego para conhecer o mar. Diante daquela imensidão azul o menino fica "mudo de beleza" e pede ao pai: "Me ajuda a olhar!".

A partir da imagem fotográfica, as artistas cultivaram novos desdobramentos. Não só por meio de contaminações materiais e técnicas, mas pela conjugação de novas proposições para as imagens e de novas acepções possíveis. Nas obras, as fotografias são ressignificadas tanto pelos sentidos que carregam quanto pelos procedimentos utilizados. Ao dotar suas obras de densidade histórica, política e poética, elas permitem que o espectador mergulhe no mar profundo dos sentidos, tanto pessoal quanto coletivo, e que desvende o universo que o cerca. Tal qual Santiago Kovadloff, levam o espectador a ficar "mudo de beleza" diante de "tanta imensidão e tanto seu fulgor". Enfim, ajudam a olhar".

--Franzoi



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



2015

EXPOSIÇÕES

O ano de 2015 contou com 11 exposições em seu espaço, por meio de seleção via edital e por convites mediados pela Coordenação da Galeria. Com temáticas e técnicas contemporâneas, a riqueza de sua diversidade permite olhares diferenciados do acadêmico da Arte da Instituição, de profissionais de segmentos outros e das pessoas da comunidade em geral.

LEVADO PELA ARTE E A AVENTURA

Agostinho Duarte - *in memoriam*
Período: de 12/02/15 a 28/02/15



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Agostinho Duarte é, efetivamente, um pintor de raízes seculares, um alquimista das cores quentes, envolventes, quase misteriosas, como a África ou o Brasil, culturas que têm retratado amiúde em sua obra plástica.

No entanto, a pintura de Agostinho Duarte não pode ser mais portuguesa: justamente porque liberta a tristeza, marcando a com uma exatidão e uma espécie de aspereza moral do traço. Há alguma coisa de inexorável nessa pintura, alguma coisa de cruel, como há o mesmo na alma portuguesa, superficialmente branda e leviana. Quem conhece muito bem o português afirmou isto: "encontra, nos quadros de Agostinho Duarte, o motivo do seu renome: não há nada nele de submisso, mas uma tonicidade estrita, que é afinal a ressonância que se estende ao longo dos processos criadores, pelos quais nos tornamos artesãos e lutadores de salários. São nítidas as influências africanas (em termos de tema) e cubistas (em termos de traço ou desenho) nas obras de Agostinho Duarte. Contudo, não se trata de uma influência direta deste ou daquele artista específico.

Agostinho Duarte é autêntico, com emoções, afeto, nervo e envolvências muito próprias. Toda a arte desse artista é um combate da materialidade através das vivências, e essa dinâmica cósmica é trazida até a cor [...]"

-- PEREIRA, Torres. Levado pela Arte e Aventura. Ed. News Print: Xanxerê, 2014 (p.52 e 53).

LEVADO PELA ARTE E A AVENTURA
De 12 a 28 de fevereiro de 2015

A abertura ocorrerá no dia 12/02 à partir das 19h30 com a presença do escritor Torres Pereira, biógrafo e amigo do artista, lançando o livro que apresenta a biografia de Agostinho Duarte, intitulado "Levado pela arte e a aventura."

Agostinho Duarte (In memoriam)

De Goultho, Portugal para Moçambique na África e de lá direto para o Brasil, fixando-se em Chapéu em 1976, Agostinho adota a cidade como patria mãe. Ao longo de sua vida dedicada à arte fez cerca de 250 exposições individuais e coletivas no Brasil, Moçambique, Portugal e França. Suas obras que apresentam influências cubistas, expressionistas, variam de tema de acordo com a região que viveu e se apaixonou, no entanto, as negras de Moçambique com seus turbantes e seus esbranquiçados, nunca deixaram de estar em suas telas. O cenário vibrante e povoado destas regiões estão presentes em todos seus trabalhos, que passam por outros temas presentes em suas telas, como: as cidades e a música. Em muitas de suas quadros podemos perceber nas linhas e cores o ritmo e harmonia dos instrumentos de corda, como o violão, piano entre outros.

Em 2004 Agostinho Duarte parte deixando um grande exemplo de vida e arte. Tendo em vista a importância desse inovador e batizado artista, a Galeria de Arte Agostinho Duarte inaugurada em 11 de maio de 2011, homenageando com o nome do espaço.

"Agostinho Duarte é efetivamente, um pintor de raízes seculares, um alquimista das cores quentes, envolventes, quase misteriosas, como a África ou o Brasil que tem retratado amiúde, na sua obra plástica. No entanto, a pintura de Agostinho Duarte não pode ser mais portuguesa: justamente porque liberta a tristeza, marcando a com uma exatidão e uma espécie de aspereza moral do traço. Há alguma coisa de inexorável nessa pintura, alguma coisa de cruel, como há o mesmo na alma portuguesa, superficialmente branda e leviana. Quem conhece muito bem o português afirmou isto: "encontra, nos quadros de Agostinho Duarte o motivo do seu renome: não há nada nele de submisso, mas uma tonicidade estrita, que é afinal a ressonância que se estende ao longo dos processos criadores nos tornamos artesãos e lutadores de salários.

São nítidas as influências africanas e cubistas em termos de tema, de traço, ou desenho nas obras de Agostinho Duarte. Contudo não se trata de uma influência direta deste ou daquele artista específico.

Agostinho Duarte é autêntico, com emoções, afeto, nervo e envolvências muito próprias. Toda a arte desse artista é um combate da materialidade através das vivências, e essa dinâmica cósmica é trazida até a cor. O traço envolvente do violão e do piano no acompanhamento das imagens e no som do espaço, ora retratando homens ou bichos, ora retratando cubistas, passagens, cidades, avistados, muitas vezes de olhos grandes, eus de cores quentes, ou simplesmente buracos, mar, areia, horizonte ou infinito. Outra característica, assumida, facilmente identificável, de certo evidente, que um figurativo expressionista com linhas de nail, por vezes acidentada e reagida nas formas, nos volumes e nas estruturas." (Texto do crítico de arte Afonso Almeida Brandão no jornal "O Diabo", Lisboa, de 20 de novembro de 2001. Presente no livro "Levado pela Arte e Aventura", de Torres Pereira, p. 52 e 53.)

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECO

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

*Para maiores informações sobre Agostinho Duarte, rever páginas 04 a 06.

A MEMÓRIA DO OUTRO

Grupo de artistas Fronte - GAF
Período: de 05/03/15 a 17/04/15



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

A memória do outro
De 05 a 21 de março de 2015
Abertura: 05 de março de 2015, às 20h30

Grupo de Artistas Fronte - GAF

A coragem que o outro nos desperta, o desejo de aprisionar o passado através de objetos de memória é ponto norteador das trajetórias artísticas nos trabalhos do grupo GAF, estudantes/artistas do curso de Artes Visuais da Unochapecó: Ana Claudia Monari, Diana Chiodelli, Dyonathan Moraes, Katiucia Valentini e Noili Bedin.

A coragem em se fazer arte, vai além dos bancos escolares, perpassa as questões do mero ensino, e nesse sentido, o estudante/professor se coloca como produtor do seu próprio objeto de estudo, ele experimenta e sente que ao criar, terá maior propriedade dentro da sua prática docente.

A coragem se faz presente na atitude em se pensar um trabalho ainda incipiente, porém que carrega um pensamento profundo em relação ao convívio da lembrança, que se mostra a todo momento perene, mas que transborda aos quatro cantos quando passa a ser representada.

Os objetos apropriados do lar, mesclam-se à histórias carregadas de beleza, símbolos e saudades. O passado, que permaneceu presente através desses objetos, insiste retornar para fazer valer seu peso, sua importância. Contudo, é na transformação de seu resquício, que a arte o atinge. Tímida, insípida, sutil, porém com esperança de ser, fazer, dizer, mostrar, despertar e quem sabe, ensinar.

Janaina Schvambach.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES
VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A coragem que o outro nos desperta, o desejo de aprisionar o passado através de objetos de memória é ponto norteador das trajetórias artísticas nos trabalhos do grupo GAF –estudantes/artistas do curso de Artes Visuais da Unochapecó: Ana Claudia Monari, Diana Chiodelli, Dyonathan Moraes, Katiucia Valentini e Noili Bedin.

A coragem em se fazer arte vai além dos bancos escolares, perpassa as questões do mero ensino, e, nesse sentido, o estudante/professor se coloca como produtor do seu próprio objeto de estudo, ele experimenta e sente que, ao criar, terá maior propriedade dentro da sua prática docente.

A coragem se faz presente na atitude em se pensar um trabalho ainda incipiente; porém, constituído de um pensamento profundo em relação ao convívio da lembrança que se mostra a todo momento perene, mas que transborda aos quatro cantos quando passa a ser representada.

Os objetos apropriados do lar mesclam-se a histórias carregadas de beleza, símbolos e saudades. O passado, que permaneceu presente através desses objetos, insiste em retornar para fazer valer seu peso, sua importância.

Contudo, é na transformação de seu resquício que a arte o atinge. Tímida, insípida, sutil... porém, com esperança de ser, fazer, dizer, mostrar, despertar e, quem sabe, ensinar".

-- Janaina Schvambach

DE TODAS AS CORES

Angélica Luersen

Período: de 26/03/15 a 17/04/15

Exposição
'DE TODAS AS CORES'
De 26/03 a 17/04/15
Verossagem: 20x30 - 20x30

Angélica Luersen

A proposta de exposição apresenta, na forma de registro documental, algo de minha experiência vivida nos países Índia e Nepal em 2013.

As fotografias interpelam o observador e convidam-no a experimentar fragmentos de culturas completamente diferentes da nossa. Envolvidos com a aparição da Kumari, a deusa viva (em Lalitpur, Nepal) e inspirados pela partilha de alimentos no Golden Temple (em Amritsar, Índia) os rostos e o cotidiano se revelam em instantes de cores que inquietam nosso olhar.

As fotografias foram feitas com uma câmera fotográfica digital, todas em cores, em 2013 durante o período em que morei na Índia para realização de um intercâmbio social (via AIESEC). Já as fotografias do Nepal resultaram de uma viagem que fiz ao país vizinho da Índia para passeio.

Angélica Luersen

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES
VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A proposta de exposição apresenta, na forma de registro documental, algo de minha experiência vivida nos países Índia e Nepal em 2013.

As fotografias interpelam o observador e convidam-no a experimentar fragmentos de culturas completamente diferentes da nossa. Envolvidos com a aparição da Kumari, a deusa viva (em Lalitpur, Nepal), e inspirados pela partilha de alimentos no Golden Temple (em Amritsar, Índia), os rostos e o cotidiano se revelam em instantes de cores que inquietam nosso olhar.

As fotografias foram feitas com uma câmera fotográfica digital, todas em cores, em 2013, durante o período em que morei na Índia para realização de um intercâmbio social (via AIESEC). Já as fotografias do Nepal resultaram de uma viagem que fiz ao país vizinho da Índia para passeio".

-- Angélica Luersen

SOBRE A ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/angelica.luersen.9

"Angélica Luersen é Jornalista, graduada pela Universidade Federal de Santa Maria; Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UFSM, linha Mídia e Estratégias Comunicacionais; Pós-Graduada em Docência na Educação Superior pela Unochapecó. Coordenadora do curso de Jornalismo da Unochapecó. Atua como professora nos Cursos de Graduação em Jornalismo, Produção Audiovisual, Publicidade e Propaganda e Artes Visuais (Unochapecó). Tem experiência na área de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: fotografia, fotojornalismo, jornalismo literário e jornalismo humanizado. Atua como repórter fotográfica freelancer no Jornal Diário Catarinense".

Fonte do texto: <https://www.escavador.com/sobre/1599202/angelica-luersen>



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

IMAGENS MEDIADAS

Ricardo Garlet

Período: de 24/04/15 a 15/05/15



"Muito além da relação entre Arte e Tecnologia, as palavras que definem a exposição "Imagens Mediadas", do artista Ricardo Garlet, são inversão/pintura/meio/modos. Os processos tecnológicos de mediação do olhar sempre auxiliaram os artistas nas suas buscas entre o real e o imaginário. Esses aparelhos construídos para determinados fins servis acabam conquistando sua autonomia quando passam a ser pensados dentro de uma perspectiva plástica, quando a formação da imagem se mostra efêmera e ao vivo. Explorando os recursos tecnológicos como o meio e o fim do processo poético, esses passam a ser vistos como estratégia de pertencimento de lapsos fugidios, mas que, ao estarem expostos ao público, se transformam em arte/aparelho, mostrando, ao mesmo tempo, o processo e uma possibilidade de finitude. De engenhocas servis para projetores poéticos: uma mistura que faz lembrar que todo artista é criador/criatura, observador/transformador, cientista/produtor. Entre fios, objetos, imagens e sombras, a mostra reconstrói, nas suas entrelinhas, a história da pintura e coloca o espectador ativo dentro desse processo. Arte e Tecnologia não deixam de ser a gênese inicial dessa poética; porém, o que realmente podemos ver é a presença da memória do olhar que pode estar em qualquer lugar".

-- Janaina Schwambach.

SOBRE O ARTISTA



Fonte: Imagem cedida pelo artista

Ricardo de Pellegrin, conhecido por Ricardo Garlet, seu nome artístico, é natural de Frederico Westphalen/RS, mas reside em Chapecó/SC desde Fevereiro de 2015.

É doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFSM, na linha de Pesquisa Arte e Transversalidade; é Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFSM, na linha de Pesquisa Arte e Visualidade; é Graduado em Artes Visuais Bacharelado, com ênfase em Pintura (UFPEL).

Desenvolve atividades como Artista Visual vinculado ao contexto da pesquisa, atuando como docente no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unochapecó. Também desenvolve a função de Coordenador do Setor de Patrimônio Cultural da SECUL – Prefeitura de Chapecó, onde atua como gestor dos espaços municipais de Patrimônio e Arte. Como artista visual, atualmente, investiga a atuação de artistas em propostas de autoria coletiva, partindo da perspectiva da Estética Relacional.

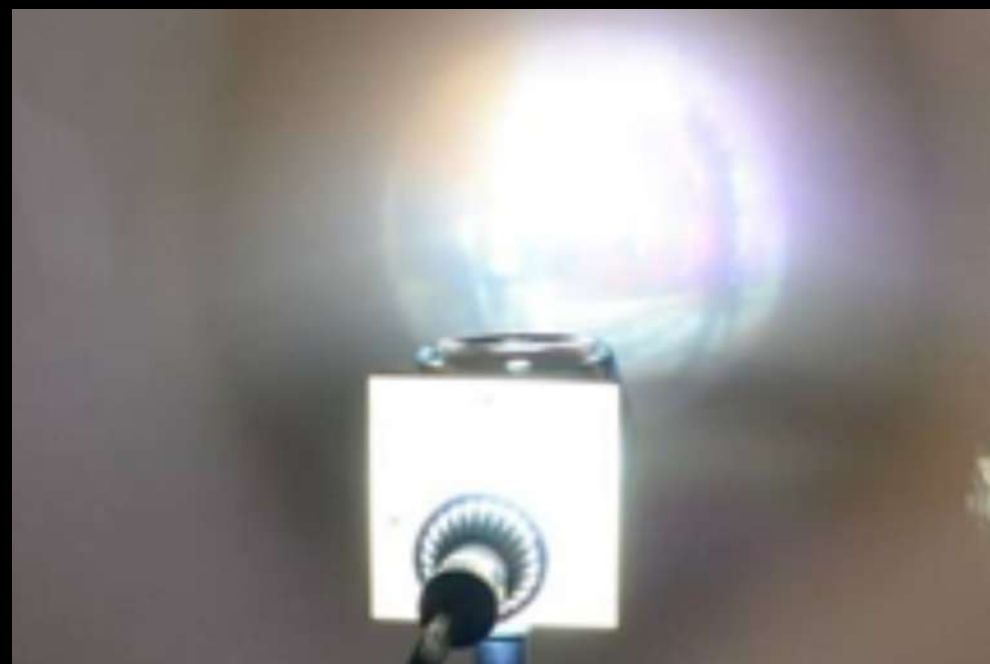
"A exposição *Imagens Mediadas* consiste na síntese das questões da minha pesquisa de mestrado, que possuía o título de 'Objetos Mediados: Pinturas Mestiças', e apresenta um conjunto de trabalhos tecnológicos propostos a partir da repetição de uma mesma imagem. Os trabalhos foram construídos por meio da exploração de recursos de 'low tech', onde criei projetores que geravam diferentes interferências na imagem, o que deu uma unicidade visual em cada um dos trabalhos."

-- Ricardo de Pellegrin

Contato:
flickr: @ricardogarlet



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

FRAGMENTOS AUTUNAIS

Letícia Durlo

Período: de 21/05/15 a 19/06/15



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

Exposição
FRAGMENTOS AUTUNAIS
De 21/05 a 19/06/15
Verossagem: 21/05 - 20h30

Letícia Durlo

Letícia Durlo, de nome artístico "Ledu", é brasileira, nascida em Santa Maria/RS, tem 20 anos e é acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Fragmentos Autunais trata-se de uma série elaborada com o propósito de conciliar linguagens diferentes para a transmissão de uma mensagem, sendo a literatura – através de minicontos – e a fotografia os meios optados para transmiti-la.

A série é composta por três ensaios ("Escritor", "Na Natureza Morta" e "Pintora"), cujas histórias são independentes entre si, harmonizando-se, entretanto, por meio da expressão japonesa mono no aware, simbolizada pela Cerejeira do Japão. Mono no aware, que pode ser entendido como "o pathos das coisas" ou "sensibilidade para as coisas efêmeras", é uma constante da impermanência, a consciência da transitoriedade da vida e em conformidade resignada em relação a ela.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Fragmentos Autunais" consiste em uma série, elaborada com o propósito de conciliar linguagens diferentes para a transmissão de uma mensagem, sendo a literatura – através de minicontos – e a fotografia os meios escolhidos para transmiti-la. A série é composta por três ensaios ("Escritor", "Natureza Morta" e "Pintora"), cujas histórias são independentes entre si, harmonizando-se, entretanto, por meio da expressão japonesa mono no aware, simbolizada pela Cerejeira-do-Japão. Mono no aware, que pode ser entendido como "o pathos das coisas" ou "sensibilidade para as coisas efêmeras", é uma constante da impermanência, a consciência da transitoriedade da vida e em conformidade resignada em relação a ela".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

SOBRE A ARTISTA



Fonte: <https://www.facebook.com/leduphotographies>

Letícia Durlo, de nome artístico Ledu, é brasileira, nascida em Santa Maria/RS, tem 20 anos e é acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).



Fonte: <https://www.facebook.com/leduphotographies>



Fonte: <https://www.facebook.com/leduphotographies>



Fonte: <https://www.facebook.com/leduphotographies>

O CORTE AO CONTRÁRIO

Mozileide Neri

Período: de 25/06/15 a 24/07/15

Exposição
"O CORTE AO CONTRÁRIO"
De 25/06 a 24/07/15

Mozileide Neri

O projeto expositivo "O corte ao contrário" apresenta uma série de pinturas sobre madeirite (chapas de madeirite resinadas). O objetivo dessa exposição é provocar uma reflexão sobre a importância (ou não) da mediação na leitura dos objetos artísticos. Cada pintura requer um olhar mais atento, uma conversa despreocupada sobre o que está sendo observado. "O corte ao contrário" sugere que o espectador olhe para cada pintura de diferentes ângulos; deve se aproximar e se distanciar de cada obra; percorrer as cores e formas com o olhar; ao olhar cada pintura o espectador é convidado a iniciar uma experiência estética, e principalmente, ter um diálogo aberto e livre com cada objeto artístico.

Mozileide Neri vive e trabalha no Rio de Janeiro. É Artista Plástica, graduada em Produção Cultural pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Editora do periódico trimestral sobre literatura, fotografia e arte chamado "Labirinto Literário". Em 2012 concluiu o curso de Fundamentação na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ. Estudo do plano com Regina de Paula, estudo do espaço com João Modé, teoria e história da arte com Ivair Reinoldim. Em 2011 fez curso de Xilogravura com Julio Castro. Essencialmente abstrata, Mozileide Neri, tem quatro projetos expositivos circulando por todo o país: monótipos sobre tecido; livros-objeto; pintura sobre madeirite; pintura e grafite sobre muros urbanos e paredes de galerias de arte. Atualmente integra o setor de Programação da Biblioteca Parque de Mangunhos no Rio de Janeiro. Para conhecer mais sobre o trabalho da artista acesse: <http://mozileideneri.wordpress.com>

AGOSTINHO DUARTE galeria de artes
ARTES VISUAIS
UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"O projeto expositivo "O corte ao contrário" apresenta uma série de pinturas sobre madeirite (chapas de madeirite resinadas). O objetivo dessa exposição é provocar uma reflexão sobre a importância (ou não) da mediação na leitura dos objetos artísticos. Cada pintura requer um olhar mais atento, uma conversa despreocupada sobre o que está sendo observado. "O corte ao contrário" sugere que o espectador olhe para cada pintura de diferentes ângulos, deve se aproximar e se distanciar de cada obra, percorrer as cores e formas com o olhar. Ao olhar cada pintura, o espectador é convidado a iniciar uma experiência estética e, principalmente, ter um diálogo aberto e livre com cada objeto artístico".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/mozileide.neri

"Mozileide Neri formou-se na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ) e pós-graduou-se em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Em 2014, recebeu medalha de prata no 1º Mangaratiba + Cores – Salão de Intervenções Urbanas / Street Art Mangaratiba, no Rio de Janeiro (RJ); em 2015, ficou em 3º lugar no II Conarte, Salão Bruno Filisberti, na categoria Artes Plásticas, Modalidade Moderna, em Poços de Caldas (MG). Tem obras em acervos do Instituto Cultural Germânico de Niterói (RJ), na Pinacoteca Universitária de Maceió (AL), no Museu de Arte de Montenegro (RS) e na Secretaria de Cultura de Novo Hamburgo (RS)".

Contato:
Facebook: @mozileide.neri



Fonte: www.facebook.com/mozileide.neri



Fonte: www.facebook.com/mozileide.neri



Fonte: www.facebook.com/mozileide.neri

ESPAÇOS DE (IM)PERMANÊNCIA

Kelly Wendt

Período: de 12/08/15 a 04/09/15



Exposição
ESPAÇOS DE (IM)PERMANÊNCIA
De 12/08 a 04/09/15
Vernissage: 12/08 - 20h30

Kelly Wendt

O nomadismo de Kelly Wendt problematiza questões atuais sobre os espaços de permanência, os espaços de convívio, os espaços de transição e de fluxo. Como uma boa observadora, a artista vivencia os deslocamentos da urbe e estabelece um método próprio para produzir seus "mapeamentos geoperceptivos de espaços experienciados". Por meio de fotografias e desenhos cria mapeamentos sensíveis dos lugares por onde passa, algo que fortalece a sua memória, mas, enquanto arte, também integra a memória coletiva das cidades. Ao compartilhar seus mapas, convívios e afetos via QR-Codes e múltiplos, ela expande suas experiências e convida o público a reviver ou reinventar o lugar e o coletivo a partir de suas próprias percepções. Em seus trabalhos, os espaços aparentemente abandonados tornam-se evidência ao ocupar um espaço que é da arte, mas que também é do coletivo.

Esta exposição de Kelly Wendt é um convite à percepção, ao colocar-se em movimento diante de um mundo, que por mais abandonado que pareça, é dinâmico e desafiador. É como se a artista chamasse o público para ocupar novamente esses espaços coletivos tomados pelo esquecimento, os quais ainda dão sinal de vida.

Texto: Débora Aita Gasparetto

Kelly Wendt (Maringá/PR, 1980 -) Artista visual, pesquisadora e professora. Doutoranda em Poéticas Visuais pelo PPGAV/ UFRGS. Professora da área de gravura do Bacharelado em Artes Visuais/ UFFPR, mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/ UFRGS, Bacharel em Artes Visuais e Ciências Sociais/ UFFPR. Participa de exposições coletivas desde 2002. MAC-RS, Fundação Hassia - SC, Substâncias-RS, Galeria Barão (de Santo Ângelo- Porto Alegre, Malg), e também exposições individuais, Espaço JabutiPó- Porto Alegre-RS, MAM- Santa Maria-RS, MAM- Montenegro-RS e Ágape- Pelotas- RS. Vive e trabalha em Pelotas.

Débora Aita Gasparetto é Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV/ UFRGS (2012 -). Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/ UFRGS (2010-2011). Desenvolve pesquisa na área de Artes Visuais, em História e Teoria da Arte Contemporânea, com ênfase em Arte Digital.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES VISUAIS

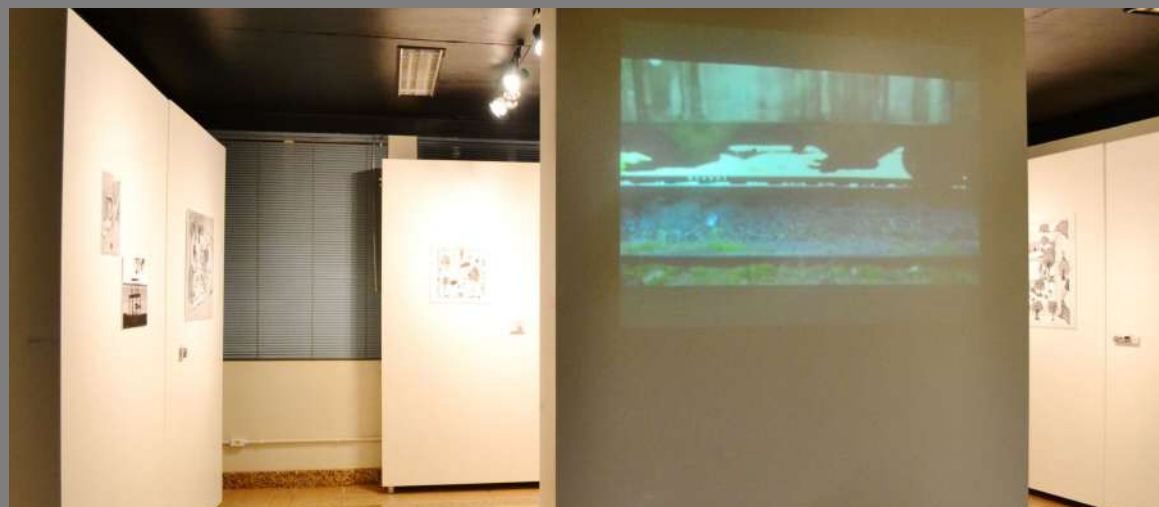
UNOCHAPECO

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"O nomadismo de Kelly Wendt problematiza questões atuais sobre os espaços de permanência, os espaços de convívio, os espaços de transição e de fluxo. Como uma boa observadora, a artista vivencia os deslocamentos da urbe e estabelece um método próprio para produzir seus "mapeamentos geoperceptivos de espaços experienciados". Por meio de fotografias e desenhos, cria mapeamentos sensíveis dos lugares por onde passa, algo que fortalece a sua memória, mas, enquanto arte, também integra a memória coletiva das cidades. Ao compartilhar seus mapas, convívios e afetos via QR-Codes e múltiplos, ela expande suas experiências e convida o público a reviver ou reinventar o lugar e o coletivo a partir de suas próprias percepções. Em seus trabalhos, os espaços aparentemente abandonados tornam-se evidência ao ocupar um espaço que é da arte, mas que também é do coletivo.

Essa exposição de Kelly Wendt é um convite à percepção ao colocar-se em movimento diante de um mundo, que, por mais abandonado que pareça, é dinâmico e desafiador. É como se a artista chamasse o público para ocupar novamente esses espaços coletivos tomados pelo esquecimento, os quais ainda dão sinal de vida".

-- Débora Aita Gasparetto



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A ARTISTA



Fonte:
www.facebook.com/kelly.wendt.80

"Artista visual, pesquisadora e professora. Atuante nas áreas de gravura, fotografia, novos meios e estética relacional na Arte Contemporânea. Professora adjunta do Centro de Artes/UFPel do curso de Bacharelado em Artes Visuais na área de gravura. Doutora em Artes Visuais, na linha de Poéticas Visuais pelo PPGAV-UFRGS, 2017. Pesquisadora integrante do grupo Percursos Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade, Centro de Arte/UFPel, com a pesquisa Gravura Contemporânea Não- tóxica (UFPel-CNPq). Desenvolve projetos de extensão, ensino e pesquisa na área gráfica, gravura e sustentabilidade dos meios, e produção de arte. Articula trabalhos de artes visuais e pesquisa por meio da sua poética visual, onde utiliza a errância como processo criativo e usa a reprodução de imagens da cidade para discutir questões relativas à memória, à impressão e ao mapeamento através de inventários e coleções. Realizou Workshop de Gravura Não- tóxica no Grafisk Eksperimentarium com Henrik Boegh, Espanha, 2014. Participou como investigadora e artista residente no Espaço de Arte Contemporaneo, Montevideo-Uruguay, 2018 através da poética do mapeamento. Coordena a galeria de arte do Centro de Artes/UFPel A Sala, com o professor adjunto Clóvis Martins Costa (gestão 2017-2019). Coordena o Pibid Artes Visuais (UFPel-CAPES-2018). Mestre em Artes Visuais pelo PPGART-UFSM, 2011, com a pesquisa De olhos cerrados: Visões sem Lembranças. Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material pela UFPel, 2003. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais, 2001 e 2002, e bacharel em Artes Visuais, 2002, ambos pela UFPel. Entre 2004 e 2006, trabalhou como docente no Centro de Artes, UFPel. Em 2011, foi tutora a distância (Cead/ UFPel/ UAB) no curso de aperfeiçoamento a distância Produção de Material Didático Digital para a Diversidade. Entre os anos 2000 -2004 e 2007-2008, atuou como gestora e produtora do Atelier Coletivo Mafuá das Artes, em Pelotas. Sua trajetória acadêmica tem ênfase em artes visuais, onde acumulou experiências com docência no ensino superior, médio e fundamental".

Contato:

Facebook: @kelly.wendt.80

Fonte do Texto: www.escavador.com/sobre/4669007/kelly-wendt



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

CAPITÃO CHUMBINHO IN O MUNDO NUNCA FOI TÃO GRANDE

Marco Antonio Stello

Período: de 10/09/15 a 05/10/15



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Um soldadinho de chumbo a transitar pela cidade. As fotografias são registros (quase um diário de viagem) desse estrangeiro, vindo de um país de um tempo distante, que atravessa as ruas e se depara com uma cidade que poucos costumam observar".

-- Fernando Boppré.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O FOTÓGRAFO



Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo

"Marco Antonio Stello possui graduação em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda (2003) e Pós-graduação em Marketing com ênfase em serviços e varejo (2004), ambas pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Atualmente, é professor da Associação Educacional Frei Nivaldo Liebel - Celer Faculdades. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação e Marketing".

Contato:

E-mail: marco.stello@yahoo.com.br

Fonte do Texto: www.escavador.com/sobre/2368818/marco-antonio-stello



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

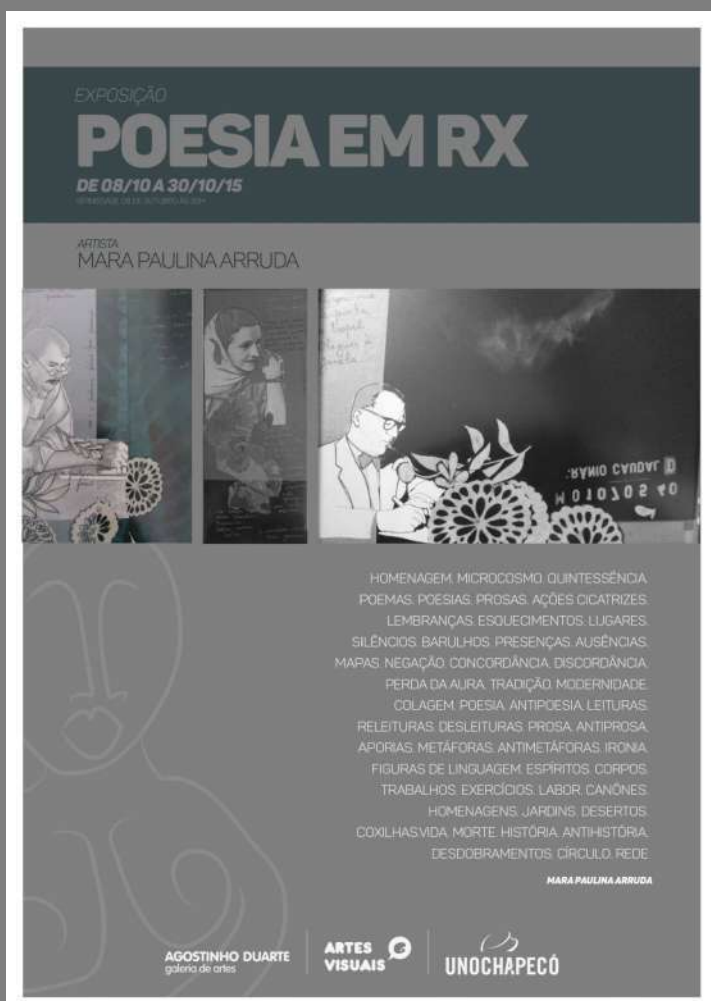


Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

POESIA EM RX

Mara Paulina Arruda

Período: de 08/10/15 a 20/10/15



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Homenagem. Microcosmo. Quintessência. Poemas. Poesias. Prosas. Ações cicatrizes. Lembranças. Esquecimentos. Lugares. Silêncios. Barulhos. Presenças. Ausências. Mapas. Negação. Concordância. Discordância. Perda da aura. Tradição. Modernidade. Colagem. Poesia. Antipoesia. Leituras. Releituras. Desleituras. Prosa. Antiproza. Apórias. Metáforas. Antimetáfora. Ironia. Figuras de Linguagem. Espíritos. Corpos. Trabalhos. Exercícios. Labor. Cânones. Homenagens. Jardins. Desertos. Coxilhas. Vida. Morte. História, Antihistória. Desdobramentos. Círculo. Rede".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A POETISA



Fonte: aedoscuritibanos.blogspot.com/2014/04/a-escritora-mara-paulina-arruda.html

Mara Paulina Arruda é natural de Lages/SC; atualmente, mora em São José/SC. É formada em Artes Visuais e atua como Arte-Educadora. Trabalha no Ensino Básico há mais de 20 anos.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

NEW YORK NÃO SÓ PARA OS OLHOS

Janaina Schwambach

Período: de 05/11/15 a 27/11/15



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Eis a cidade mais fotografada do mundo e que, no entanto, ainda permite novos olhares. Porque New York inspira não só o cinema, a música, a arte, inspira quem vive e atravessa diariamente suas ruas, seus becos, enfrenta seus sotaques e convive com um encantamento difícil de descrever. A Big Apple ao fundo é sensivelmente sonora: o ruído de seus cafés, o jazz, o murmurinho da língua estranhamente pronunciada por alguém pedindo informação. É engraçado poder visualizar seus edifícios e sentir símbolos presentes na memória cinematográfica que qualquer um de nós possui de New York, é uma sensação contraditória, de distância e pertencimento, de realidade e ficção. É como se, por um breve instante, se pudesse largar a câmera fotográfica e fazer parte da cena, é como se, a qualquer momento, esbarrasse em você um personagem de Woody Allen ou de Sex and the city tagarelando pela Quinta Avenida. A verdade é que cada foto dessa exposição cuidadosamente preparada pela fotógrafa Janaina Schwambach é como uma ida ao cinema, cada frame é um cenário pronto de uma história que está ali, disposta a ser contada. Isso pra quem ama a arte e os cenários que a vida propõe é verdadeiramente incrível. O fato é que New York muda as pessoas, muda o olhar, nada passa indiferente, a cidade penetra em cada parte do corpo e, quando você percebe, já não são só olhares e fotografias, são sentimentos, são notas musicais que se misturam a cada fragmento tirado da câmera. E é essa a beleza da exposição de Janaina Schwambach: podermos olhar através das fotografias, mas sabendo que a cidade também nos olha de certa forma. Definitivamente, não é só para os olhos".

-- João Fernando Lucas.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

* Para maiores informações sobre a artista, rever página 49.

MÚLTIPLOS OLHARES

Professores de Artes Visuais
Período: de 03/12/15 a 21/12/15

"São várias as formas. São vários os sentimentos. É isso que vivemos. Uma grandiosa diversidade.
A exposição "Múltiplos Olhares" trará trabalhos de autoria dos professores do curso de artes visuais da Unochapecó".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



2016

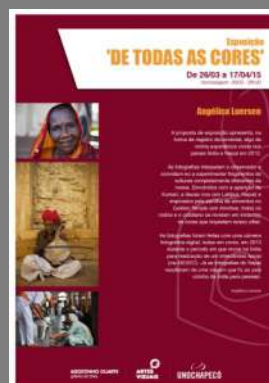
EXPOSIÇÕES

O ano de 2016 contou com dez exposições em seu espaço, por meio de seleção via edital e por convites mediados pela Coordenação da Galeria.

Com temáticas e técnicas contemporâneas, a riqueza de sua diversidade permite olhares diferenciados do acadêmico da Arte da Instituição, de profissionais de segmentos outros e das pessoas da comunidade em geral.

RETROSPECTIVA 2015

Exposições de 2015
Período: de 10/02/16 a 26/02/16



Fonte: Todas as imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A MESA

Acadêmicos de Artes Visuais
Período: de 03/03/16 a 11/04/16

"O desafio fora lançado, os artistas/alunos da disciplina "Poéticas fotográficas na contemporaneidade" deveriam produzir fotografias artísticas na continuidade de suas poéticas individuais. Todos tiveram como desafio pensar um trabalho para ser realizado sobre a mesa... isso mesmo, deveriam fotografar tendo a mesa como sua base – ou essa seria empecilho? Foram horas de debates e reflexões sobre a arte e sua real importância, sobre práticas criativas, sobre observações sobre a fotografia e seus usos sociais. Nesse sentido, surgiram questionamentos, "quais as relações da fotografia com a arte?", "como se deu suas apropriações e contribuições"? Porém, possíveis conclusões não dão conta de esclarecer o todo, e as que são reveladas, muitas vezes, não dão conta de explicar aquilo que não tem conceito único, que, acima de tudo, não quer ter definição. A fotografia presente nesses trabalhos é um meio para mostrar e revelar uma poética pensada coletivamente, pois todos participaram ativamente na construção do outro, na efetivação de memórias individuais, na realização da arte sobre a mesa".

-- Janaina Schwambach.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE A EXPOSIÇÃO

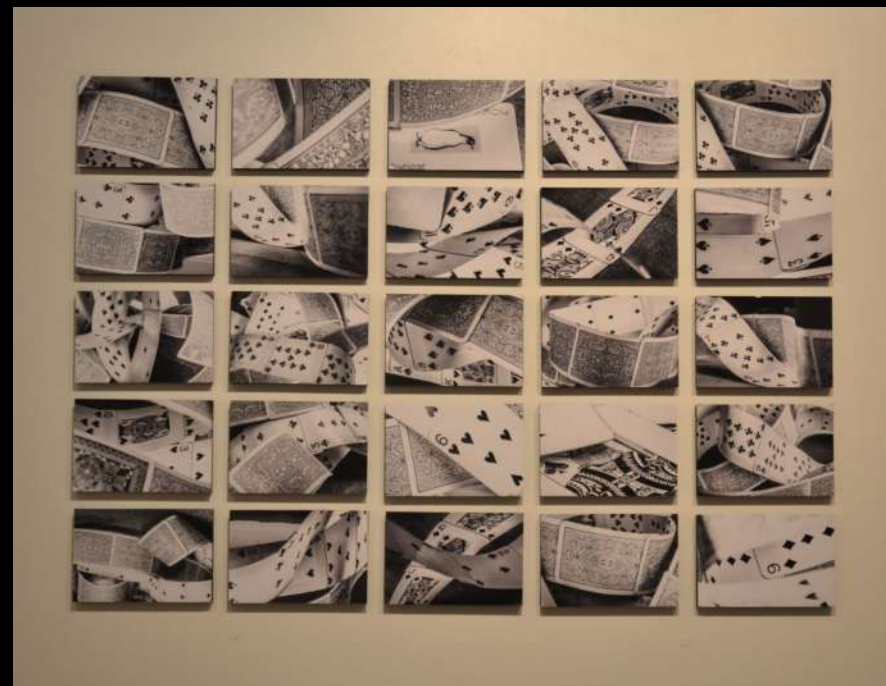
"Percebem-se, nos trabalhos, delicadas composições que se utilizam dos jogos de luzes, que escondem, que sugerem e que, ao mesmo tempo, evidenciam certezas até então submersas. A unicidade de uma pérola; a catalogação de sementes; a força dos materiais de construção que sustentam sonhos irrealizáveis; a simplicidade do fumo e o banquete do caboclo; a doçura das memórias infantis e as máscaras adultas – as máscaras que carregamos entre os jogos constantes que a vida é.

Assim, essa proposta aborda diversos projetos individuais que foram construídos ao longo de um bom tempo de reflexão e de vivências. Mais do que a efetivação de obras, os projetos contemplam realizações pessoais através da arte, da concretização de narrativas imagéticas que permeiam todo o processo de ver e de sentir o mundo".

-- Janaina Schvambach



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

MONUMENTALIDADE URBANA DECADENTE

OFronza

Período: de 14/04/16 a 13/05/16



Exposição
"Monumentalidade Urbana Decadente"
De 14/04 a 13/05
Vernissage 14 de Abril às 20h30

OFronza

O artista visual OFronza, na série Monumentalidade urbana decadente, apresenta um conjunto de pinturas sobre tecido, sem suporte de chassi ou moldura, elaboradas com a mistura de diferentes técnicas e materiais, como carvão, tinta acrílica, tinta betume, tinta spray e pigmento, resultando em um processo mestiço. Desenvolve uma poética pessoal explorando a representação de elementos da arquitetura, tais como grades e colunas, em uma abordagem para o esquecimento dos espaços urbanos.

Partindo da apropriação de elementos arquitetônicos, em especial de construções de improviso, elaborou um conjunto que explora visualmente, através do diálogo entre a forma, a cor e a composição, o antagonismo entre monumentalidade e decadência.

A coluna é o elemento visual unificador que permeia todas as pinturas, símbolo de estrutura em seu contexto original, onde possui a função de sustentação, a coluna surge como alegoria visual das construções arquitetônicas.

Desconstruindo a espacialidade perspectiva da pintura ilusionista, negando a concepção clássica de pintura como janela ou espelho do mundo, ou seja, sem representar ilusões perspectivas, as pinturas de OFronza apresentam o suporte dessacralizado da moldura, a tela como anteparo revisitado da modernidade de Greenberg, concebendo assim, poeticamente, uma visualidade para a dicotomia entre a monumentalidade e a decadência.

Orientador: Ricardo Garlet (Artista Visual e professor, Mestre em Artes Visuais pela UFSM, Bacharel e Licenciado em Artes Visuais pela UFPEL)

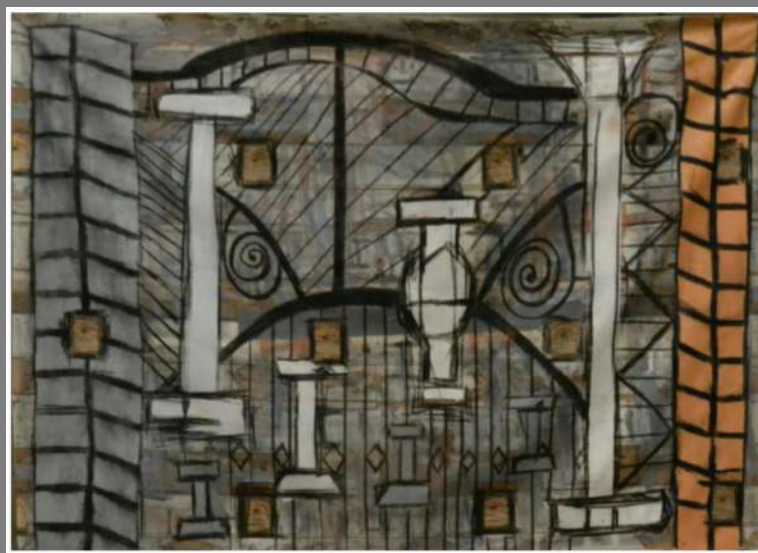
AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECO

"O artista visual OFronza, na série "Monumentalidade urbana decadente", apresenta um conjunto de pinturas sobre tecido, sem suporte de chassi ou moldura, elaboradas com a mistura de diferentes técnicas e materiais, como carvão, tinta acrílica, tinta betume, tinta spray e pigmento, cujo resultado incide sobre um processo mestiço. Desenvolve uma poética pessoal que trabalha a representação de elementos da arquitetura, tais como grades e colunas, em uma abordagem para o esquecimento dos espaços urbanos. Partindo da apropriação de elementos arquitetônicos, em especial de construções de improviso, ele elabora um conjunto que explora visualmente, através do diálogo entre a forma, a cor e a composição, o antagonismo entre monumentalidade e decadência. A coluna é o elemento visual unificador que permeia todas as pinturas: símbolo de estrutura em seu contexto original, onde possui a função de sustentação, a coluna surge como alegoria visual das construções arquitetônicas. Desconstruindo a espacialidade, perspectiva da pintura ilusionista, negando a concepção clássica de pintura como janela ou espelho do mundo, ou seja, sem representar ilusões perspectivas, as pinturas de OFronza apresentam o suporte dessacralizado da moldura, a tela como anteparo revisitado da modernidade de Greenberg, concebendo assim, poeticamente, uma visualidade para a dicotomia entre monumentalidade e decadência".

-- Ricardo Garlet.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/Djonatanfronza

"Djonatan Victor Fronza é natural de São Lourenço do Oeste/SC, mas reside em Chapecó/SC desde 2013.

Fronza é artista visual e musicista; tem participado de diversas atividades culturais na região sul do Brasil a partir do ano de 2011.

Atua em diferentes linguagens da arte, sendo elas: música, literatura, artes visuais na modalidade de pintura e teatro.

Atualmente, desenvolve trabalhos com pintura, xilogravura, teatro, música alternativa, gravura em metal e fotografia digital".

Contato:

Facebook: @fronzacanto



Fonte: www.facebook.com/Djonatanfronza



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte


ANCESTRALIDADE

Tania Stempkowski Taiariol
Período: de 19/05/16 a 17/06/16

EXPOSIÇÃO

ANCESTRALIDADE

DE 19/05 A 17/06/16
VERNISSAGEM DIA 19/05/2016 AS 20H30



Tania Stempkowski Taiariol

A escolha do tema ancestralidade foi uma decisão tomada a partir de uma vontade imensa de conhecimento pessoal. A flecha dourada das lembranças vem de braços abertos em uma trajetória e olhar reflexivo. Trazer a lume a temática ancestralidade promove o autoconhecimento e a responsabilidade da preservação de nossa história. A ideia da grandeza de nossos pais remeteu a ancestrais brancos, negros e índios formadores das civilizações. Ao reverenciar nosso passado promovemos uma jornada equilibrada emocionalmente.

Convido a todos a perceber o amor e a divindade em sua própria vida. Esta é a proposta deste trabalho. Perceber que somos familiares e amigos e assim buscar entendimento doando-se e permitindo através da tolerância e bondade nossa evolução.

Texto de Eliane Corona, escritora.

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES
VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A escolha do tema ancestralidade foi uma decisão tomada a partir de uma vontade imensa de conhecimento pessoal. A flecha dourada das lembranças vem de braços abertos em uma trajetória e em olhares reflexivos. Trazer à lume a temática ancestralidade promove o autoconhecimento e a responsabilidade da preservação de nossa história. A ideia da grandeza de nossos pais remete a ancestrais brancos, negros e índios, formadores das civilizações. Ao reverenciar nosso passado, promovemos uma jornada equilibrada emocionalmente. Convido a todos a perceber o amor e a divindade em sua própria vida. Esta é a proposta desse trabalho: perceber que somos familiares e amigos e assim buscar entendimento, doando-nos e permitindo, através da tolerância e da bondade, a nossa evolução".

-- Eliane Corona.

SOBRE A ARTISTA



Fonte: www.facebook.com/tania.stempkowskitaiariol

"Tania Stempkowski Taiariol é reconhecida como Artista Impressionista Figurativa, uma vez que remete ao estilo moderno. O alongamento das formas, por vezes com nuances de neo-realismo a expressar a sensualidade pelos movimentos, fazem com que os pensamentos fluam no erotismo do traço solto e elaborado. Os tons simples e vibrantes da composição formam um movimento de luz e de cor que se combinam.

Tania tem, no seu trabalho, influências de dois grandes Mestres da Pintura Contemporânea, Amedeo Clemente Modigliani (1884-1920), nascido em Laveno, Itália, e de Cândido Portinari (1903-1962), nascido na Cidade de Brodowski, São Paulo, Brasil. De ambos se reconhecem aprimorados e elegantes traços na sua obra.

As suas composições em traços e em cores de musas mulheres em harmonia e com as do movimento musical transmitem um saboroso embalamo de notas que nos remetem ao delírio da alma e dos pensamentos esvoaçantes em doces e ternas melodias!

Uma artista brasileira, residente em Chapecó, que merece um aprimorado acompanhamento da sua evolução artística, sendo hoje uma referência no panorama das Artes no Brasil. Iniciou neste ano a sua internacionalização: atualmente, expõe em Portugal".



Fonte: www.facebook.com/tania.stempkowskitaiariol

GRAVURAS

Leandro Serpa

Período: de 23/06/16 a 19/07/16



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A exposição "Gravuras" de Leandro Serpa, artista, professor e pesquisador, traz ao público uma produção poética com procedimentos de xilogravura e monotipia, mídias do campo gráfico.

O título da exposição, Gravuras, tem o objetivo de abarcar a produção do artista e professor com a linguagem gráfica, bem como sua atuação crítica nas artes visuais, alicerçada na pesquisa com vistas à poética e ao ensino, instâncias indissociáveis na prática de Leandro.

As obras expostas mostram investigações do artista professor com procedimentos da xilogravura, em que evidencia tanto o método de matriz recortada, desenvolvido por Munch (1863–1944), quanto a técnica de matriz perdida, realizada com linóleo que fora aperfeiçoada por Picasso (1881 - 1973), assim como em recursos de monotipia elaborados por Serpa em seu atelier. Nessa coletânea, a diversidade dos procedimentos e as técnicas utilizadas encontram ressonâncias na pesquisa, na poética e no ensino.

"Gravuras" expõe consumações poéticas cuja origem é um pensamento investigativo e generoso que concebe a obra e a poética a partir das ações de ensino e que tem, fundamentalmente no ensino, a sua fundamentação poética. Gravuras: uma exposição, uma forma poética e de ensino".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

EXPOSIÇÃO

"GRAVURAS"

DE 23/06 A 29/07/16
VERNISSAGEM DIA 23/06/2016, AS 20H30

Leandro Serpa

A exposição 'Gravuras' do artista, professor e pesquisador Leandro Serpa, traz ao público uma produção poética com procedimentos de Xilogravura e monotipia, mídias do campo gráfico.

O título da exposição, 'Gravuras', tem o objetivo de abarcar a produção do artista e professor com a linguagem gráfica bem como sua atuação crítica nas artes visuais alicerçada na pesquisa com vistas à poética e ao ensino, instâncias indissociáveis na prática de Leandro.

'Gravuras', mostra investigações do artista professor com procedimentos da Xilogravura sendo evidenciado o método de matriz recortada desenvolvido por Munch, (1863 – 1944), a técnica de 'matriz perdida', realizada com linóleo que fora aperfeiçoada por Picasso, (1881 – 1973), e procedimentos de monotipia elaborados por Leandro Serpa em seu atelier.

Trata-se de uma exposição na qual a diversidade dos procedimentos e técnicas encontram ressonâncias na pesquisa, na poética e no ensino.

'Gravuras', expõe consumações poéticas cuja origem é um pensamento investigativo e generoso que concebe a obra e a poética a partir das ações de ensino e que tem no ensino a fundamentação poética.

Gravuras, uma exposição, uma forma poética e de ensino.

AGOSTINHO DUARTE galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECO

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O ARTISTA



Fonte: Imagem do Acervo do Artista

Leandro Serpa é natural de Tijucas/SC, onde vive e também trabalha.

Possui Bacharelado em Artes Plásticas e Mestrado em Artes Visuais, na linha de Ensino das Artes.

Atualmente, realiza pesquisas e produção visual em seu atelier, produz exposições coletivas e individuais (de suas obras) e ações de ensino em universidade e nas unidades do Sesc no Brasil - Sesc Sergipe, Sesc Cariri, entre outros.

Realizou duas exposições na Galeria Agostinho Duarte: a primeira, em 2016, denominada "Gravuras", ocorreu por meio de convite; a segunda, realizada em 2018, denominada "A Presença da Matéria", ocorreu mediante edital.

Contato:

Facebook: @serpaleandro36



Fonte: Imagem do Acervo do Artista



Fonte: Imagem do Acervo do Artista

ESCREVO-TE A MIM MESMA DAQUILO QUE ESTÁ ONDE NÃO HÁ



Diane Sbardelotto e Sonia Loren
Período: de 04/08/16 a 02/09/16

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A exposição "Escrevo-te a mim mesma: daquilo que está onde não há" apresenta correspondências entre duas artistas, Sonia Loren (Chapecó/SC) e Diane Sbardelotto (Porto Alegre/RS, que já viveu em Chapecó): elas propõem a caminhada/o deslocamento das cidades onde vivem/viviam como motivador da criação em processo. A partir de trocas de imagens acompanhadas de textos que foram enviadas como perguntas, como provocações ou para narrar histórias que misturam realidade e ficção, cada uma produziu trabalhos em conversas com a outra.

As artistas buscam imagens guardadas e, a partir de questões instigadas pelos diálogos, as paisagens, as personagens, as formas escolhidas e modificadas são trazidas para a atualidade, quando se desenham novos trabalhos e delineiam-se novos sentidos.

Muitas das reflexões se dão a partir da ideia contraditória do que está onde não há, a falar-se de ausência e presença, do que ambas conseguem perceber e tornar visível, onde aparentemente não está, porque o fazem através de imaginários compartilhados.

"O sentimento que aquilo que se procura não é nunca plenamente alcançado leva a uma busca constante que se prolonga, que dura. O tempo da criação está estreitamente relacionado, portanto, ao tempo da configuração do projeto poético. A continuidade nos leva ainda a observar que nunca se sabe com precisão onde o processo se inicia e finda." É como se cada uma estivesse a criar imagens e a escrever para contar a outra alguma coisas que, antes, conta a si mesma.

Contradição?
Não".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

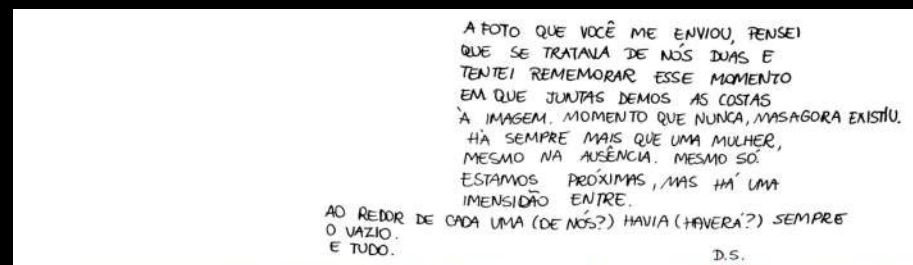
SOBRE A EXPOSIÇÃO

"Sonia viaja para alguns vilarejos milenares entre Alemanha, Áustria e França e recolhe aquilo que, sob algum aspecto do sensível, a atrai. Um modo de se apropriar do mundo. São imagens geradoras de descobertas, que vão além do campo da visualidade. Influenciada pelo cinema e pela literatura, suas imagens são rasuradas, fragmentadas, recriadas para serem vistas e lidas como cartas escritas para si mesma. Através delas, Sonia investiga, cria, procura personagens, quase sempre mulheres, com interesse em suas vidas anônimas. Diane Sbardelotto transforma imagens de seu corpo e de seus lugares (nostálgicos e atuais) fazendo composições com desenhos oníricos, muitas vezes absurdos ou grotescos, mesclando cenas reais com deformações/invenções, e, em alguns momentos, colocando-se como uma personagem procurada por Sonia".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

CARVALHO

Rafael da Silva

Período: de 08/09/16 a 07/10/16



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A exposição nasce como homenagem póstuma ao patriarca dos Silva, aqui representado pela figura imponente de uma árvore. Um carvalho bordado é o ponto de partida para a construção dos demais trabalhos que se interligam por raízes/artérias, criando uma ideia de lembranças pulsantes. Usando roupas e objetos da família como suporte, ele vai costurando afetos e memórias, revisitando seu passado, por vezes atribuindo nova função aos objetos coletados, repensando suas relações afetivas. Há no trabalho de Rafael uma delicadeza bruta, um apego ao passado e a terna valorização dos laços familiares, herança essa do avô, Seu Carvalho Berlote da Silva".

-- Audrian Cassanelli



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O ARTIS- TA



Fonte: Acervo da Galeria do Artista

"Rafael Felipe da Silva tem sua formação em Design Visual-Gráfico e de Produto. Nascido em São Lourenço do Oeste, já morou em Xanxerê, Pinhalzinho, Quilombo, Balneário Camboriú e, há mais de dois anos, reside em Chapecó/SC. No momento, trabalha como diretor de arte; paralelo a isso, atua com gerenciamento de mídias sociais, criação de figurinos para espetáculos de teatro, dança e demais manifestações artísticas. Também trabalha com produção de maquiagem e cabelo para editoriais de moda.

A exposição foi uma homenagem póstuma ao seu avô Carvalho, que faleceu no ano de 2015: "As obras/peças eram ligadas simbolicamente por raízes que saíam de um carvalho bordado em uma camiseta que era de meu avô a diversas outras peças de familiares. As peças me foram dadas por membros da família e sofreram intervenções."

A expografia demonstra essa ligação com fios que passavam pela galeria e interligavam as peças".

-- Rafael Felipe da Silva

Contato: Facebook: @rafazildo / @rafazildodasilva

Behance: @rafazildo



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

ARTE COMO EXPERIÊNCIA

Estúdio Apotheke

Período: de 20/10/16 a 11/11/16



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"O Estúdio de Pintura Apotheke nasce de um desejo compartilhado e comum de pesquisa sobre Pintura e Arte Educação. É um Grupo de Estudos que comporta 23 membros virtuais e presenciais que se reúnem semanalmente e realizam estudos de práticas artísticas e teóricas, compreendendo o processo criativo como uma impulsão para instaurar o pensamento visual. Não se considera um coletivo, apenas um grupo de sujeitos independentes e colaborativos interessados em estudar a Arte como Experiência, A palavra APOTHEKE tem origem grega. O substantivo apotheke designava armazéns do Porto de Atenas na Grécia Clássica; também de origem germânica, indica a origem da palavra botica, boticário ou farmácia. A escolha por essa nomenclatura ao Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke decorre da percepção da botica como um lugar de laboratório, de um labor experimental, o que se aproxima da proposta de um Ateliê. A pintura apresenta-se como eixo norteador para o processo artístico desse Grupo de Estudos, considerando o campo ampliado e seus possíveis desdobramentos para o pensamento plástico-pictórico".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição

EXPOSIÇÃO:
ARTE COMO EXPERIÊNCIA
DE 20/10 À 11/11/2016
VERNISSAGEM DIA 20/10/2016 AS 20:30

O Estúdio de Pintura Apotheke nasce do desejo em pesquisarmos juntos sobre Pintura e Arte Educação. É um Grupo de Estudos que comporta 23 membros virtuais e presenciais, que se reúnem semanalmente e realizam estudos de práticas artísticas e teóricas, compreendendo o processo criativo como uma impulsão para instaurarmos o pensamento visual. Não somos um coletivo. Somos artistas, professores e pesquisadores interessados em estudar a Arte como Experiência.

A palavra APOTHEKE tem origem grega. O substantivo apotheke, designava armazéns do Porto de Atenas na Grécia Clássica; também de origem germânica, indica a origem da palavra botica, boticário ou farmácia. A escolha por esta nomenclatura, ao Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, decorre da percepção da botica como um lugar de laboratório, de um labor experimental, o que se aproxima da proposta de um Ateliê. A pintura apresenta-se como eixo norteador para o processo artístico desse Grupo de Estudos, considerando o campo ampliado e possíveis desdobramentos para o pensamento plástico-pictórico.

COORDENADORIA: Jociele Caspary, Fábio Moutão e Marta Paulo
APOTHEKE: Adilene Kizzi, Ana Conceição, Beto Szostakowski, Carolina Naves, Daniela Kneiss, Fábio Bontade, Fábio Davetti, Marcela, Patricia Assis, José Carlos de Araujo, Juliana Reis Simplicio, Neco Paulo, Raul Roper, Thaisiana Guedes, Victor D. C. Siqueira
IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO: Prof. Dra. Jociele Caspary

APOTHEKE
ESTÚDIO DE PINTURA

UDESC UNCHAPECO AGOSTINHO DUARTE GALERIA DE ARTE

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O ESTÚDIO APOTHEKE

"O Programa de extensão "Estúdio de Pintura Apotheke" é coordenado pela professora Dra. Jocielle Lampert (UDESC) e objetiva oferecer oficinas, micropráticas, minicursos, palestras, aulas abertas e residências artísticas, que envolvam a temática da pintura, para estudantes de Graduação, Pós-Graduação e comunidade acadêmica, assim como a externos a ela, todos que tenham interesse específico na área de Artes Visuais. Com isso, não só oportuniza um espaço para conhecimento e aprofundamento sobre determinadas técnicas da linguagem pictórica, como também promove conversas e trocas de saberes com artistas que tenham conhecimento e notoriedade nesse meio. É também um Grupo de Estudos, com encontros semanais e quinzenais, para estudos teóricos pautados nos pressupostos de Dewey".

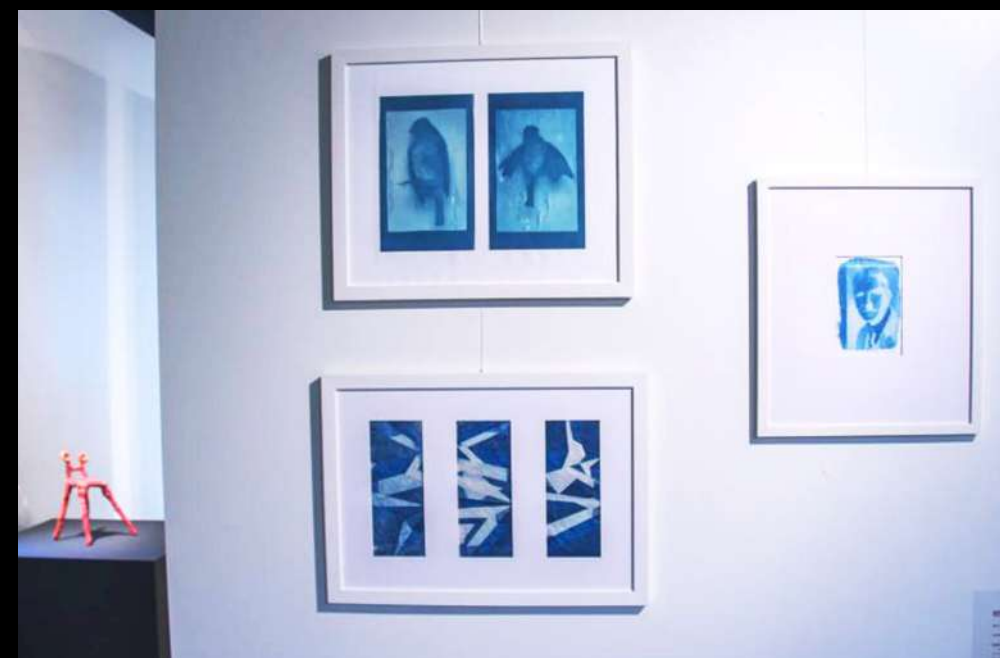
Para maiores informações:

www.apothekeestudiodepintura.com

Fonte do Texto: www.apothekeestudiodepintura.com



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

COLETIVO MIMESE

Acadêmicos de Artes Visuais
Período: de 17/11/16 a 16/12/16



EXPOSIÇÃO
COLETIVO MIMESE
DE 17/11 A 16/12/16
VERNISSAGEM DIA 17/11/2016, ÀS 20H30

ARTISTAS: GRUPO DE ESTUDANTES DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNOCHAPECÓ E ORIENTADOS PELA PROFESSORA ME. JANAINA SCHVAMBACH.

Grupo de estudantes do curso de Artes Visuais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó/Unochapecó e orientados pela professora Me. Janaina Schvambach.

Os trabalhos aqui presentes fazem parte das produções realizadas durante a disciplina de Poéticas Fotográficas na Contemporaneidade.

O coletivo representa a união de 15 estudantes que desenvolveram retratos inspirados em grandes obras de arte. Não se trata de uma cópia, e sim, da construção de uma prática fotográfica que uniu experiências técnicas no estúdio fotográfico, como também, vivências entre produção e execução, exercendo na prática a produção em arte de maneira reflexiva, investigativa e crítica.

Talvez muitos dos estudantes não continuem no caminho artístico, porém é nessas experiências e convivências que nos formamos humanos mais conscientes, sensíveis e empáticos. Fazer arte vai além da mera experimentação, ela constrói sentidos, derruba paradigmas estagnados e acima de tudo, reflete o mundo que vivemos. Capta em sua essência o que se encontra latente ou ignorado e através de seus inúmeros significados transcende o que aparentemente não faz sentido.

Integrantes: Adriano Francisco Silva, Ana Claudia Monari, Diana Letícia Chiodelli, Djonathan Victor Fronza, Fagner Antonio Trentin, Fiamá Reginatto, Gabriela Rodrigues, Jessica Maria Ramos, Kerli Lais Dill, Monica Rita Zanella, Regiane Angélica Eberts, Rodrigo Kuhn Weber, Rosimar Dalla Monta Trierveiler, Sarah Corogodsky Pires, Suzamara da Silva Cavalheiro e Janaina Schvambach.

AGOSTINHO DUARTE galeria de artes

ARTES VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

Integrantes: Adriano Francisco Silva, Ana Claudia Monari, Diana Letícia Chiodelli, Djonathan Victor Fronza, Fagner Antonio Trentin, Fiamá Reginatto, Gabriela Rodrigues, Jessica Maria Ramos, Kerli Lais Dill, Monica Rita Zanella, Regiane Angélica Eberts, Rodrigo Kuhn Weber, Rosimar Dalla Monta Trierveiler, Sarah Corogodsky Pires, Suzamara da Silva Cavalheiro e Janaina Schvambach.



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Os trabalhos aqui presentes fazem parte das produções realizadas durante a disciplina de Poéticas Fotográficas na contemporaneidade. O coletivo representa a união de 15 estudantes que desenvolveram retratos inspirados em grandes obras de arte. Não se trata de uma cópia; trata-se sim da construção de uma prática fotográfica que une experiências técnicas no estúdio fotográfico com vivências entre produção e execução, exercendo, na prática, a produção em arte de maneira reflexiva, investigativa e crítica. Talvez muitos dos estudantes não continuem no caminho artístico; porém, é nessas experiências e convivências que se formam humanos mais conscientes, sensíveis e empáticos. Fazer arte vai além da mera experimentação, ela constrói sentidos, derruba paradigmas estagnados e, acima de tudo, reflete o mundo em que se vive. Esse fazer capta, em sua essência, o que se encontra latente ou ignorado; através de seus inúmeros significados, transcende o que aparentemente não faz sentido".

Fonte do Texto: Cartaz de divulgação da exposição



2017

EXPOSIÇÕES

O ano de 2017 contou com 09 exposições em seu espaço, por meio de seleções via edital, e por convites mediante a Coordenação do espaço. Com temáticas e técnicas contemporâneas, a riqueza de sua diversidade permite o olhar diferenciado do acadêmico da Arte da Instituição, bem como de outros segmentos profissionais e também da comunidade em geral.

ARTE E INCERTEZAS

Professores de Artes Visuais
Período: de 16/02/17 a 17/03/17

"Um coletivo de professores do Curso de Artes Visuais da UnoChapecó apresenta suas produções, transitando pelas suas concepções e técnicas distintas e pelas diversas formas estéticas de falarem da ossatura da realidade, re-contando-a, e fazendo delas obras de engenhosidade. Moreno, Schvambach, Monego, Netto, Vieira e Garlet ensaiam uma leitura via experiência estética das juntas ósseas do mundo contemporâneo enquanto realidade marcada pela incerteza, pela sombra, pelo fugidio, pela fissura, pela tensão, pelo espelho, pela visibilidade e pela invisibilidade, pela instabilidade, pelo desuniforme, pelo híbrido. Falam das coisas que flagram pelas técnicas da fotografia, da instalação, do desenho, da pintura, da prototipagem e pela técnica têxtil, de mundos que se tencionam entre o arcaico e o moderno, entre a natureza e a cultura, entre o real e o virtual, entre o visível e o invisível. Todas elas tensões que revelam e desvelam a potência poética da gramática da criação, conservando sempre o não sabido, o que não pode ser dito, tampouco flagrado ao mesmo tempo. Isso porque a arte não nos apazigua, não nos adocica, mas nos excita, nos tenciona, instaurando sempre solavancos na aparente normalidade da vida cotidiana, das coisas estabelecidas. Nesse sentido, a Arte é sempre perigosa, pois sempre subverte, faz a aparição daquilo que antes não se via. Se a Arte sempre mexe com a aparência – e Platão já disso sabia, pois ela é mimesis –, ela também subverte a aparência – e isso só foi possível na modernidade ocidental a partir de Hegel, filósofo que deu um outro status à Arte no quadro geral dos saberes. Assim, se a Arte se nos impõe, é porque a vida, por si mesma, não nos basta. Necessitamos da Arte, por um lado, e, por outro, ela nos deseja. Assim, somos também o Homo tensus porque sempre tensionados e sem resolução, pois somos originários de um tensionamento Natureza/Cultura, sempre irresoluto".

-- Edivaldo José Bortoleto.



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte

*Para mais informações sobre o grupo dos professores, rever página 58.

TRANSPARECER

Leidiane Leite

Período: de 23/03/17 a 21/04/17

EXPOSIÇÃO
TRANSPARECER
DE 23/03 A 21/04/17
VERNISSAGEM QUINTA-FEIRA DIA 23 ÀS 20H30

ARTISTA: LEIDIANE LEITE

Como inicia-se um processo artístico?

Deparo-me com essa pergunta, pensando em como alcancei o resultado das minhas telas, analisando em como cheguei até aqui. E por mais incrível que pareça, a resposta é muito simples, pois é um retrato meu, nada além do que penso e do que sinto. Sou mulher, e ser mulher é empoderar-se.

Mas, como fazer isso?
Eu uso a arte!
A arte para ser livre, para sentir-se livre e para sentir.

Transparecer, não é apenas uma exposição, é um grito, um sussurro, um descarrego. Afinal, fala de nós. Isso mesmo, de você também! Até porque você sente. Sente opressão, sente-se observada e sente-se usada. Sentir é importante, mas, o mais marcante é o que você faz quando sente.

E, então, o que você sente?

AGOSTINHO DUARTE galeria de artes
ARTES VISUAIS
UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Como se inicia um processo artístico? Deparo-me com essa pergunta, pensando em como alcancei o resultado das minhas telas, analisando em como cheguei até aqui. E, por mais incrível que pareça, a resposta é muito simples, pois é um retrato meu, nada além do que penso e do que sinto. Sou mulher, e ser mulher é empoderar-se.

Mas, como fazer isso?

Eu uso a arte!

A arte para ser livre, para sentir-se livre e para sentir. "Transparecer" não é apenas uma exposição, é um grito, um sussurro, um descarrego. Afinal, fala de nós. Isso mesmo, de você também! Até porque você sente. Sente opressão, sente-se observada e sente-se usada. Sentir é importante, mas, o mais marcante é o que você faz quando sente.

E, então, o que você sente?"

-- Leidiane Leite

SOBRE A ARTISTA



Fonte:
www.facebook.com/leidiane.leite.3

Leidiane Leite é formada em Artes Visuais pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Natural de Riqueza/SC; atualmente, reside em Chapecó/SC.

Contato:
Facebook: [@leidiane.leite.3](https://www.facebook.com/leidiane.leite.3)



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

ESPERA

Marta Facco

Período: de 23/03/17 a 21/04/17



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

ESPERA

"Entre traçados e tramas, delineia-se um trabalho de conexões, no traço e no ato, e Marta Facco explora sua cadeira; dos pés ao céu, surge lânguido quatro apoios que aparam a força densa da vida. Nas tramas das arestas do objeto cadeira, o que se sente é dor, suporta-se um peso que paira entre passado e presente e que encontra, às vezes, uma chave para abrir-se à repetição, criando, assim, o interminável.

Entre objetos e telas, a cadeira é pretexto para experimentação.

Encontram-se cor, forma e tensão nas composições e arranjos tridimensionais, uma espécie de potência suspensa que insiste em permanecer silenciosa, mas que nos persegue e nos arrebatava como um golpe ao acaso.

Da cadeira que me sento à cadeira que se sente, ambas aguentam o peso que se coloca em seu assento; aquela que balança engana o distraído; a que é presa ao chão imobiliza o ansioso. Há também aquela que gira, que muda de posição e que se mostra flexível; porém, a que mais vejo, é aquela que não tem função.

Para esperar, nada melhor que uma cadeira, pois ajuda a suportar o que não vem, e, quando me sento, a espera passa a doer menos. Mesmo pontiaguda, conforta pés que necessitam estar suspensos.

Entre tintas, arames e fios, o trabalho de Marta pulsa como órgão ferido, marca um período de espera que todos temos em comum. Talvez o descanso na cadeira seja o ideal; assim acalentamos nossas dores, mas, ao mesmo tempo, seguimos com a cabeça erguida a vigiar".

-- Janaina Schwambach.

SOBRE A ARTISTA

Marta Lucia Cargnin Facco é natural de Julio de Castilhos/RS, viveu a infância toda em Nova Palma/RS e reside há cinco anos em Florianópolis/SC.

É doutoranda em Artes Visuais na linha de Ensino das Artes Visuais pela UDESC/PPGAV. Mestre em Artes Visuais pela PPGAV/UDESC (2018); possui graduação em Artes Plásticas pela UFSM (2001).

Atualmente, desenvolve pesquisa sobre processo criativo na formação docente, a experiência de ateliê e os documentos de trabalho como relevantes para a formação inicial do professor de Artes Visuais. Expôs na Galeria Agostinho Duarte por meio de convite.

Contato:

Facebook: @martafacco

www.apothekeestudiodepintura.com/quemsomos



Fonte: www.facebook.com/lucia.art.509



Fonte: Acervo Pessoal do Artista

MEMÓRIAS À MESA

Maurício Aschdamini

Período: de 22/06/17 a 31/07/17

EXPOSIÇÃO
MEMÓRIAS À MESA
DE 22/06 A 31/07/2017
VERNISSAGE DIA 22 DE JUNHO - 20H30

ARTISTA **MAURICIO ASCHDAMINI**

O altar diário seria o escolhido para a luz ideal da fotografia. Nem mesmo descrever razões seria imprescindível. Nesses ninhos de humanos ela estaria essencialmente presente. O lugar do assento, todos à volta; arena de afagos mornos de amparo. Quem ali jamais terá se buscado...? Mesa de falas, segredos, sopinhas, festanças, crianças gulosas, enfermos enfatiados. Local calado ao olhar dos livros. Palco de amores pedidos, negados... Cartas escritas ao som de chuvas vespertinas. Pausas reclusas, rezas quietas, promessas cumpridas. Mesa de sonhar, fazer planos. Mesa de augúrios e apostas. Sobre a mesa tudo se expõe – do café à sobremesa. Mesa da primeira e da última ceia...

Texto: Rita Martins

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes
ARTES VISUAIS
UNOCHAPECO

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo do Artista



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo do Artista

"O altar diário seria o escolhido para a luz ideal da fotografia. Nem mesmo descrever razões seria imprescindível. Nesses ninhos de humanos, ela estaria essencialmente presente. O lugar do assento, todos à volta; arena de afagos mornos de amparo. Quem ali jamais terá se buscado...? Mesa de falas, segredos, sopinhas, festanças, crianças gulosas, enfermos enfatiados. Local calado ao olhar dos livros. Palco de amores pedidos, negados... Cartas escritas ao som de chuvas vespertinas. Pausas reclusas, rezas quietas, promessas cumpridas. Mesa de sonhar, fazer planos. Mesa de augúrios e apostas. Sobre a mesa, tudo se expõe – do café à sobremesa. Mesa da primeira e da última ceia...".

-- Rita Martins

SOBRE O ARTISTA

Mauricio Aschidamini é natural de Coronel Freitas/SC, onde reside no momento. Graduado em Comunicação Social Publicidade e Propaganda (2017) pela Unochapecó/SC. Trabalha profissionalmente em um estúdio fotográfico. Nos momentos vagos, desenvolve projetos pessoais e estuda a fotografia enquanto meio de expressão artística, fotografia Fine Arte, Still Life e luz natural de janela. Atualmente, está com dois projetos fotográficos em andamento: um deles continua sendo o 'Memórias à Mesa', exposto na Galeria Agostinho Duarte no ano de 2017. O autor acredita que um projeto não tem ponto final, tem vírgulas, pois, para ele, "a todo momento e período de nossas vidas, podemos acrescentar a partir das percepções que estão em constantes mudanças.

Contato:

Celular: 49 9 8857.2239

Instagram: @mauricioaschidamini

Behance: @mauricio-a7271

BREVE DEPOIMENTO:

Fonte: Acervo Pessoal do Artista



"Memórias à Mesa foi a minha primeira exposição em galeria e por não ter, na época, experiência em curadoria, deixei alguns pontos a desejar. Não que isso tenha afetado o trabalho, pois consegui transmitir a minha mensagem, mas o erro é fundamental para o aprendizado. Graças a esses tropeços, pude entender melhor como funciona o processo de planejamento de um projeto, execução e desenvolvimento de exposição." -- Mauricio Aschidamini



Fonte: Acervo Pessoal do Artista



Fonte: Acervo Pessoal do Artista



Fonte: Acervo Pessoal do Artista

ENTRE CORPOS

Fabio Wosniak

Período: de 03/08/17 a 24/08/17



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Corpo sem Órgãos, termo que Deleuze e Guattari pegaram e articularam com Spinoza e Nietzsche, foi o que me veio à mente e ao corpo quando vi as imagens produzidas, construídas, coladas, justapostas, criadas e inventadas. Afetados, também afetamos os signos, as linguagens, as ideias.

A gente sabe que não se pode andar nu por aí sem um Eu-Identidade-Norma, mas essas figuras se propõem a acabar com os juízos e as moralidades de Deus e dos sujeitos-normas-lei, que são também desses tantos Eus-corpos-regras enclausurados, limites. Transbordar ou bordar os fragmentos é cotidiano. É produção do Corpo Múltiplo, intenso, maquínico e diverso em nós. Eis o que Fábio nos oferta em tantas imagens-corpos. São corpos, mas são como nós, fragmentos, desconstrução do binarismo que os Eus-Corpos-identidades são modelados por normas e leis. É possível, na arte, mas é real, na vida. Desnaturalizar e desbiologizar o que nos impõe vidas-regras para agenciar coletivamente tantos e tantas em mim, em nós.

Como produzir para si um corpo sem órgãos é o título de um capítulo do volume 3 de Mil Platôs de Deleuze e Guattari. Não se trata de um conceito nem de uma noção, mas, antes de tudo, de uma prática ou de um conjunto de práticas. O nome é estranho, mas não se trata de um corpo platônico, submisso à alma, limpo e higiênico, mas um corpo-carne-pulsão-desejo-vida-nua. Múltiplo pode ser o corpo!

"Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo" – diz Zaratustra aos desprezadores do corpo. Mas as figuras de Fábio mostram não um corpo, mas corpos derivados, intensos, múltiplos que agenciam, que interseccionam, que criam imanências, que nos afetam, imageticamente, em/para novos sentidos, práticas, éticas, narrativas e tantas linguagens.

Ruptura é sua linha, desconstrução-devir! Multidão, todxs! Sim, sem marcadores impostos de normas binárias, sem autorreferenciar os mitos de homens e mulheres, de masculinos e femininos, mas trânsito, transgressão... transpondo fronteiras, somos muitxs, tudo em um, múltiplos em nós. Narrativas possíveis! Potências de agir, de agenciar, de se produzir, de muitas corporeidades. Atos!

Descolonizar o corpo, relacionar tantos fluxos, linhas, colas, imagens... desterritorializar o corpo, sem essência, sem modelo, sem sentido, impressões e devires. Corpo-espaco político na luta contra a castração imperativa imposta. Irrompe, cria, inventa outras e outros tantos e tantas, possíveis e intensos. Múltiplos corpos outros. Viva o corpo sem órgãos, viva o corpo múltiplo!"

-- Prof. Dr. Marco José Duarte - UERJ. Rio de Janeiro, inverno de 11 de julho de 2017.

SOBRE O ARTISTA



Fonte:
www.facebook.com/wosniakwosniak

"Doutorando em Artes Visuais na linha de pesquisa de Ensino das Artes Visuais sob a orientação da Profa. Dra. Jocielle Lampert (PPGAV/UDESC); Mestre em Artes Visuais na Linha de Pesquisa de Ensino das Artes Visuais (PPGAV/UDESC); Pedagogo habilitação em S.I. e E. I /2006 e S.E./2012 (FAED/UDESC); Psicanalista; extensão em História, Sociedade e Cultura (PUC/SP) e em Imaginação Infantil e Arte Educação (PUC/SP). Fábio trabalhou como Coordenador, Assessor Pedagógico e Professor de Artes em instituições públicas e particulares de SC e SP. Em São Paulo, Fábio trabalhou, de 2006 a 2011, como Assessor da Prefeitura do Município de São Paulo, em Arte Educação, Brincadeiras e Teatro. Vice-Coordenador da Rede de Educadores de Museus de Santa Catarina - REM/SC (Gestão 2013-2015), membro/pesquisador do Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia - Coordenado pela Prof. Dra. Mirian Celeste Martins (Mackenzie/SP), membro/pesquisador do Grupo de Pesquisa Entre Paisagem (UDESC/CNPQ) e integrante do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke - ambos coordenados pela Prof. Dra. Jocielle Lampert (UDESC). Participa como editor assistente no periódico online Revista Apotheke, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Arte Educação, Arte e Pedagogia, Formação Docente em Artes Visuais".



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Acervo da Galeria Agostinho Duarte

SONO LE TRE

Angelica Luersen

Período: de 31/08/17 a 22/09/17



EXPOSIÇÃO
SONO LETRE
DE 31/08 A 22/09/2017
VERNISSAGE DIA 31 DE AGOSTO - 20H30

ARTISTA **ANGELICA LUERSEN**

Sono le tre (são três horas). A vida passa devagar por entre os canais, ruelas e luzes que pairam como arte na arquitetura. O sol surge como refletor de uma obra clássica e inacabada, renovada pelas histórias, gestos e riso alto das esquinas. Cada passo nessa terra memoriosa é uma viagem. Os bons ventos carregam romance, sonhos e sabores. E nas poças d'água, eu juro, dá pra ver a beleza do passado.

Sono le tre. Hora do movimento, mas não tenha pressa. Não combina com o berço na renascença. Observe, olhe de novo. Consegue ouvir a música que vem daquela janela? Contemple o aroma, sinta o balançar das palafitas. O vinho pode lhe fazer vagar mar adentro. Mas volte. Num piscar de olhos se perde o voo gracioso ou o balançar de um varal.

Sono le tre. As portas abrem. Acabou a sesta, mas tenha calma. Um gelatto ou um café? Energia ou doçura? Escolha o tempo, aconselha de longe o senhor da cantina. É só atravessar a ponte e lá estará ele. Imponente como os leões de Veneza. Ávido como a ragazza que atravessa a rua. Presente como as lembranças de uma bela viagem.

Texto: Greici Audibert

AGOSTINHO DUARTE galeria de artes
ARTES VISUAIS
UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Sono le tre (são três horas). A vida passa devagar por entre os canais, ruelas e luzes que pairam como a arte na arquitetura. O sol surge como refletor de uma obra clássica e inacabada, renovada pelas histórias, gestos e riso alto das esquinas. Cada passo nessa terra memoriosa é uma viagem. Os bons ventos carregam romance, sonhos e sabores. E, nas poças d'água, eu juro, dá pra ver a beleza do passado.

Sono le tre. Hora do movimento, mas não tenha pressa. Não combina com o berço da renascença. Observe, olhe de novo. Consegue ouvir a música que vem daquela janela? Contemple o aroma, sinta o balançar das palafitas. O vinho pode lhe fazer vagar mar adentro. Mas volte. Num piscar de olhos se perde o voo gracioso ou o balançar de um varal.

Sono le tre. As portas abrem. Acabou a sesta, mas tenha calma. Um gelatto ou um café? Energia ou doçura? Escolha o tempo, aconselha de longe o senhor da cantina. É só atravessar a ponte e lá estará ele. Imponente como os leões de Veneza. Ávido como a ragazza que atravessa a rua. Presente como as lembranças de uma bela viagem".

-- Greici Audibert.

COLEÇÃO PAULO DALACORTE

Paulo Dalacorte

Período: de 28/09/17 a 27/10/17



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Resultou desse processo a ideia de desenhar uma coleção focada na tradição gaúcha em gravura, mas capaz de estabelecer uma interlocução com a produção brasileira nesse campo de artes visuais. Isso foi feito. Dotado de grande determinação e persistência, Dalacorte construiu uma coleção privada de arte exemplar: apoiada em uma visão ampla da arte, selecionou artistas e obras significativas e, especialmente, tornou-a apta a circular e a disseminar informações estéticas e culturais. Hoje, muitos brasileiros - o que, certamente, inclui os espectadores dessa exposição - podem conhecer mais a respeito da gravura gaúcha. Graças a essa ação, esse público pode avançar para uma compreensão da produção em escala nacional do campo da linguagem gráfica e a partir desse ponto, construir um conhecimento sobre arte. Não é coisa pouca. A coleção Paulo Dalacorte é uma experiência em curso que expressa uma ação substantiva, construída a partir de um projeto, da capacidade de vencer desafios e, com essa exposição, passa a compartilhar um processo de educação do olhar".

-- George E.M. Kornis.

EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS
PAULO DALACORTE
DE 28/09 A 27/10/2017
VERNISSAGE DIA 28 DE SETEMBRO - 19H

A COLEÇÃO PAULO DALACORTE: UMA EXPERIÊNCIA SUBSTANTIVA

Em fins dos anos 1990, conheci Paulo Dalacorte, e desde então acompanho sua trajetória enquanto colecionador de arte. Na distante cidade gaúcha de Getúlio Vargas, ele começa adquirindo algumas peças, mesmo com uma base material e bibliográfica bastante limitada. Nesse processo, realiza uma inflexão importante: reconhece a necessidade de um projeto capaz de transformar uma acumulação de gravuras em uma coleção de arte substantiva. Essa percepção o levou a me procurar, pois naquele momento eu já possuía uma coleção estruturada e em pleno desenvolvimento. A partir desse instante, passamos a construir um diálogo e um vínculo de amizade que perdura até hoje.

Resultou desse processo a ideia de desenhar uma coleção focada na tradição gaúcha em gravura, mas capaz de estabelecer uma interlocução com a produção brasileira nesse campo das artes visuais. Isso foi feito. Dotado de grande determinação e persistência, Dalacorte construiu uma coleção privada de arte exemplar: apoiada em uma visão ampla da arte selecionou artistas e obras significativas e, especialmente, tornou-a apta a circular e a disseminar informações estéticas e culturais. Hoje, muitos brasileiros - o que, certamente, inclui os espectadores dessa exposição - podem conhecer mais a respeito da gravura gaúcha. Graças a essa ação, esse público pode avançar para uma compreensão da produção em escala nacional do campo da linguagem gráfica e a partir desse ponto construir um conhecimento sobre arte. Não é coisa pouca.

A Coleção Paulo Dalacorte é uma experiência em curso que expressa uma ação substantiva construída a partir de um projeto, da capacidade de vencer desafios e, com essa exposição, com- partilha um processo de educação do olhar.

George E.M. Kornis.
Economista e Colecionador de Arte
Rio de Janeiro - setembro 2017

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

INO
CULTURAL

ARTES
VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

SOBRE O COLECIO- NADOR



Fonte: www.facebook.com/pdalacorte

Paulo Dalacorte é colecionador de Obras de Arte. Acerca disso, George relata:

"Em fins dos anos 1990, conheci Paulo Dalacorte e, desde então, acompanho sua trajetória enquanto colecionador de arte. Na distante cidade gaúcha de Getúlio Vargas, ele começa adquirindo algumas peças, mesmo com uma base material e bibliográfica bastante limitada. Nesse processo, realiza uma inflexão importante: reconhece a necessidade de um projeto capaz de transformar uma acumulação de gravuras em uma coleção de arte substantiva. Essa percepção levou-o a me procurar, pois, naquele momento, eu já possuía uma coleção estruturada e em pleno desenvolvimento. A partir de então, passamos a construir um diálogo e um vínculo de amizade que perdura até hoje."

-- George E.M. Kornis.

Contato do colecionador:
Facebook: @pdalacorte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: www.facebook.com/pdalacorte

INTERAÇÕES: ARTE E CIÊNCIA

Alessandra da Silva

Período: de 01/11/17 a 24/11/17



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

EXPOSIÇÃO
**INTERAÇÕES:
ARTE E CIÊNCIA**
DE 01/11 A 24/11/2017
VERNISSAGE: DIA 01 DE NOVEMBRO - 20H30

ARTISTA: **ALESSANDRA DA SILVA**
CURADORA: **RICARDO GARLET DE PELLEGRIN**

A exposição "Interações: arte e ciência" traz um conjunto de desenhos recentes da artista visual Alessandra da Silva. Os exímios trabalhos exploram as possibilidades de relação entre a arte e a ciência, revelando a potencialidade poética da hibridização da ilustração botânica com a representação de partes do corpo humano.

A motivação de Silva pode ser interpretada como uma intenção de despertar sensações, sentimentos e emoções que a natureza provoca, revelando em seus desenhos os pequenos espetáculos da natureza que ocorrem diariamente.

A percepção equivocada da natureza como um recurso infinitamente explorável induz a uma revisão de valores e atitudes, revelando que é imprescindível enfrentar a incerteza ecológica que vivemos para repensarmos as relações entre o homem e a natureza.

Texto: Ricardo Garlet de Pellegrin - Artista Visual, Pesquisador e Professor

AGOSTINHO DUARTE
galeria de artes

ARTES
VISUAIS

UNOCHAPECÓ

Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"A exposição "Interações: arte e ciência" traz um conjunto de desenhos recentes da artista visual Alessandra da Silva. Os exímios trabalhos exploram as possibilidades de criação entre a arte e a ciência, revelando a potencialidade poética da hibridização da ilustração botânica com a representação de partes do corpo humano.

A motivação de Silva pode ser interpretada como uma intenção de despertar sensações, sentimentos e emoções que a natureza provoca, revelando, em seus desenhos, os pequenos espetáculos da natureza que ocorrem diariamente.

A percepção equivocada da natureza como um recurso infinitamente explorável induz a uma revisão de valores e atitudes, revelando que é imprescindível enfrentar a incerteza ecológica que vivemos para repensarmos as relações entre o homem e a natureza".

-- Ricardo Garlet de Pellegrin.

SOBRE A ARTISTA



Fonte: Acervo da Artista

Alessandra da Silva é natural de Nonoai/RS e reside nessa mesma cidade.

Mestranda em Artes Visuais - PPGART/UFSM na linha de pesquisa Arte e Visualidade. Professora de Arte com Especialização em Ensino de Arte Perspectivas Contemporâneas pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó (2016).

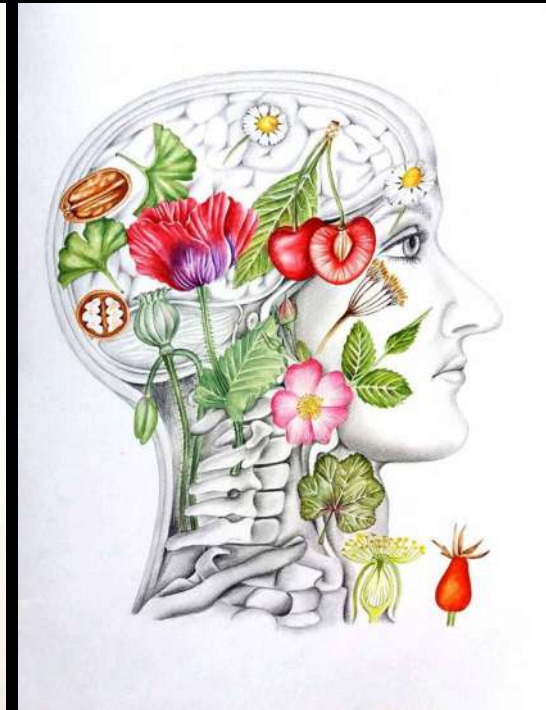
Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade do Grupo UNIASSELVI (2013). É graduada no curso de Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó (2009). Também possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2006). Integrante do Grupo de Pesquisa "Arte, Visualidade" - Artes Visuais/Unochapecó.

Áreas de pesquisa: Arte contemporânea, anatomia e botânica, relações entre arte e ciência, ilustração naturalista, ilustração botânica, história do naturalismo científico e suas relações com arte contemporânea.

Atualmente é bolsista Capes com dedicação exclusiva no PPGART (UFSM), na linha de pesquisa Arte e Visualidade, onde desenvolve a pesquisa: Anatomia e Botânica: Reflexões Subjacentes em Arte Contemporânea.

Contato:

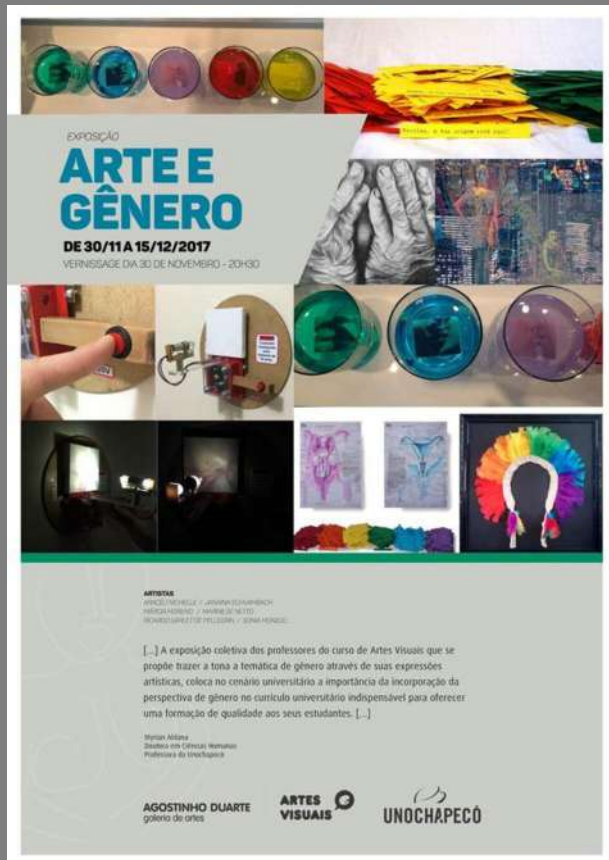
Facebook: @alessandra.dasilva.16718



Fonte: Imagens do Acervo Particular da Artista

ARTE E GÊNERO

Professores de Artes Visuais
Período: de 30/11/17 a 15/12/17



Fonte: Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

"Márcia Moreno, ao referir-se à origem biológica do ser humano, em tempos em que o termo gênero estabelece diferenças entre sexualidade e reprodução, leva-nos a refletir sobre a importância da separação entre reprodução humana e sexualidade. No mundo ocidental cristão, a sexualidade é vista como pecado. Eliminando o prazer, trouxe sérias deformações na compreensão das identidades sexuais.

Ricardo Garlet, em seu trabalho, aborda a presença da representação do nu masculino na arte ocidental, lembrando-nos que, no cenário das discussões de gênero, se dá uma nova visão sobre a concepção dos corpos, afirmando como esses não são naturais, modificam-se e criam-se nas culturas, e cada ser humano o modifica de acordo com sua identidade de gênero.

A norma heterocêntrica estabelecida em nossa cultura, adotada pelas instituições sociais, compondo a hegemonia de uma ordem social estabelecida, produz os preconceitos e as intolerâncias, marginalizando as comunidades lésbicas, gays, bissexuais, trans ou queer, tolhendo a possibilidade de uma vida com mais dignidade, alegria e liberdade. Isso é o que nos alerta a Arte apresentada por Sonia Morengo ao representar as diversas formas de amar que não se encaixam nos padrões binários. De igual maneira, Mari Netto, em seu trabalho, denuncia como, nos processos de colonização e de evangelização da população indígena, a homossexualidade passa a ser julgada como práticas culturais desviantes, provocando sérias interferências na cultura desses povos.

Ao exigir das teorias feministas explicações sobre a dominação masculina, a existência do patriarcado e as violências sofridas pelas mulheres decorrentes desses fatos, a categoria de gênero permite compreender os mecanismos da reprodução permanente da violência de gênero.

Assim, a arte no trabalho de Janaina Schvambach expressa "[...] a sucessão de dias iguais onde o peso de ser mulher esmaga sonhos irrealizáveis". Lugar social atribuído às mulheres pelo sistema patriarcal.

Da mesma forma, Araceli Nichelle aponta o sofrimento da mulher nesse sistema, como algo que compõe sua identidade, deixando marcas que ficam registradas na alma. Contudo, representar a força, a luta e a ação da figura feminina coloca a mulher como protagonista de mudanças indispensáveis na construção de uma sociedade menos desigual".

-- Myrian Aldana.

SOBRE A EXPOSIÇÃO



"A categoria de gênero permite a discussão de diversas temáticas relativas à identidade sexual, identidade de gênero, ao corpo, preconceitos, sexualidade, reprodução, principalmente quanto às concepções necessárias de serem modificadas quando fogem do padrão universal da explicação biológica. É possível ver como essa exposição nos permite reflexões importantes sobre as obras".

--Myrian Aldana.

Fonte: Todas as Imagens do acervo da Galeria Agostinho Duarte

AGRADECIMENTOS

Ao apoio do Estado de Santa Catarina;
À Universidade Comunitária da Região de
Chapecó - UNOCHAPECÓ;
A todos os artistas que gentilmente nos
atenderam;
A Galeria de Artes Agostinho Duarte pelo
acesso à seus arquivos;
A todos que direta ou indiretamente
contribuíram com esta pesquisa.

“A arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, tal como a discursiva ou a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria prima, torna possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos.”

Fonte da citação:

BARBOSA, Ana Mae (org). ARTE/EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: consonâncias internacionais. Cortez Editora. São Paulo. 2017, p. 99.

SOBRE O PROJETO

Contemplação: Edital N.008/REITORIA/2018

Área do conhecimento: Artes

Grupo de Pesquisa: Arte, Visualidade e Cultura

Memorial Visual e Textual das Exposições da Galeria de Artes Agostinho Duarte

Orientadora: Professora Me. Márcia Moreno

Realização da pesquisa: Maio de 2018 a Abril de 2019

Revisão Textual: Dra. Viviane T. Biacchi Brust

Bolsista: Alini Lopes

Projeto Gráfico: Alini Lopes
